

*Manuel's Original*

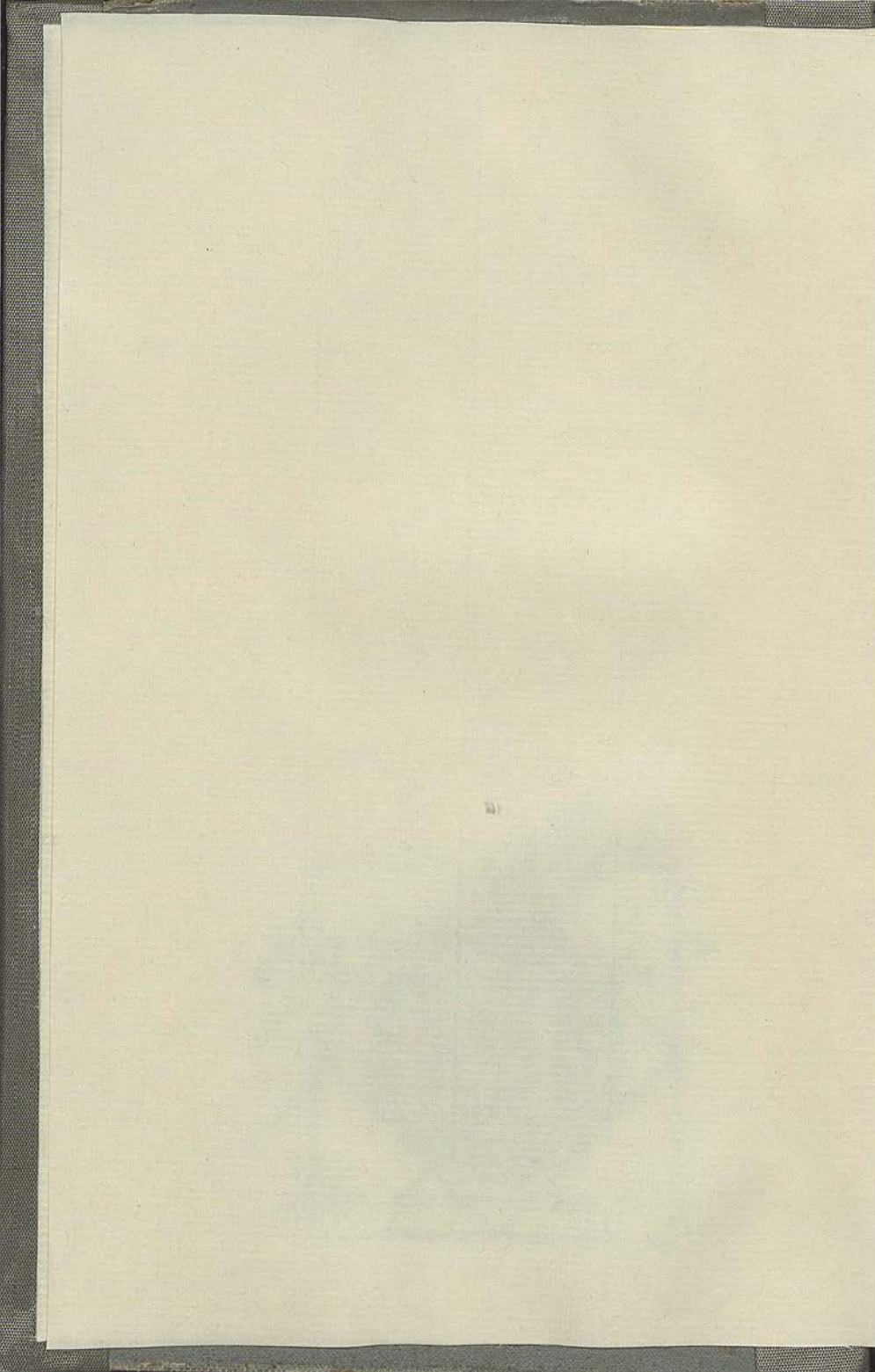


AS

FARPAS

VOLUME 41

EDITORIA  
LISBOA



AS FARPAS



RAMALHO ORTIGÃO

# AS FARPAS

TOMO XI

## ASPECTOS VARIOS

DA SOCIEDADE,  
DA POLITICA, DA ADMINISTRAÇÃO



LISBOA  
COMPANHIA NACIONAL EDITORA  
40, Rua da Atalaya, 42, Lisboa





*Handwritten signature: João de Sousa*

I

Acaba de terminar na camara dos srs. deputados a discussão da nova lei de instrucção secundaria, apresentada ao parlamento pelo actual ministerio. Esta questão é de uma importancia capital. Pelo lado scientifico, prende-se directamente a todos os ramos dos conhecimentos humanos. Pelo lado social, relaciona-se do modo mais intimo com todos os interesses da civilisação. Considero, portanto, este assumpto, de que me apodero, como o mais proprio, entre quantos se possam examinar, para nos fornecer, pela controversia que o constitue, a mais completa medida das idéas em movimento entre as classes representadas na assembléa legislativa.

É no intuito de pôr lealmente nas mãos do leitor essa medida, que empreendemos o presente estudo.

Principiemos pela lei.

O projecto do governo consta de dez capitulos.

No capitulo I classificam-se os institutos de ensino, distribuidos pelo legislador em tres categorias: lyceus de primeira classe, lyceus de segunda classe e escholas secundarias.

Haverá um lyceu de primeira classe, intitulado lyceu central, em cada uma das capitaes e circumscripção escholar, Lisboa, Coimbra e Porto.

Haverá lyceus de primeira classe, não centraes, em Braga, Vizeu, Evora, Angra do Heroismo e Ponta Delgada.

Haverá um lyceu de segunda classe em cada uma das demais capitaes de districto.

Estes estabelecimentos serão sustentados exclusivamente pelo Estado.

Crear-se-hão as escholas secundarias de ensino especial, com applicação ás industrias locaes, em Guimarães, Covilhã e Portalegre, bem como em outros centros industriaes, onde não existam institutos profissionaes.

As despesas de casa e mobilia para as escholas



secundarias ficarão a cargo dos respectivos municípios.

Qualquer corporação, associação ou individuo, poderá requerer do governo a criação de uma escola secundaria em qualquer outra localidade além das referidas, ficando o governo auctorizado a prover a essa fundação, desde que o Estado não dispenda mais que um terço da despesa com o pessoal docente, e pagando o resto o individuo ou individuos que hajam requerido a escola.

O capitulo II refere-se ás disciplinas leccionadas e ao tempo de estudo.

Nos lyceus de primeira classe o curso será de seis annos e comprehenderá as disciplinas seguintes:

Lingua e litteratura portugueza, lingua franceza, lingua ingleza, lingua latina e latinidade, desenho, geographia, cosmographia, chronologia e historia universal, e em especial a historia e geographia politica, commercial e administrativa em Portugal e suas colonias, arithmetica, algebra, geometria, trigonometria e principios de escripturação e contabilidade, sciencias physicas e naturaes, elementos de philosophia e moral e principios de direito natural, civil administrativo e de economia politica.

Além d'isto haverá uma cadeira annexa de lingua allemã e outra de lingua grega.

O governo poderá accrescentar os exercicios gymnasticos ao curso elementar de cada lyceu.

O curso dos lyceus de segunda classe será de quatro annos, e as disciplinas ensinadas n'estes institutos serão as dos quatro primeiros annos dos lyceus de primeira classe, incluindo-se as linguas ingleza e latina.

As disciplinas dos lyceus grupar-se-hão em quatro secções: 1.<sup>a</sup> secção, de linguas, comprehendendo as linguas franceza e ingleza: 2.<sup>a</sup> secção, de letras, comprehendendo a lingua e litteratura portuguezas, a lingua latina e a latinidade: 3.<sup>a</sup> secção, de sciencias, comprehendendo as sciencias mathematicas, physicas e naturaes, e a escripturação e contabilidade: 4.<sup>a</sup> secção, de philosophia, comprehendendo a geographia e historia, philosophia, direito e economia politica.

As demais disciplinas ficarão isoladas.

O numero dos professores proprietarios será de quinze nos lyceus centraes; de treze nos demais lyceus de primeira classe; e de oito nos lyceus de segunda classe.

Nas escholas secundarias o numero dos professores subsidiados pelo Estado não excederá de quatro.

Haverá oito professores aggregados aos lyceus centraes, e poderá o governo crear até quatro loga-

res de aggregados nos lyceus de primeira classe em que a média da frequencia exija o desdobramento dos cursos.

O capitulo III regula a admissão, a frequencia e os exames.

O capitulo IV refere-se aos exames dos alumnos extranhos aos lyceus.

O capitulo V designa o modo de constituir os juries, e fixa a época dos exames.

O capitulo VI trata do provimento das cadeiras.

O capitulo VII taxa o vencimento do pessoal e as propinas.

O capitulo VIII adjudica ao reitor dos lyceus, e ao conselho escolar por elle presidido, o governo e a administração de cada instituto.

Os capitulos IX e X são de disposições geraes e de disposições transitorias.

Fecha o projecto a tabella das propinas para o Estado, fixadas do seguinte modo:

Propina de matricula para os alumnos dos lyceus: Curso elementar: Por cada anno completo ou incompleto 4\$500. Secção complementar dos lyceus de 1.<sup>a</sup> classe: Por cada anno completo ou incompleto 6\$000.

Para os alumnos extranhos, as mesmas propinas de matricula, mais 1\$500 de propina por exame.

Inicia a discussão d'esta lei o sr. Lopes Vieira. Este deputado é professor de medicina na Universidade de Coimbra. Representa trinta annos de idade. Voz debil, pouco nitida e pouco sonora. Elle mesmo parece apreciar mediocrementemente o seu instrumento, ouvindo-o com desdem. Tem a cabeça, louro cinzento, de uma expressão particularmente fina, e um ar fleumatico e grave, que lhe dá uma certa semelhança de aspecto com o sr. Anselmo Braamcamp.

Este orador não combate o projecto do governo. Considera-o um melhoramento sobre a lei vigente, e propõe apenas duas leves emendas.

A primeira é relativa ao agrupamento das linguas vivas por secções, exigindo-se que o professor de cada lingua conheça egualmente a lingua ou linguas da secção respectiva.

O sr. Lopes Vieira entende que as linguas vivas devem ser faladas nas aulas e ensinadas por professores naturaes dos paizes onde ellas são nacionaes. Ora é quasi tão difficil encontrar professores que falem egualmente bem duas linguas tão diversas na sua forma, na sua estructura e na sua pronuncia, como são, por exemplo, as linguas franceza e ingleza, quanto é difficil encontrar um individuo que seja ao mesmo tempo natural de França e natural da Grã-Bretanha.

Versa a segunda emenda sobre uma disposição da lei, que o orador julga incorrecta, e que tem por fim difficultar que os professores accumullem o serviço publico com o serviço extra-official, ensinando nos collegios particulares as mesmas disciplinas em que teem de ser examinadores nos jurys dos lyceus.

Deixo para o fim d'esta resenha as réplicas do relator do projecto e do ministro do reino ás observações de cada orador, e sigo ininterrompidamente, e pela sua respectiva ordem, os discursos dos deputados que discutem a lei.

Toma a palavra o deputado republicano Manuel de Arriaga. Physionomia ingenua e generosa. Porte cavalheiresco, cabelleira loura, fina, sôlta, descobrindo a testa, arrojada para traz, como por um golpe de vento em cima de uma barricada. Olhos azues e luminosos. Voz quente, commovida e entusiastica. Presentemente advogado nos auditorios de Lisboa, o sr. Manuel de Arriaga foi por muitos annos professor publico de instrucção secundaria.

Este orador entende que a lei em projecto não satisfaz as reclamações da opinião publica. A reforma de que se precisa, deveria abranger não só a intrucção secundaria, mas toda a instrucção do paiz.

Insiste na necessidade de estabelecer o ensino industrial.

Pede para os lyceus casas e pessoal condigno, e, referindo-se ao modo como presentemente funcio-  
nam os nossos estabelecimentos de ensino secunda-  
rio, declara que elles não garantem a moralidade  
dos alumnos.

«Se todos os lyceus do paiz, se acham no estado  
do lyceu de Lisboa, diz o orador, não serei eu que  
aconselhe jámais os chefes de familia a mandarem  
alli os seus filhos. N'aquelles immundos corredores,  
onde falta o ar e a luz, não existe o pessoal bastan-  
te para conter na ordem os alumnos e para evitar  
scenas que não dão lustre a um estabelecimento  
do Estado, de indole tão nobre e tão delicada  
como aquelle. É por esse motivo, além d'outros,  
que alguns paes fazem enormes sacrificios para  
educar os filhos em casa ou nos collegios particula-  
res.»

Diz que, tal como a instrucção publica está orga-  
nisada em Portugal, ella não tem até hoje servido  
senão para encher o paiz de bachareis, que vêm  
nos seus titulos litterarios a sua propria inanidade  
e incompetencia para a vida pratica, tendo o bacha-  
relato de obrigar-os muitas vezes, por um falso pon-  
to de honra, a passar a vida na ociosidade e no es-  
quecimento, com grande prejuizo da civilisação,

para não macularem a gloria da carta universitaria a que se acham vinculados.

Comparando os systemas de instrucção na Allemanha e em França opina que é a reforma geral operada em França por Julio Ferry a que nos deve servir de norma.

Sem uma bem organizada direcção superior, sem casas proprias, que não ha, e sem professores idoneos, que tambem não ha, conclue o deputado sr. Manuel d'Arriaga que toda a lei de instrucção secundaria é illusoria e inutil.

O sr. José Luciano de Castro. Antigo ministro do reino, signatario da lei vigente, que o projecto em discussão tem por fim revogar. Quarenta e quatro e cinco annos de idade. Nariz tumido e avermelhado, bigode espesso, cabello empomadado e duro, parecendo penteado com ferramenta de entalhador n'uma cabeça de páu preto polido. Mãos descarnadas e lividas. Gesticula, no genero dos chinezes de pantomima, com os dedos indicadores das duas mãos, movendo-os simultaneamente, já para cima, já para baixo, já para deante, e sempre parallellos. Um estrangeiro que não entendesse a lingua em que elle fala, julgaria, ao vê-lo accionar, que é a historia de dois palitos orphãos, gemeos, sôltos do paliteiro, e vibrantes no espaço em cata de den-

tes, a cousa que elle narra á camara em voz convicta e ferrea.

*Creio que não ha n'esta camara ninguem que não respeite Deus!*—começa s. ex.<sup>a</sup>, e os seus dois dedos ossudos e exangues furam, esticados, na direcção da presidencia.

Como quer que seja, porém, s. ex.<sup>a</sup> não pretende, segundo nos affirma, fazer uma questão partidaria da questão da instrucção publica.

O orador não quer para si a gloria de auctor da lei em vigor, a qual, ao entrar no ministerio, elle encontrou feita por uma commissão extra-parlamentar, nomeada, pelo ministro seu predecessor, Antonio Rodrigues Sampaio, e composta de homens eminentes, entre os quaes figuravam o conde de Casal Ribeiro, o conde de Valbom e o sr. Julio de Vilhena.

Na opinião do sr. José Luciano de Castro, a questão principal na reforma da instrucção secundaria, consiste em *evitar que a concorrência do ensino particular supplante e inutilise o ensino official.*

Para o illustre estadista, a questão principal é esta, e é em tal ponto de vista que s. ex.<sup>a</sup> confronta a lei em projecto com a lei em vigor, concluindo que é inopportuna e intempestiva a reforma que o governo propõe, convindo antes esperar que a lei existente produza todos os resultados beneficos que d'ella justificadamente se esperam, depois de



modificada em alguns leves pontos, contra os quaes a opinião protestou, e que o orador julga util corrigir: taes são as disposições relativas á taxa das propinas, os exames por annos do curso e não por disciplinas, e bem assim a prescripção de não poderem os alumnos repetir em outubro os exames em que ficaram reprovados em julho.

De resto, o orador entende que a nova lei não differe essencialmente da antiga, e que é imperfeita, pela confusão que estabelece entre ensino especial, ensino profissional e ensino technico, mostrando-se impotente nas providencias que toma para obstar a que os professores do lyceu se empreguem no ensino particular.

Emquanto isto se não evitar, diz s. ex.<sup>a</sup> que o ensino official será sempre supplantado pelo ensino dos collegios, e termina opinando que o governo prohiba em absoluto aos professores officiaes o ensinar particularmente.

Segue-se o sr. Bernardino Machado, deputado pela primeira vez n'esta legislatura. Este joven professor da Universidade tem uma reputação estabelecida de grande talento e vasta erudição. É um dos mais celebrados representantes do novo professorado da joven academia, em dissidencia, quasi em revolta com o velho e decrepito instituto. É ci-

tado como um dos typos mais perfeitos do erudito moderno, prófugo do metaphysismo universitario, rhetorico e caturra, versado em toda a historia do experimentalismo das novas escholas na sciencia, na philosophia e na litteratura, possuindo na ponta da lingua o seu Augusto Comte, o seu Darwin e o seu Hæckel, a physica de Helmholtz, a chimica de Wurtz, a biologia segundo Huxley e segundo Tyn-dall, a physiologia de Claude Bernard, de Luys e de Maudsley, os systemas philosophicos de Stuart Mill, de Bain, de Hartmann, de Schopenhauer e de Proudhon, e toda a litteratura dos escriptores naturalistas. Magro, secco, nervoso. Larga testa poderosa, sorriso fino, olhar penetrante, e *toilette* escrupulosissima.

Este orador entende que a lei em projecto constitue um melhoramento sobre a lei vigente, mas que não tem o alcance de uma reforma.

O seu principal defeito, como trabalho de reorganisação, consiste na grave confusão que estabelece entre o ensino propriamente secundario, o ensino profissional e o ensino especial.

Distinguindo estas diferentes categorias da instrucção, mostra que todo o ensino profissional é, por sua natureza, superior. Diz que o ensino especial começa quando um ramo scientifico adquiriu vida propria, possuindo todas as noções ou todos

os principios que as outras sciencias lhe forneceram, e pode desenvolver-se independentemente. Diz-se da sciencia chegada a este gráu de desenvolvimento que ella se *especialisa*.

O ensino secundario é unicamente aquelle que se tem de percorrer desde o ensino primario, ou fundamental, até o ensino especial ou superior.

O ensino secundario tem, pois, de ser multiplo e encyclopedico mas sem especialidade.

Para que a lei em discussão creasse effectivamente, como intenta, uma secção especial de ensino, seria preciso que o curso dos lyceus conduzisse o alumno n'uma determinada direcção unica, desembocando no dominio de um instituto especial. Ora, a secção de estudos no lyceu não conduz directamente a nenhum d'esses dominios: nem ao do Instituto Agricola, nem ao do Instituto Industrial, nem ao do Instituto Commercial. Logo, a instrucção dos lyceus, apesar de pretender ser especial, carece de especialisação.

Segundo o orador, o ensino dos lyceus só se divide, na lei, do ensino das academias e das universidades, para o fim de se diffundir e de se approximar dos povos o mais que seja possivel. Fundamentando historicamente este principio, accrescenta que fôra do desenvolvimento das universidades na Italia, durante o classicismo da Renascença, que

resultara a criação dos primeiros gymnasios e dos primeiros collegios, assim como do descobrimento do novo mundo naturalista pela península proviera o movimento industrial e com elle novas faculdades de ensino, das quaes ainda recentemente sahira a introduccão á historia natural para o curso dos lyceus.

Assim é, logicamente e em boa ordem pedagogica, aos institutos de ensino especial ou superior que compete determinar ou fixar nos lyceus o ensino preparatorio, sendo certo que á fundação de cada novo ensino especial teria de corresponder no lyceu um novo curso diverso no numero e na direcção das aulas.

Depois de bem definida a instrucção secundaria, o que ainda se não fez, cumpriria então ao Estado organisal-a, tanto nos estabelecimentos publicos como nos particulares, exigindo-se diplomas de capacidade pedagogica aos directores dos collegios, creando para esse effeito escholas normaes e cursos de pedagogia, como fez a Allemanha no seculo XVIII, como fez a França no tempo do ministro Duruy, e como trata agora de fazer o Brazil, organisando o ensino modêlo no collegio de D. Pedro II.

O interesse e a segurança da sociedade exigem que os educadores da infancia nos prestem, pelo menos, tantas garantias como as que se exigem aos

medicos sobre a competencia que lhes assiste para o exercicio da sua profissão, porque a saude do espirito não é menos sagrada para o homem do que a saude do corpo.

Fala, a seguir, o sr. Alberto Pimentel. Escriptor publico e poeta. Sensibilisadoramente desolhado, macilento e magro. Gravata em plastron, macilenta como o semblante do orador. Um bigode consternadamente cahido em cima da bôcca abriga-lhe um sorriso murcho de tresnoitado scismador de elegias, e a sua voz plangente tem um tom de melancholia sentimental, levemente minhota.

Não quer dizer que a lei em projecto o satisfaça completamente, e com effeito não o satisfaz. Vae dizer porque. «Porque ella não satisfaz a necessidade de o governo providenciar pelo que respeita ao ensino secundario do sexo feminino.» São as textuaes palavras de s. ex.<sup>a</sup>

«No estrangeiro — exclama o orador — tem-se entendido que a mulher é o melhor estatuario da alma humana, o melhor burilador d'esses diamantes em bruto que se chamam — creanças. Mas para que isto aconteça é preciso que a mulher seja convenientemente instruida e educada; que a sua alma, tambem diamante, seja por sua vez cinzelada. Eu entendo, sr. presidente, que é já tempo de se dizer

á mulher, de uma vez para sempre: tu, que és a rosa, a formosura, sê também o perfume que suavise a intelligencia humana; tu, que és a força na fraqueza, sê o impulso, a origem do movimento no progresso das sociedades modernas; tu, que és a graça na brandura, deves ser o encanto da eschola, o sorriso do ensino, o cantico da instrucção. (*Vozes*: Muito bem). No lar domestico tu és a mãe; mas a eschola é o desdobramento do lar domestico; por isso a tua missão não pode acabar na maternidade.»

Vão vendo como o aspecto das questões varia segundo as consideramos no ponto de vista historico ou no ponto de vista do sentimento poetico! O sr. Bernardino Machado julga que a instrucção dos lyceus é um desdobramento das universidades; o sr. Pimentel entende que ella é um desdobramento dos lares!

O orador não entra em pormenores ácêrca do modo como convém fundar o ensino secundario da mulher. Chama apenas a attenção do sr. presidente para que se constate que elle, orador, não a quer vêr, ella, instrucção, vazada nos moldes de Aimé Martin, que é exaggerado, nem tão pouco, seguindo o exemplo das *Sabichonas* ou das *Preciosas ridiculas* do seculo xvii, descriptas por Molière.

Cita as disciplinas ensinadas em tres diversos in-

stitutos de ensino secundario para o sexo feminino nos Estados-Unidos, e sente que o sr. ministro do reino não tivesse proposto á camara alguma cousa a respeito de tal assumpto.

Como emenda ao projecto em discussão, quereia o orador que o ensino da historia fôsse desmembrado do da geographia e professado em cadeira áparte. Conglobadas essas duas disciplinas na mesma aula, o professor carece de tempo para ensinar cabalmente qualquer d'ellas, e d'ahi resulta que os alumnos nunca chegam a saber a historia de Portugal

Terminando, o orador protesta que tem um respeito profundo pela França e pela sua forma de governo, quer ella seja republicana quer seja monarchica, mas que tem muitas duvidas ácêrca das reformas de Jules Ferry, porque «não pode estar de accôrdo com reformas que arranquem ao templo da primeira infancia a imagem de Christo crucificado, e que risquem a palavra Deus dos compendios de historia patria, como aconteceu ao de Henri Martin.»

Para o sr. Alberto Pimentel «reformas de instrucção que ponham de parte o elemento religioso como principio educativo, parecem-se com a esttua de Nabuco, que tinha a cabeça de ouro e os pés de barro.»

Segundo se lê no *Diario das Camaras*, vozes disseram: — Muito bem! muito bem!

Outro escriptor, que não se parece com aquelle que acaba de o preceder na tribuna. É o sr. Pinheiro Chagas. A sua carnção firme, rosada e nedia, attesta que á porção de idéas assimiladas por este litterato corresponde uma porção equitativa de solidos bifes valentemente digeridos. A sua sobrecasaca abotôa-se confortavelmente sobre esse principio de ventre que arredonda os quarenta annos de todo o homem de bom gôsto. (Haja vista Theophile Gautier, Balzac, Gustavo Flaubert, Zola e os dois Dumas). As bexigas, de que foi atacado o anno passado, não lhe deixaram no rosto outros vestigios além da côr mais encarnada de uma nova pelle. A cabeça, quasi inteiramente branca, acha-se ainda opulentamente guarnecida de cabello espesso e bem penteado, e a sua voz, cheia e bem timbrada, retumba orchestralmente, com as largas sonoridades triumphaes de tribuno festejado e victorioso.

O sr. Pinheiro Chagas descrê inteiramente da efficacia da lei, porque está, de mui longo tempo, habituado a vêr as mais sábias disposições tomadas pelos legisladores sobre este assumpto completamente illudidas e falseadas na prática pelos máus



compendios, pelos máus programmas, pelos máus mestres, pelos máus methodos de ensino e pelos máus methodos de exame.

Cita varios factos do cómico mais picante em abôno d'essa affirmação.

Quer o exame de madureza como titulo de admisión nos institutos de instrucção superior, porque está convencido de que, pelos systemas adoptados, o alumno do lyceu ignora quasi absolutamente, no fim do curso, as materias que apprendeu nos primeiros annos d'elle.

Extranha que o ideal do sr. ministro do reino, assim como do sr. José Luciano de Castro, em materia de instrucção secundaria, consista mesquinamente em anniquilar os estabelecimentos particulares de instrucção, e reprehende os meios pouco liberaes por meio dos quaes se intenta vencer esta rivalidade. «Estabeleça-se a concorrência — diz s. ex.<sup>a</sup> — levantando o nivel moral e o nivel disciplinar dos lyceus, porque então obriga-se os institutos particulares a levantarem tambem o nivel da sua instrucção; mas estabelecer a concorrência no terreno do exame mais barato e mais facil, ao que obriga os institutos particulares, é a reduzirem tambem os preços, e portanto, a rebaixarem ainda mais o nivel da instrucção; obriga-os a substituirem o estudo serio das disciplinas, por isso que se chama o *pre-*

*paro para exame*, o que é uma gymnastica deploravel, em que os *cábulas*, para me servir do termo proprio, representam o elemento essencial.»

A falta de bons professores, que todos os relatorios officiaes confirmam e que nenhuma lei procura sanar, entende o sr. Chagas que é indispensavel remediar quanto antes por meio da creação de escholas normaes, em vez de se continuar a esperar, como até hoje se tem feito, que os bons professores, que não temos, nos caiam do céu n'um dia providencial, sob a forma de maná.

Os compendios acham-se nas mesmas condições lastimaveis em que se encontram os mestres, e para o exame rigoroso dos livros que teem de ser adoptados nas escholas de instrucção secundaria pede o orador a attenção conscienciosa da junta consultiva de instrucção publica, a qual pode, querendo, pôr cõbro a esta calamidade publica.

O sr. Pinheiro Chagas não comprehende que especie de estabelecimento é a *eschola secundaria* que a lei funda, mas que não define.

Não percebe qual a razão por que n'estes cursos de applicação, extremamente difficeis, os professores teem vencimentos inferiores aos dos mestres do lyceu.

Ainda quando os discipulos são os mesmos na eschola secundaria e no lyceu, a retribuição do

professor varia. No lyceu de Braga, por exemplo, o professor de francez ganha 500~~0~~000 réis. Na eschola secundaria de Guimarães o professor da mesma lingua vence apenas 360~~0~~000 réis. O orador desejaria saber se ha um francez de segunda ordem, inferior ao francez de Braga e destinado a ser fornecido com reduccão de preços aos filhos de Guimarães.

De resto, não comprehende tambem a divisão que a lei estabelece entre o ensino classico e o ensino práctico.

Respondendo emfim a um áparte de discurso do sr. Manuel d'Arriaga, o sr. Chagas entende que a questão politica não deve entrar na discussão de materia tão independente da forma de governo como esta de que se trata. Uma boa lei de instrucção pode tão perfeitamente fazer-se sob o ministerio republicano do sr. Jules Ferry, como sob o governo monarchico dirigido por um Bismarck ou por um marquez de Pombal.

Depois do discurso do sr. Pinheiro Chagas, decide a camara que o projecto se acha sufficientemente discutido na generalidade, passa-se á discussão da especialidade, e usa da palavra o sr. Avellar Machado, official de engenharia e deputado por Abrantes, para pedir e justificar a creação de um

lyceu de primeira classe em Santarem, e outro em Faro, além dos designados na lei.

Contra esta proposta levanta-se e protesta com ardor, n'um fogoso improvisado, um cavalheiro chamado Centeno.

O sr. Centeno é deputado pelo Algarve, e não lhe soffre o animo patriótico, que um simples deputado por Abrantes tome as dôres, sob as abobadas d'aquella casa, pelas necessidades de instrucção que possa manifestar a mocidade algarvia.

Que tem o circulo de Abrantes com que os de Faro tenham ou não tenham instrucção secundaria?

Como se esta invasão de mandatos não bastasse para surprehender desagradabilissimamente o sr. Centeno no legitimo uso dos seus direitos intransmissiveis de procurador dos Algarves, dá-se mais ainda que o sr. Sarrea Prado, outro deputado algarvio, acaba de mandar para a mesa uma proposta no sentido da do deputado por Abrantes, para que se crie em Faro um lyceu de primeira classe.

Insidia e traição! Porque elle orador, sr. Centeno, tem alli no bolso, redigida, assignada e prompta, desde sexta feira passada — affirma s. ex.<sup>a</sup> — uma proposta exactamente nos mesmissimos termos d'essas duas, no intuito de a mandar para a mesa, a seu tempo.

Em vista da rascada odiosa que lhe foi armada,

não só pelo de Abrantes, mas também pelo seu proprio patricio, o astuto e insidioso Sarrea Prado, reconhece com dôr o mal-estreado sr. Centeno que terá de ficar no bucho com a proposta redigida desde sexta feira e com o discurso respectivo, destinado a expedil-a para a mesa.

O orador nada mais accrescenta sobre o assumpto.

Vê-se, porém, pelos fogachos que sobem ao rosto do sr. Centeno, ao terminar o seu justo desabafo, que é este um desgôsto que para muito tempo lhe ficará atravessado na guela.

O sr. Bernardino Machado pede um lyceu de segunda classe para Lamego, e propõe que o primeiro artigo da lei seja redigido nos seguintes termos: «A instrucção secundaria tem por fim preparar para os estudos superiores e especiaes.»

É dada a palavra ao sr. Elias Garcia, official do exercito e deputado republicano. Estatura forte e physionomia energica, mas sem o minimo apparatus guerreiro: testa escalvada, olhos pequenos e penetrantes, o nariz curto, o bigode crespo e grisalho. Fala com singular desaffectedação, sem entôno e sem emphase, n'uma simplicidade burgueza e pacifica.

Assignala a contradicção em que incorrem alguns dos actuaes ministros, propondo e sustentando ago-

ra uma lei que não é mais que um complemento da lei de 1880, a qual os referidos ministros, então deputados da opposição, combateram com os mesmos argumentos que se encarregam agora de refutar.

O sr. Julio de Vilhena, por exemplo, lamentava, com respeito á lei de instrucção secundaria do ministerio historico, que ella não viesse á camara acompanhada de uma reforma da instrucção superior, o que é precisamente a mesma coisa que os deputados historicos lamentam agora, por seu turno, com respeito á reforma do ensino secundario desacompanhada da do ensino superior, e proposta pelo ministerio de que o sr. Julio de Vilhena faz parte.

Mostra mais como as verbas do orçamento da instrucção publica se acham sempre em discordancia com os calculos dos relatorios dos respectivos ministros, não chegando nunca a receita ao que elles orçam e excedendo sempre a despeza o que elles taxam.

Consigna e lamenta a descrença com que o sr. Pinheiro Chagas entra n'esta discussão, não esperando cousa alguma das medidas que o parlamento tomar, convicto de que jámais as disposições legislativas se converterão em factos reaes na administração do ensino.

Está completamente d'accôrdo com o sr. Bernardino Machado sobre o character da instrucção secundaria.

Pede a creação de um conselho superior de instrucção publica, e diz que essa fundação foi a base de toda a reforma Ferry em França.

Assim como a maior parte dos deputados que combatem o projecto, o sr. Elias Garcia, acha illogica a divisão das disciplinas ensinadas nos lyceus; não comprehende a distincção feita entre ensino scientifico e ensino classico, e diz que, sobre estes assumptos, o governo não consultou nenhuma das corporações aptas para o elucidar, e resolveu empiricamente, ao acaso.

Tambem não está de accôrdo com a distincção das escholas por categorias de lyceus centraes, lyceus de primeira classe, lyceus de segunda classe e escholas secundarias.

Ha um artigo no projecto em discussão que diz: «O governo poderá accrescentar ao curso elementar de todos os lyceus os exercicios gymnasticos.» Dizer *o governo pode fazer* é o mesmo que dizer *o governo não faz*. O orador considera uma vergonha para o parlamento portuguez, o deixar assim a educação intellectual inteiramente separada da educação physica.

15  
Termina indicando alguns dos inconvenientes pra-

ticos, resultantes das imperfeições da lei que se discute.

O sr. D. José de Saldanha Oliveira e Sousa, é deputado por Evora, bacharel formado em direito e calvo. A sua physionomia, apesar de adornada de um bigode louro, tem, como a sua *toilette* e como a sua palavra, uma gravidade ecclesiastica e uma especie de unção padresca.

Este deputado deseja que se reduza a menos de seis o numero de annos do curso dos lyceus de primeira classe, e a menos de quatro o do curso dos lyceus de segunda classe.

Segundo s. ex.<sup>a</sup>, o grande defeito de todas as nossas aulas, principalmente de instrucção secundaria, é o cançar a intelligencia dos estudantes nas primeiras edades, de maneira que, quando chegam aos estudos superiores, o physico e o moral estão abatidos e acanhados, e o homem que estudou não produz o que d'elle se podia esperar.

Não quereria que o corpo docente das escholas superiores fôsse recrutado exclusivamente, como succede, entre os alumnos mais distinctos que se formam n'essas escholas.

Reprova a inspecção do governo nas escholas de instrucção secundaria. Entende que a vigilancia n'esta ordem de factos cabe aos chefes de familia,



que s. ex.<sup>a</sup> considera os *protectores naturaes das creanças*.

Quanto ao modo de averiguar se os collegios educam bem ou mal, entende que o resultado final dos exames o estabelece e indica.

Acha que é um bem, longe de ser um mal, o serem os lyceus pouco concorridos, porque esta circumstancia deixa mais tempo aos professores para se occuparem dos seus alumnos.

Imagine-se que em cada um dos lyceus do reino se não matriculava senão um alumno; isto seria um regosijo supremo para o sr. D. José de Saldanha, porque lhe daria a mais segura de todas as garantias da boa educação d'esse solitario joven.

Imagine-se tambem que o pae de um alumno dizia ao director do collegio: «Eduque V. o rapaz como quizer, porque eu não entendo absolutamente nada de methodos pedagogicos, e foi para me não occupar d'esses assumptos, porque tenho mais que fazer, que eu lhe confiei o meu filho.» E que o mestre replicava: «Mas eu estou absolutamente no mesmo caso. Tambem não sei nada a esse respeito, e foi exactamente por isso que me fiz director de collegio, unica de todas as profissões para que se não exige habilitações de nenhuma especie.» Dadas estas circumstancias, logo que o governo não intervenha para complicar o problema, o sr. D. José

de Saldanha regosija-se tambem, porque é essa a *protecção natural* da infancia, que este orador tão vivamente deseja se continue a manter independente e exclusiva.

Para o fim de regenerar o ensino tão abatido nas escholas portuguezas, quer o sr. D. José de Saldanha que o *governo recomende com toda a instancia a todos os professores de todos os cursos que no exercicio das suas funcções sejam justos, rectos e imparciaes.*

Chama *ensino atheu* ao ensino independente da educação religiosa, e mostra-se adverso a esse genero de instrucção.

Conta que morou em Pariz n'uma casa proxima d'aquella em que habitava Ernesto Renan, e ahi soube pela vizinhança que este sabio *não punha em execução na vida prática as theorias athéas que lhe eram geralmente attribuidas.*

E' para lamentar que s. ex.<sup>a</sup> não desenvolva um pouco mais este ponto, dizendo-nos quaes são os factos da vida domestica de Renan por meio dos quaes se denuncia ás porteiras dos predios circumvizinhos do d'elle a contradicção que existe entre as theorias litterarias e os actos particulares de tão eminente escriptor.

Posto que isto não interesse muito directamente a organização do ensino secundario em Portugal,

seria interessantissimo saber-se se Renan depois de fazer a historia de Jesus na imprensa, se encafua em casa para lhe fazer novenas em familia!

Para mostrar á camara quão pouco são para desejar as leis sobre instrucção do ministro Ferry, cita o sr. D. José de Saldanha as palávras com que Julio Simon, perante o conselho da instrucção publica em França, em 1882, se considerava feliz em ser bastante velho para se não casar com nenhuma das meninas cuja educação esse conselho ia dirigir.

Respondendo a esta ultima parte do discurso do nobre deputado por Evora, disse mais tarde o ministro sr. Thomaz Ribeiro, que não via duvida nenhuma em que cada um se casasse com as meninas francezas das novas escholas, desde que ellas fôsem virtuosas e bonitas.

Tão bom maganão quão bom catholico apostolico romano, logo que se trate de damas, o festejado auctor do *D. Jayme* não esquece nunca que, dentro da mesma pasta, elle accumula a dupla responsabilidade da instrucção publica e das *Flôres d'alma*.

Pode-o haver mais conselheiro e mais ministro do reino, mais poeta lyrico da instrucção não quero que o haja!

Vae longa esta resenha, e cumpre-me ainda resumir alguns discursos indispensaveis para se formar uma idéa geral d'este debate, no qual devemos supôr patentes todas as grandes fôrças intellectuaes do paiz representado na camara dos srs. deputados. Procurarei condensar, quanto fôr possivel, o resto d'esta exposição.

O sr. Gonçalves de Freitas, joven bacharel formado em direito é poeta lyrico, como o seu collega sr. Alberto Pimentel, e compete energicamente com elle nos dois predicados essenciaes para a convivencia das musas: a magreza e a sentimentalidade.

A pena d'este orador, assim como a do seu co-irmão e co-magro na poesia, o sr. Pimentel, é que a presente lei não tenha para a mulher nem uma disposição, nem um acrostico, nem um madrigal.

*As mulheres são o pedestal do nosso poder*, exclama s. ex.<sup>a</sup>, cravando na assembléa um olhar fanático.

Se o homem não comprehendeu ainda esta verdade — explica o orador — é porque o orgulho humano é cego. Como, porém, domar o nosso orgulho? Pela educação, senhores, pela instrucção da mulher. Logo que se eleve a educação da mulher, abater-se-ha o orgulho do homem, e então, *nos vas-*

*tos dominios do futuro, como s. ex.<sup>a</sup> fogosamente afirma, caminharão de mãos dadas os dois sexos.*

*Não peço um obulo — clama o orador — requeiro uma recompensa.*

O sr. Gonçalves de Freitas leu, sobre este assumpto da intervenção do Estado na educação da mulher, um discurso magnifico de Boucher de Perthes. Este discurso acha-se commentado com fino criterio por Luiz Jourdan. O sr. Freitas tambem leu esses commentarios, e diz que é obra bem feita e digna de ser meditada.

Que o Estado, pois, instrua a mulher! Que o nobre ministro do reino e illustre amigo do joven orador, apostolo fervente de todas as idéas grandes, o acompanhe n'esse intuito.

«Se assim fôr, termina o mavioso deputado pelo Bello sexo e por Porta do Sol, se assim fôr, mais tarde eu bem direi o momento em que ousei vir intercalar esta breve pagina, como pedra sem brilho, entre as joias que teem esmalteado a discussão do projecto. Subindo a esta tribuna, fôram-me talisman tres nomes: esposa, filha e mãe.» (*Vozes: muito bem, muito bem.*)

O sr. Rodrigues da Costa, official do exercito, professor do Collegio Militar, ex-presidente da sociedade dos jornalistas e escriptores portuguezes, e

redactor da *Revolução de Setembro*, propõe que os exercicios gymnasticos e a instrucção militar elementar sejam obrigatorios nos lyceus. Este deputado conhece bem o assumpto de que se trata, fundamenta com bons argumentos a sua proposta, e exprime-se com uma fluencia extraordinaria, genuinamente peninsular, e com um aprumo marcial, quadrando bem ao seu typo physionomico, verdadeira personificação d'aquillo a que, nos antigos romances de capa e espada, e nos *vaudevilles* militares do cyclo de Scribe, se chamava *um bello capitão das guardas*.

Outro escriptor, igualmente redactor da *Revolução de Setembro*, e facultativo militar, o sr. Cunha Belem, deputado por Valle Passos, pede para os lyceus a gymnastica hygienica, a inspecção hygienica e o ensino da hygiene elementar.

Tendo assistido aos ultimos congressos internacionaes de hygiene, este deputado acha-se provido de um grande numero de factos que illucidam perfeitamente a questão de que se trata.

Assim, refere que em 1872 recebiam o ensino da gymnastica em França 13:693 creanças. Em 1876 fundou-se o ensino de gymnastica nos collegios de meninas, e n'esse anno o numero de rapazes que seguiam o curso de gymnastica era de 27:697, e o

numero de meninas 204. Em 1881 o numero de rapazes a quem se dava o ensino da gymnastica subiu a 40:041, e o das meninas a 23,235. Em 1872 o numero dos mestres de gymnastica era apenas de 117. Em 1881 o numero dos mestres era de 592.

Alludindo aos grandes males provenientes da falta de educaçãõ physica, diz que no exercito portuguez a tísica pulmonar arrebatã 33 a 50 individuos por 100 sobre a mortalidade geral.

Desejaria que em cada lyceu se estabelecesse uma piscina de nataçãõ e um picadeiro, e que os alumnos apprendessem a esgrimir, a nadar e a montar a cavallo.

Desejaria egualmente a fundaçãõ de officinas para apprendizagem de officios mechanicos nos institutos de instrucçãõ, mas comprehende que a camara considere como utopias estas arrojadas innovações, que todavia sãõ já realidades adquiridas nos melhores estabelecimentos de educaçãõ na Europa e na America. Nos Estados-Unidos os trabalhos mechanicos dos alumnos das universidades teem um papel importante na industria nacional e produzem uma receita consideravel a muitos estudantes que seguem os estudos superiores com o producto das obras por elles mesmos fabricadas nas manufacturas universitarias.

Nota como, por occasiãõ de se levantar o primei-

ro grande protesto contra o excesso do trabalho dos menores nas fabricas, se levantou egualmente, por parte dos hygienistas, um protesto antagonico contra o excesso do sedentarismo das aulas, e refere-se com elogio ás caravanas de estudantes que, sob a protecção dos seus respectivos governos e dirigidos por um ou mais professores, percorrem a pé durante as férias a França, a Suissa, a Belgica a Allemanha, visitando as grandes fabricas, visitando as bibliothecas, visitando os museus, ou fazendo collecções de mineralogia e de botanica nos montes e nos campos.

Cita egualmente as colonias de estudantes, iniciadas pelo *Club Alpino*, de França, e tão preconizadas no congresso de hygiene de Genebra. Durante as férias os estudantes doentes, fracos, anemicos, constituem-se, por conta do Estado ou dos estabelecimentos de instrucção, em colonias dirigidas por um medico, e vão estabelecer-se entre os pinhaes, á beira do mar os escrofulosos, e nas grandes altitudes os doentes de tuberculose.

Refere-se ainda á influencia desastrosa da escola sem hygiene sobre a myopia, sobre a scoliose, e sobre a gibosidade, deduzindo a necessidade de fundar e de regulamentar solidamente a inspecção medica de todos os estabelecimentos de ensino.

Terminando por alludir á educação religiosa, pon-



to tocado por varios outros deputados, no decurso d'esta discussão, o orador opina que o Estado não intervenha em tal assumpto, que não pertence á eschola, mas sim á familia, e conclue dizendo que, segundo elle: «basta que o deus official se chame *dever*, e que a religião official se chame *consciencia*.»

O sr. Pinheiro Chagas, usando outra vez da palavra para propôr a criação de escholas secundarias e de aulas de ensino especial com applicação ás industrias locais em Guimarães, Covilhã, Portalegre e Caldas da Rainha, refere incidentalmente um capitulo curiosissimo para a historia dos compendios em Portugal. S. ex.<sup>a</sup> dá a camara a extranha e inesperada noticia de um moderno dictionario latino, geralmente adoptado, no qual os professores do lyceu são descompostos nas phrases que exemplificam o emprego e a accepção de certos vocabulos. Por exemplo: a proposito da palavra *mus*, *muris*, o rato, diz o dictionario alludido: *murem sapientem, vel Epiphanum*. Epiphania é o nome de um professor celebre pelo seu rigorismo, que o lexicographo castiga, chamando-lhe, como se vê, *rato sabio*.

Sobe á tribuna o sr. José Dias Ferreira, antigo

professor de Direito na universidade de Coimbra, advogado nos auditorios de Lisboa, chefe do partido constituinte e deputado por Aveiro.

Affectado de um estrabismo convergente, foi em tempo operado pelo especialista Mascaró, o qual tão radicalmente o curou d'essa disposição viciosa, que o olho defeituoso, não sómente cessou de envesgar para dentro, mas começou a envesgar para fora. *Non modus in rebus*. Esta imperfeição não prejudica de nenhum modo a impressão radiante da sua physionomia de advogado astuto, de procurador victorioso e de burguez bem mantido. A sua cabeça volumosa e redonda, liza como se fôsse manufacturada ao tórno, dá idéa, a quem a observa da tribuna, de um cerebro forte, compacto, sem circumvoluções violentas, como convém a uma firme e dominadora mediocridade sábia. Pronuncia com uma nitidez perfeita até a impertinencia, e tem na voz uma sibilação característica, para a qual os seus alumnos na universidade acharam uma imagem expressiva, dizendo que este lente *engulira uma vibora*.

O orador promette não falar em Jules Ferry, nem em Jules Simon, nem na França, nem na Belgica, nem na Allemanha. Protesta não pôr pé fora da fronteira, porque entende que se está a legislar para Portugal e não para os outros paizes do mun-

do. A sua aversão ás excursões eruditas por entre povos estrangeiros manifesta-se, mais particularmente ainda, em um ponto do seu discurso, em que este deputado parece mostrar-se convencido de que Louvain pertence á França, ou que, pelo menos, é o governo francez que sustenta a universidade de Louvain.

Acha inutil que nos lyceus se preparem alumnos para o commercio ou para a agricultura, porque, segundo s. ex.<sup>a</sup>, não ha ninguem que vá estudar instrucção secundaria para ser commerciante ou para ser lavrador.

Diz que os paes portuguezes não mandam os seus filhos estudar nos lyceus senão para terem um doutor, ou magistrado, ou medico, ou engenheiro, ou padre. «Em geral, accrescenta, aqui ninguem se destina á instrucção publica senão para alcançar um emprego do Estado.»

Este é o estado do paiz, e é para um paiz n'este estado que o orador quer que se legisle, e não para a lua.

Afflige-o o estudo do desenho considerado como preparatorio para as sciencias positivas. Não era d'estes sentimentos o naturalista Darwin, que tanto lamentava não saber desenhar.

Sorri desdenhosamente da vantagem de saber latim, achando que esta lingua é inutil a todos os individuos que não sejam theologos.

Por outro lado, lamenta que nos lyceus se não ensine sufficientemente *philosophia*.

Para apprender direito, entende que o latim deve, como preparatorio, ser substituido *por um curso de disciplinas psychologicas*.

É pena que o sr. José Dias, assim como explicou, ainda que em breves termos, a inutilidade do latim no estudo da jurisprudencia, nos não explicasse igualmente as vantagens da psychologia abstracta para a comprehensão do direito. Nada mais curioso do que saber pela experiencia de s. ex.<sup>a</sup> quaes os laços mysteriosos que prendem ao estudo dos problemas juridicos o estudo anachronico das velhas faculdades da alma.

E' tambem pena que s. ex.<sup>a</sup> nos não dissesse o que deviamos entender por *disciplinas psychologicas*, porque desde que a physiologia do systema nervoso demonstrou ha muito tempo que a alma não tem faculdades nenhuma, a cousa a que antigamente se chamava a *psychologia* deixou de existir no quadro das sciencias que têm por objecto o homem.

Julgavamos que desde Claude Bernard, Broca e Luys a esta parte, o estudo das faculdades da alma estava para todo sempre substituido pelo estudo das funcções do cerebro.

Quanto ás noções geraes do ensino militar, o

sr. José Dias concorda em que se introduzam nas eschololas, não nas de instrucção secundaria, mas nas de instrucção primaria. As razões em que este illustre homem de Estado fundamenta a sua approvação á proposta do sr. Rodrigues da Costa, são tão especiaes, que julgo util citar sobre esta materia as textuaes palavras de s. ex.<sup>a</sup>:

«Na instrucção primaria, reputo eu altamente conveniente esse estudo, *para vêr se faziamos perder ao nosso povo o seu horror pela vida do soldado*. A todos os homens publicos deve merecer o maior cuidado este assumpto. Se pudessemos, pela educação, desenvolver na creança, logo nos primeiros annos, o gôsto pela vida militar; se pudessemos, pelo estudo e pelos exercicios, convencer o alumno *de que é menos incómodo o serviço militar do que os pesados trabalhos do campo*, teriamos resolvido o problema mais difficil da nossa vida social.»

Vêmos, pois, que para este insigne estadista a resolução do mais difficil dos nossos problemas sociaes consiste em arrancar os homens á lavoura, para fazer presente d'elles á caserna.

Quarenta mil rapazes robustos e valentes seguiram cantando por cima dos campos as rabiças de quarenta mil arados, semeiam o milho, plantam a cebola, sacham o batatal, podam a vinha, e dão ao Estado em cada anno, pelo minimo dos mini-

mos, quarenta mil alqueires de batatas, quarenta mil rasas de pão, quarenta mil almudes de vinho, quarenta mil cantaros de azeite, e vinte mil bezerros.

N'este estado de cousas, profundamente lastimavel, *o mais difficil de todos os nossos problemas sociaes* está suspenso e sem resolução.

O governo, porém, consegue retirar dos campos esses quarenta mil rapazes, arrebanha-os como carneiros, põe-lhes um uniforme ás costas e prega-lhes um numero na testa, encarrega-os de passear quotidianamente durante duas ou tres horas em frente de uma porta ou em frente de uma estatua, e durante o resto dos seus dias incumbe-os de dormir de barriga para o ar, em cima de uma tarimba, de bôcca aberta ás moscas da possilga, roncando, babados de mercurio.

N'estas circumstancias, o aspecto scientifico dos factos muda completamente de expressão. As trevas da cruel incerteza, que nos opprimia perante o futuro da civilisação, dissipam-se como por encanto, o sol do progresso inunda-nos de luz triumphante, as esferas celestes cantam alleluias, as bandas regimentaes da terra tangem o hymno, e o sr. José Dias exulta, porque em presença d'esses quarenta mil madraços, desfibrados de deboche e prostrados de preguiça, á espera que lhes chegue a tísica, o

sr. José Dias não tem a menor sombra de duvida em que está definitivamente resolvido *o mais difficil de todos os nossos problemas sociaes*.

E para conseguir tão promptos e satisfatorios resultados, quaes são os meios que s. ex.<sup>a</sup> propõe? O estabelecimento do ensino militar nas escholas de instrucção primaria!

Com effeito! é realmente preciso, como o mesmo sr. José Dias affirma, ter feito um bem firme proposito de não pôr o *pé fora da fronteira* no estudo d'estas questões, para estar habilitado a resolvel-as com facilidade tão admiravel, e com lucidez tão portentosa!

Se s. ex.<sup>a</sup> houvesse consentido por um momento em estragar os seus dotes nativos de estadista genuinamente luso, s. ex.<sup>a</sup> ter-se-hia, porcerto, desvairado, ao apprender que na Suissa, por exemplo, primeiro dos paizes em que o ensino militar se introduziu no programma geral do ensino publico, o fim de tal disposição é precisamente acabar com o militarismo, e restituir ao trabalho das industrias, que fazem a gloria das nações modernas, os braços que lhes roubava o exercito.

É para deslocar o ensino militar da podridão das casernas, que elle se ministra nas escholas. O fim da nobre lei que manda ensinar os mancebos a manejar as armas, não é crear candidatos a galuchos:

é educar cidadãos livres, e valorosos, capazes, na primeira contingencia do dever, de largar a charrua ou de dar um pontapé na plaina, para pôr o peito diante de uma bala, para empunhar uma escopeta ou um sabre, e arriscar a vida batendo-se, logo que se trate de defender a sua honra, de defender a sua familia ou de defender a sua patria, sem préviamente haver atravessado essa zona de sordida infecção e de pernicioso impaludismo moral, que se chama o exercito permanente, e onde, pelo mais vil e pelo mais execravel abuso da auctoridade despotica, se pretende ensinar o homem a ter brio e a ter bravura, numerando-o, enfileirando-o como uma bêsta de récua, e obrigando-o a seguir o seu tirocinio de guerreiro levando cannelões do sargento instructor, lustrando as esporas do alferes, engraxando as botas do tenente, e despejando as dejecções do capitão da companhia.

É unicamente na idade tenra da infancia que o exercicio militar é scientificamente contra-indicado para o desenvolvimento normal do homem. As creanças, n'um conjuncto de cincoenta ou de cem, carecem da média de energia indispensavel para certos exercicios collectivos de fôrça muscular, como o manejo da espingarda ou a marcha militar. Se ha meninos que podem perfeitamente caminhar ao passo gymnastico durante meia hora, ha outros para



quem este esforço é impossível, e nada mais antehygienico e mais perigoso do que obrigar creanças de tão desigual desenvolvimento d'ossos, de musculos e de vontade, a enfileirarem á voz de commando para exercicios collectivos, que presumem em todos uma fôrça commum. Por esse motivo os exercicios gymnasticos adoptados nas escholas de instrucção primaria são largamente espaçados por pausas de repouso, são de brevissima duração e executam se sem appparehos alguns que sobrecarreguem o livre jôgo dos musculos. Por esse motivo em todos os paizes de auctoridade pedagogica o exercicio militar está banido das escholas primarias, ao passo que é obrigatorio nas escholas secundarias, e sobretudo nas escholas superiores. Um outro motivo aconselha esta disposição, e é que os meninos *brincam*, isto é, por um impulso natural da sua idade elles empregam a sua actividade physica n'uma série de divertimentos de expansão muscular correlativa á fôrça de que cada um dispõe até a fadiga completa. De sorte que n'essa idade a gymnastica da eschola nem physiologicamente precisa nem deve ter mais do que uma funcção puramente coordenadora. O mancebo, alumno das escholas superiores, em vez de brincar, *contempla*. Assim, ao passo que é preciso regularisar a fôrça de um, é indispensavel sacudir e provocar a do outro.

A Hispanha faz estudar por uma commissão os antigos jogos athleticos nacionaes para introduzir o uso d'elles juntamente com o dos exercicios militares nas suas escholas de educação superior.

O sr. José Dias pede o exercicio militar para a eschola primaria, e contenta-se com essa gymnastica estropiante da infancia como elemento unico da educação physica na mocidade portugueza. Este legislador conhece todavia a universidade de Coimbra, como estudante e como professor, e não pode portanto desconhecer que n'aquelle estabelecimento pedagogico as horas d'ocio nos dias lectivos e todos *os dias feriados se empregam pelos alumnos, estirados nas camas, de patas arriba, lendo romances, fumando cigarros ou jogando a batota.* E é pela continuação d'esse methodo desarticulante de toda a energia, que o sr. José Dias, professor, deseja que a *alma mater* continue a educar homens e a fazer cidadãos.

Pelo que toca aos inconvenientes do ensino nos collegios particulares, o sr. José Dias entende que a imparcialidade e o rigor do jury dos lyceus nos exames finaes bastam para corrigir esse mal. Eis os termos em que s. ex.<sup>a</sup> resume a sua opinião sobre este assumpto:

«O ensino particular não será tão bom como o ensino nos lyceus? Ha opiniões. Mas, supponha-

mos que nos lyceus se estuda melhor. Se eu escolho um jury competente para os exames, que mais quero do estudante?»

S. ex.<sup>a</sup> não quer mais nada do estudante, senão exame bom. E ao pedagogo também não pede outra coisa senão que habilite o menino para um bom exame. Sobre este assumpto o nobre estadista cultivava a theoria do successo e professa com enthusiasmo a maxima jesuitica de que o fim justifica os meios. A educação, para o sr. José Dias, resume-se no celebre *preparo para exame*, tão justamente condemnado pelo sr. Pinheiro Chagas como o cancro da instrucção portugueza.

Mas este joven, approvado *nemine discrepante* em todos os exames do curso completo dos lyceus, não passa, no fundo, do mais réles pelintra. Gastou seis annos da sua vida na intimidade e no exemplo de um asneirão videiro, de um especulador de sôpa cara e mal feita, nullo, impostor e parlapatão, sem idéas e sem gôsto, sem maneiras, sem *toilette*, sem graça, em tôrno do qual successivas gerações de gaiatos crescem a decorar compendios n'uma promiscuidade obscena de camarata e de latrina, sem ter uma só das noções em que se baseiam os sentimentos e as qualidades fundamentaes do homem: a fôrça, a piedade, a rectidão, a altivez e a coragem.

Que importa porém isso ao sr. José Dias? Se elle escolhe um jury competente para os exames, que mais ha de elle querer do estudante?

Dêem a este grande estadista mancebos approvados pelo jury competente; dêem-lhe mancebos que não saibam latim, porque os *Annaes* de Tacito ou as *Georgicas* de Virgilio derrancal-os-hiam ennobrecendo-lhes o espirito no conhecimento das mais bellas obras que creou o genio da sua raça; dêem-lhe mancebos solidos na sciencia metaphysica das faculdades da alma; dêem-lhe, emfim, mancebos que, pelo *preparo* da instrucção primaria, prefiram tarimbar na sordidez servil, a lavrar a terra na fecunda liberdade: e s. ex.<sup>a</sup> será feliz, porque esses serão os homens com os quaes s. ex.<sup>a</sup> ha de restaurar a decencia e a dignidade futura da nação.

O sr. José Dias Ferreira é o chefe de um consideravel partido politico, que por emquanto não foi ainda chamado aos conselhos da corôa, mas no qual uma parte do paiz deposita a confiança mais lisonjeira.

Conheço varios individuos com a mais bella apparencia de instrucção e de bom senso, os quaes, sempre que se trata da decadencia das instituições nacionaes, exclamam convictos e esperançados:

— «O unico homem com idéas e com energia para reformar esta choldra e para metter o paiz a

direito é o *Zé-Dias*.» (Assim lhe chamam, por uma d'essas abreviaturas com que a popularidade usualmente consagra os grandes nomes celebres).

Fala o sr. Mariano de Carvalho, redactor politico do *Diario Popular*, chefe espiritual do partido historico e professor de mathematicas na Eschola Polytechnica. Feições communs, mas physionomia distinctamente expressiva; *cara de gente*, como vulgarmente se diz. A pelle empobrecida d'aquelles que nunca apanham sol, uma pallidez de noctivago, olhar prescrutador e um leve sorriso sardonico, fixo, congelado na bôcca. Ao principiar a falar, em pé, direito e immovel, a sua physionomia tem a expressão dramatica de uma forte commoção dominada, como a que apresenta em duello o individuo collocado a dez passos de um tiro de pistola. É uma figura que fica de lembrança. Quem uma vez o vê não se esquece mais de que olhou para *alguem*. Journalista violento e mordaz, gosa a honra de antipathias profundas, que elle arrosta com o mesmo desdem superior que teem os naturalistas pela resistencia dos coleopteros que colligem, pregando os a alfinetes sobre a superficie de um cartão.

Declara-se abertamente adverso á liberdade irregularmentada, incondicional e quasi absoluta da educação e do ensino nos collegios particulares.

Discorda da noção que teem da liberdade alguns dos deputados que o precederam, e revolta-o o principio do *laisser faire, laisser passer*, preconizado por Bastiat.

Não admite no ensino a liberdade de educar mal ou de não educar, assim como não admite na propriedade a liberdade do latifundio e do baldio.

Assim, propõe que nenhum cidadão portuguez ou subdito estrangeiro possa exercer o magisterio em estabelecimentos particulares de instrucção, sem exame de capacidade feito perante o conselho de algum dos lyceus centraes; e propõe mais que a inspecção do governo sobre os estabelecimentos particulares de instrucção primaria ou secundaria tenha por fim: verificar a capacidade dos directores, mestres e mestras; examinar se são observados os preceitos de hygiene, o respeito á moralidade, á constituição e ás leis do reino, e bem assim colligir e prestar as indicações tendentes á mais conveniente divisão do ensino. Os relatorios annuaes da inspecção serão apresentados ao parlamento. Aos transgressores da lei, que regula as habilitações para o ensino particular, será instaurado processo correccional.

Vota contra a gratuidade do ensino secundario nos estabelecimentos publicos. A gratuidade do ensino, desde que elle não é obrigatorio, parece-lhe

dar em resultado este absurdo: não ser cada um obrigado a pagar a educação dos seus proprios filhos, e ser obrigado a pagar o ensino dos filhos dos outros. Diz que os defensores da gratuidade a justificam pela utilidade social de diffundir a instrucção litteraria, que moralisa o povo e diminue a criminalidade. O orador, porém, está convencido que da diffusão do ensino litterario e scientifico não resulta a moralisação. A funcção do ensino parece-lhe ser tornar a machina homem mais productora. Não crê que a noção do justo se torne mais clara para um individuo pelo facto de elle conhecer a taboada ou de saber onde fica nos mappas Tombuctú. Cita uma estatistica franceza, elaborada pela Academia de Sciencias Moraes e Politicas, na qual se demonstra que, se a instrucção diminue o numero de crimes contra as pessoas, augmenta o dos crimes contra as cousas. Entende que o facto estatistico de haver mais criminosos entre os individuos que não sabem lêr nem escrever, depende da relação em que está o numero de analphabetos para a totalidade das pessoas que compõem a nação. Ha menos crimes entre os que são instruidos pela mesma razão que ha menos crimes tambem entre os que cuidam muito da limpeza do corpo e entre os que se alimentam com luxo. Se o Estado quer diminuir o numero dos crimes, dando instrucção gratuita, de-

ve, com os mesmos fundamentos, tornar gratuitos os banhos perfumados e os banquetes.

Esta theoria da gratuidade é lucidamente exposta e fortemente argumentada; mas não me parece que seja inteiramente segura.

O que determina a predisposição para o crime não é, com effeito, o conhecimento ou a ignorancia de uma ou de outra disciplina do programma geral dos lyceus ou das universidades. O que determina essa predisposição é a depressão do senso moral nos cerebros em disequilibrio de sentimentos de idéas. Equilibrar as intelligencias de accôrdo com as sollicitações do interesse no mundo exterior, em qualquer condição social que o individuo se encontre, é o fim de toda a instrucção bem distribuida.

O Estado tem obrigação de não deixar ficar os espiritos ás escuras, assim como tem obrigação de não deixar ficar a terra ao abandôno.

A ignorancia é na ordem moral o mesmo baldio que o sr. Mariano de Carvalho tão justamente condemna na ordem economica.

A instrucção é uma necessidade social, para a qual todos os cidadãos devem contribuir, ainda mesmo quando não tenham filhos para educar, pela mesma razão por que no imposto se não desconta a um cego o que elle não gasta em gaz, nem a um surdo o que elle não gosa em musica.



Para justificar a obrigação que tem o Estado de vigiar e fiscalisar os collegios, assim como fiscalisa as mercearias, os talhos, as drogarias e as pharmacias, o orador allude á propaganda jesuitica, escondida no ensino de alguns estabelecimentos de educação, e a este respeito cita o collegio de S. Fiel, fundado em 1852, por um padre chamado frei Agostinho da Annuniação, na freguezia do Lourical do Campo, no districto de Castello Branco.

N'esse estabelecimento havia, em 1880, 138 alumnos internos, 6 semi-internos e poucos externos, e um pessoal de 46 individuos: 1 director, um sub-director, 1 supplente, 1 thesoureiro, 11 professores, 3 prefeitos, 3 capellães e 24 creados.

O director é um padre italiano chamado João Baptista Antoni, o qual, perguntando-se-lhe officialmente quem era o dono do collegio, respondeu que não sabia.

Só dois professores vencem ordenado; todos os outros, assim como oito dos creados, são gratuitos.

Toda a gente usa habitos talaes dentro do edificio, cujo valor se calcula em 80 contos de réis.

De onde vem esse dinheiro, assim como o dinheiro preciso para o custeio do estabelecimento? Ninguem o sabe.

A divisa dos jesuitas *Ad majorem Dei gloriam*, assim como o celebre *I H S*, com uma cruz so-

breposta ao *H*, encontra-se por toda a parte, nas portas, nos livros da escripturação, nos compendios, no papel da correspondencia dos alumnos.

Quanto á installação, ausencia absoluta de condições hygienicas.

Quanto á instrucção, eis algumas das respostas dadas pelos estudantes de S. Fiel em exames feitos no lyceu de Castello Branco:

*Da revolução franceza resultaram ainda peores males que da liberdade de imprensa.*

*A monarchia absoluta é notavelmente superior á monarchia constitucional. Não é peccado para um filho matar seu pae, quando seja em serviço de Deus.*

Pormenor curioso: Em frente do collegio ha um numero consideravel de casas, recentemente edificadas onde vivem mulheres sós, na grande maioria novas e solteiras, sendo separadas dos maridos as que são casadas.

Estas mulheres não exercem trabalho algum, teem por directores espirituaes os padres do collegio, e occupam-se unicamente na contemplação mystica e na prece ao divino.

O orador nota que este collegio não é mais do que uma verdadeira congregação religiosa, mui levemente disfarçada sob as apparencias de um instituto de educação leiga.

Accrescenta que a propaganda anarchista, apesar do que recentemente se tem dicto da invasão da sociedade hispanhola da *Mão negra* não tem importancia alguma na sociedade portugueza; mas que é ameaçadora e temerosa a propaganda jesuitica, recentemente manifestada com uma insistencia e uma tenacidade que não convém desprezar.

Refere, como na India, os conegos da Sé de Gôa ousam publicamente reconhecer o *Syllabus*, que as leis portuguezas não reconhecem; como os padres d'Angra, bem como menos ostensivamente os de Coimbra, de Castello Branco e de Braga, promovem manifestações em favor das ordens religiosas; como em Torres Vedras, em Leiria, e mesmo ás portas de Lisboa, se trata de estabelecer verdadeiros conventos, que mais ou menos disfarçados, existem já em Castello Branco e na Covilhã.

Pela sua parte o sr. Mariano de Carvalho declara ser sinceramente e convictamente religioso.

«Quando nas aulas de philosophia — diz s. ex.<sup>a</sup> — pretenderam demonstrar a existencia de Deus com os argumentos da velha metaphysica, tornaram-me profundamente incredulo. Mas quando, elevando-me ás sciencias physico-naturaes e mathematicas, por mais que quizesse não encontrava nem um factor, uma causa que explicasse a origem das

cousas, sem me preocupar com as fórmulas exteriores de cultos (e não quero dizer quaes são as minhas idéas a este respeito, nem preciso, nem sou obrigado a dizel o), convenci-me de que havia uma causa superior á humanidade, que creara o universo e o rege. . . Tornei-me crente. Acreditei n'uma causa superior que preside aos destinos do universo.»

Poderíamos talvez observar a este distincto e illustre professor que desde o momento em que, pela evolução do seu espirito, elle foi levado a perguntar ás mathematicas, ás sciencias physicas e ás sciencias naturaes pela *origem das cousas*, s. ex.<sup>a</sup> abandonou, para formular essa pergunta, o estudo das entidades pelo problema da causalidade e da finalidade, revertendo, por esse modo, para se fazer crente, á mesma metaphysica de que anteriormente sahira incredulo.

Sem entrar, porém, n'essa materia, contentar-me-hei unicamente em observar quanto estas declarações de fé religiosa, em que vemos incorrer quasi todos os deputados que tomaram parte n'esta discussão, como se se tratasse de um congresso theologico, são inopportunas e inconvenientes no seio de uma assembléa legislativa.

Quer-me parecer que todos os oradores, que entraram n'esta materia, a proposito da confecção de

uma lei sobre instrucção secundaria, estiveram fora da ordem.

Se ss. ex.<sup>as</sup> sentiam a necessidade de proceder a uma revisão das suas crenças como fieis, cumpriria tomar esse assumpto para objecto de um debate especial e convidar a mesa a dar Deus para ordem do dia.

Uma vez discutido esse ponto e tendo-se votado por unanimidade que existia Deus, e que todos os senhores deputados alimentavam essa convicção arraigada e profunda, a assembléa voltaria, desobrigada e serena, a occupar-se da organização do instituto de ensino secundario. Porque essas duas questões são inteiramente distinctas, não teem nada que vêr uma com a outra, e não podem, sem a mais grave perturbação, ser conjuntamente estudadas e resolvidas.

O mesmo sr. Mariano de Carvalho diz, fundando-se em palavras da *Revolução de Setembro*, órgão officioso do actual ministerio, que a sociedade portugueza se acha em face de um terrivel inimigo, a reacção clerical, aggreindo o espirito liberal e o espirito scientifico do mundo moderno. «A propaganda jesuitica, affirma o sr. Mariano, é multiforme e disforme, corre disfarçada á custa da nossa negligencia, infiltrando-se no paiz, avassallando os animos fracos de mulheres e creanças, apoderando-

se da instrucção, crente, porventura, no lemma de Leibnitz de que será senhor do mundo quem fôr senhor da instrucção publica.»

Ora, sendo isto verdade, como attestam ou não contestam todos os homens liberaes, que falaram na camara dos deputados sobre tal assumpto, como é que suas excellencias tratam de desarmar o inimigo, cuja presença os inquieta e sobressalta?...

Da maneira mais extranha e pelo processo mais contraproducente, isto é: fazendo intervir a todo o momento o poder de Deus na confecção das leis e declarando superior a tudo esse poder transcendente e eterno, senhor do universo, creador de todas as cousas e regulador supremo e absoluto de todos os factos.

O que é que isto parece, bem no intimo, senão uma das multiplas formas d'essa mesma propaganda jesuitica, de cuja lenta, mas poderosa infiltração diriamos achar-se já penetrada a propria assembléa dos legisladores, que mais se assemelha n'este caso a um seminario de mysticos do que a um concilio de pensadores?

Os senhores deputados liberaes esquecem-se talvez de que é precisamente em nome d'esse mesmo poder, que elles todos invocam como cousa superior a todos os decretos humanos, que os clericaes, seus inimigos, os impugnam e lhes desobedecem.

É em nome exactamente d'essa auctoridade suprema, independente de toda a lei humana, que a propaganda jesuitica oppõe ás prescripções do poder temporal, que os governos representam, as revelações e os dictames da fé, de que os padres da igreja são os unicos depositarios, e os unicos interpretes legitimos.

É em nome d'essa razão final e d'essa fôrça occulta, mysteriosa e omnipotente, perante a qual o poder civil se inclina submisso, que o poder clerical se ergue dominador e nos impõe irresistivelmente toda um aphilosophia, rigorosamente deduzida d'esse principio inicial, e solidamente concatenada em cada uma das suas partes, desdobrando-se nos mais poderosos systemas de governação, de educação e de ensino, e dando origem, com uma nova politica e com um novo direito, a uma nova pedagogia, diversa d'aquella que os poderes seculares organisam e—devemos dizel-o— consideravelmente mais logica e mais firmemente constituída do que aquella que os senhores deputados nos decretam, no meio da vaga oscillação de idéas contradictorias sobre as quaes só pode assentar uma fabrica de confusão e de desordem.

O que determina a phenomenal resistencia e a vitalidade maravilhosa d'essa velha Companhia de Jesus, que todos os governos liberaes procuram

esmagar, que por muitas vezes se tem julgado aniquilada para sempre, e que constantemente renasce e se recompõe sobre o mais pequeno e o mais insignificante dos seus restos, é que os jesuitas sabem perfeitissimamente o *que é que querem*.

Sabem-o do modo mais preciso, mais claro e mais nitido, de sorte que na sua linha de proceder nem um só impulso se perde, nem um unico esforço se inutilisa. Na sua obra, apenas dada a primeira impulsão, por mais ténue que ella seja, tudo se aggrega successivamente, tudo se engloba, tudo se organisa de per si; a primeira idéa posta alastra-se em doutrina, converte-se em systema, transforma-se em dominio, e, se a não arrancarem violentamente d'aquella pequena porção de solo em que começou a germinar, ella cobrirá o mundo.

A fraqueza lastimavel dos partidos liberaes vem do defeito contrario, vem de que elles não sabem o que querem, de modo que querem a cada momento aquillo que lhes não convém, o que os obriga a tergiversar e retroceder no seu caminho, perdendo tantos passos que dão para deante quantos são obrigados a tornar a dar para traz.

Os deputados portuguezes, por exemplo, querem todos Deus. Individualmente não ha n'isso perigo. Mas no conjunto, o resultado é de uma confusão enorme, em que ninguem se entende



Porque se dá uma circumstancia em que suas excellencias não reflectiram talvez ainda convenientemente, e vem a ser: que cada um requer um Deus diverso, um Deus de seu feitio, um Deus a seu modo. Ora o unico Deus que pode constituir elemento organisador de uma theoria geral e harmonica é o Deus theologo, o Deus dos padres, o Deus perfeitamente e plenamente definido em todas as suas partes pela revelação das escripturas sagradas, até o ponto de constituir um facto inteiramente scientifico, um phenomeno positivo e tão perfeitamente claro para o espirito como é a attracção para a materia.

O Deus dos senhores deputados e dos senhores ministros, tantas vezes invocado por suas excellencias, é a mais vaga, a mais confusa, a mais obscura e a mais esteril de todas as abstracções. Não é principio, nem fim, nem razão, nem methodo, nem ordem de cousa nenhuma. Representa o papel exclusivamente rhetorico de uma pura entidade metaphysica, exactamente como a bem conhecida *liberdade*, a qual não serve absolutamente para nada á fôrça de servir para tudo, porque justifica completamente a cousa que pedem estes deputados aqui, e justifica igualmente a cousa contraria que pedem aquelles deputados d'acólá.

Uma assembléa que, para o facto de parlamentar

em nome d'elle, não pode dispôr senão de um Deus em condições tão elasticas, tão indeterminadas e tão indefinidas, faria talvez melhor, em boa politica e em boa religião, não o expondo perante a critica dos seus adversarios a um confronto, que só lhe pode ser desfavoravel.

Na consciencia de cada individuo, Deus, qualquer que seja a comprehensão que se tenha d'elle, é uma lei fecunda e sagrada.

Introduzido nas leis de uma sociedade cuja organização não seja puramente theologica, Deus é um elemento dissolvente e perturbador de todo o corpo de doutrina civil.

É indispensavel desenganarmo-nos de uma vez para sempre, que Deus official não ha senão um verdadeiro; e esse não é o do sr. Mariano de Carvalho, nem o do sr. Arriaga, nem o do sr. D. José de Saldanha, nem o do sr. Alberto Pimentel, nem o do sr. Thomaz Ribeiro, nem o do sr. José Luciano de Castro.

O verdadeiro Deus official é unicamente aquelle que está officialmente reconhecido, definido e demonstrado, e esse é o Deus da Igreja, o Deus dos padres.

O Deus da camara dos deputados não serve para nada, porque ninguem sabe o que elle é. Para que suas excellencias pudessem ter o direito de o invo-

car, seria preciso que primeiro cumprissem o dever de o definir.

Mas o paiz não os mandou lá para fazer theogonias ; mandou os fazer leis.

O deputado sr. Illydio do Valle, professor da Eschola Medico-Cirurgica do Porto, relator do projecto, responde pacientemente com grande clareza e notavel erudição a cada um dos deputados que impugnam o projecto. Dispensô-me de citar as suas opiniões porque ellas se acham expressas em resumo nas disposições da lei.

O ministro sr. Thomaz Ribeiro diz que o projecto tem modestamente por intuito dar satisfação aos muitos pedidos de reforma da instrucção secundaria, que vinham de toda a parte do paiz. Sua excellencia concorda em que não são boas em geral as casas em que se acham estabelecidos os lyceus do reino. Vae apresentar á camara uma proposta de lei para ser auctorizado a edificar o lyceu de Lisboa. Diz que veiu ao governo no *tempo das vacas magras*, que são mui escassos os meios de que o Estado pode dispôr, e não lhe parece prudente que se posponham todas as outras necessidades á da edificação de casas para os lyceus.

Quanto ao factô de não parecer sufficientemente garantida a moralidade nos estabelecimentos pu-

blicos de instrucção secundaria, responde o senhor ministro indirectamente: «Não quero dizer que haja ou possa haver receio de as familias mandarem os seus filhos para os institutos do Estado; mas, a haver algum receio, talvez os institutos do Estado dêem n'esta parte maiores garantias, ou pelo menos tantas como os institutos particulares.»

Quer isto dizer, me parece, que, segundo a opinião, de s. ex.<sup>a</sup>, em pontos de immoralidade os collegios particulares estão tão máus ou peores do que os lyceus.

Concorda em que é mistér organizar um conselho superior de instrucção publica, e accrescenta que, antes de tudo, é indispensavel crear para a instrucção publica um ministerio especial.

Referindo-se uma segunda vez ao projecto que se discute, diz que elle não chega a ser uma reforma da instrucção secundaria; *offerece apenas algumas emendas, algumas aclarações e umas pequenas alterações de redacção á lei de 1880.* Taes são as textuaes palavras do sr. ministro.

Do conjuncto de todas as opiniões resulta com evidencia:

Primeiro. — Que é pessima a organização da nossa instrucção secundaria.

Segundo. — Que o ministerio e o parlamento são

inhabeis, e o confessam, para fazer a reforma de que se precisa.

Terceiro. — Que a criação de um conselho superior e de um ministerio da instrucção publica são os recursos para que appellam a camara e o governo, no intuito de dar remedio a este estado de cousas.

É má a organisação dos lyceus, e máu o plano de estudos, são máus os mestres, máus os compendios, máus os edificios.

Não se ensinam as linguas vivas, como affirmou o sr. Lopes Vieira.

Não se apprende a geographia nem a historia de Portugal, como diz o sr. Alberto Pimentel.

O sr. D. José de Saldanha acha o curso excessivamente longo.

O sr. Bernardino Machado acha o mesmo curso nimiamente breve.

Os compendios, além de pessimos, são tão numerosos, que ao sr. Pinheiro Chagas parece que metade da população em Portugal vive de requerer empregos publicos, e a outra metade de fazer livros para as escholas.

Segundo o sr. Cunha Belem, não ha inspecção medica nos institutos do Estado.

Segundo o sr. Mariano de Carvalho, não ha fiscalisação de especie alguma nos collegios e nas escholas particulares.

A educação physica está completamente abandonada, como refere o sr. Elias Garcia.

Os professores publicos, que constituem o jury dos exames, carecem de moralidade, no entender do sr. José Luciano de Castro, ex-ministro dos negocios do reino.

Das affirmações do sr. Pinheiro Chagas deprehende-se ainda que a administração não administra nem faz cumprir as disposições da lei sobre este ramo do serviço publico, e que a junta consultiva não consulta ou consulta mal ácerca das questões sujeitas á sua apreciação e exame.

A ordem, que preside á educação nos estabelecimentos do Estado, é de tal modo concebida que o sr. Manuel d'Arriaga, antigo professor no lyceu de Lisboa, aconselha os chefes de familia, do alto da tribuna parlamentar, a que não mandem nunca seus filhos a esse antro de corrupção.

O sr. ministro do reino, Thomaz Ribeiro, entende emfim, e declara-o categoricamente, que os collegios particulares não dão mais garantias de moralidade do que os institutos publicos.

Esta affirmação do senhor ministro é perfeitamente exacta. Na direcção dos nossos collegios de educação falta absolutamente a sciencia de educar. Não é preciso visitar os edificios para o averiguar; basta vêr os collegiaes nos exames e basta vel-os a

passar na rua, em récuca, humildes, acabrunhados, lugubres, pisando os calcanhares uns dos outros, e acertando o passo entre si ao compasso do bengalão do prefeito, como pequenos carregões de chinguiço conduzindo a páu e corda o andor da disciplina.

Que significa esta deprimente e humilhante servidão, que dá aos jovens cidadãos, que estudam n'um estabelecimento de educação, o aspecto vergonhoso de um destacamento de forçados da antiga calceta, amarrados uns aos outros pelo cadeado da grilheta? Nos paizes livres ensinam-se os homens desde pequenos a usarem a liberdade e a não se prenderem uns aos outros senão pela solidariedade e pela responsabilidade do dever. Se os collegiaes não teem capacidade para passearem dignamente sós, como o primeiro apprendiz de tecelão ou de sapateiro, que os seus educadores lhes dêem essa capacidade, porque foi para isso que se incumbiram de os educar. Um rapaz, que aos doze ou quinze annos precisa ainda de trazer ao lado um labrego armado de uma canna da India para o conter no decôro, é a refutação viva e ambulante da efficacia da educação, de que foi objecto.

Nos exames é deploravel o aspecto dos alumnos internos dos collegios de Lisboa. São em geral debéis, macilentos e sujos. As mãos suadas e molles

denotam ao primeiro aspecto a inhabilidade e a inaptidão para todo o trabalho material. Teem as cabelleiras espessas de caspa, nodoas no fato e os sapatos por engraxar. Effectivamente elles não fazem nada d'aquillo que todo o homem deve aprender para occorrer de per si só ás primeiras necessidades da vida e da convivencia social. Falta-lhes em absoluto a educação pratica.

Nos internatos appensos aos grandes institutos de ensino em Inglaterra como Eton-College, cada alumno faz a sua cama, limpa o seu quarto, escova o seu casaco, prega os botões cahidos do seu collete, engraxa as suas botas e prepara o chá e os ovos quentes do seu almoço sobre uma trempe applicada a um bico de gaz, por cima da sua banca de trabalho. Nos pensionatos inglezes, dirigidos de ordinario pela familia de um professor, ha apenas uma creada que cozinha o jantar.

Todo o collegio de dormitorio commum, de rouparia commum, de lavatorio commum, em que o estudante abdica inteiramente da sua individualidade para se converter n'uma simples machina de aprender verbos e de fazer exames, não passa para todos os effeitos pedagogicos, qualquer que seja o apparatus externo da sua installação, de uma possilga infecta.

Ao lyceu, sustentado e dirigido pelo Estado, com-



petia dar o modêlo e a norma aos estabelecimentos de ensino particular.

Mas nos lyceus dá-se aula apenas. Essa aula é pessima, mas, para attenuação d'este mal, ha a vantagem de que tambem alli se não dá mais nada. Os alumnos do lyceu entram no estabelecimento quando muito bem querem, e saem quando muito bem lhes parece. Não ha direcção geral, nem policia, nem vigilancia. Um guarda que ganha 400 réis por dia, ou um soldado, mantém a ordem nos corredores. Não ha portaria, não ha sala de espera, não ha salas de estudo, e — particularidade expressiva — não ha um unico gabinete de lavatorio!

Para que o lyceu operasse ao cabo de um anno de exercicio a reforma completa ou a anniquilação absoluta de todos os collegios de Lisboa, bastaria simplesmente, quaesquer que fôsem os programas de ensino, que no lyceu se estabelecesse a ordem interna. Isto é: Que se prefixasse a hora da entrada ás 8 horas da manhã e a da sahida ás 5 da tarde. Que uma parte do pessoal docente fôsse revezadamente obrigado a permanecer no edificio durante esse espaço de tempo. Que desde o momento da primeira chamada, até o momento da sahida, nunca mais o alumno fôsse abandonado pela vigilancia dos seus pedagogos. Que ao meio dia uma sôpa quente e uma sandwich de carne fôsse minis-

trada aos alumnos pelo preço do custo, e que, em todo o tempo restante, o trabalho fôsse devidamente distribuido pelo estudo dirigido pelos mestres nas salas de estudo, pelas licções nas differentes aulas, pelos exercicios gymnasticos, ou mais vantajosamente, pela gymnastica applicada a um officio mechanico *obligatorio* para todos os alumnos matriculados na escola, pelo exercicio militar, pelo solfejo, pelo canto choral.

Para estes effeitos é indispensavel um amplo pessoal docente composto de professores effectivos e de professores aggregados, de modo que um professor corresponda sempre a cada turma de quarenta alumnos nas aulas, e a cada turma de vinte nas salas de estudo.

È preciso que a eschola normal, em que importa converter o Curso Superior de Lettras, ministre ao professorado individuos perfeitamente instruidos e habilitados, e que o lyceu seja para a habilitação do professorado o complemento prático do Curso Superior de Lettras.

A primeira necessidade impreterivel para o estabelecimento d'esta ordem de serviços é a construcção de um vasto edificio scientificamente apropriado ao fim a que se destina um lyceu : rodeado de um parque, largamente illuminado e ventilado, com altas salas de licção e de estudo, pateos de formatura e

de gymnastica cobertos de vidro durante o inverno, sala de bufete, vestiarios, lavatorios, etc.

A maxima vergonha pedagogica da sociedade portugueza é a de não haver na capital um edificio publico em que se ministre a instrucção secundaria. Os monumentos d'esta ordem são a gloria das mais pequenas cidades da Suissa e da Alemanha.

Na longinqua cidade de Buenos Ayres, n'uma republica transatlantica, de formação tão recente que aos nossos olhos se esboça apenas vagamente sobre o selvagismo patagonico, o Estado, dentro de um só anno, construiu quarenta edificios escolares, alguns dos quaes são verdadeiros palacios sem termo de confronto na cidade de Lisboa.

Seria depois de installado o ensino n'um edificio d'essa ordem, seria pela prática assidua da pedagogia sériamente applicada, seria pela attenta observação do estudo na convivencia demorada e intima dos professores e dos alumnos, que logicamente se faria a escolha dos compendios e a renovação d'elles, a determinação dos programmas, a distribuição das materias pelos differentes annos do curso, e se tomariam todas as demais disposições de applicação e de methodo relativas ao modo de ensinar, porque problemas de tal natureza technica é na prática das escholas que se estudam e se resolvem, e não nas

secretarias do Estado ou nas camaras legislativas, estações absolutamente incompetentes e inaptas para tratar de tal assumpto.

O lyceu não pode dar nem se lhe deve pedir que dê a educação moral ou a educação religiosa, que serve de base psychologica á formação inicial do character. Essa parte da educação é sómente a familia que a ministra, porque sómente a familia pode ensinar pelo exemplo dos actos e pela prática dos affectos, — unico meio de ensinar as cousas do sentimento.

A sagrada obrigação do lyceu é porém de manter uma tão rigorosa, tão assidua, tão íntima vigilancia no emprêgo da fôrça intellectual e da fôrça phisica do alumno durante todo o tempo em que elle lhe é confiado — oito ou nove horas por dia — que nem uma só molecula, que nem um só átomo da energia proveniente da educação da familia seja susceptivel de extraviar-se ou de extinguir-se.

A moral do lyceu é a disciplina.

A eschola prática da methodologia na confecção dos compendios e na elaboração dos programmas no regimen do lyceu, é a disciplina.

A base prática, fundamental, irreductivel, de toda a reforma e de toda a legislação regulamentar da instrucção facultada no lyceu, é a disciplina.

Ora no lyceu de Lisboa, estabelecido n'um velho

e immundo predio burguez de quarta ordem, acabamos de vêr, pelas mais formaes e authenticas declarações feitas ao paiz do alto da tribuna parlamentar, que ha tudo quanto existe de mais pernicioso no ensino: ha mestres máus, ha compendios absurdos, ha programmas tumultuarios, ha desleixo, ha cabulice, ha porcaria, ha desmoralização...

E não ha disciplina.

Esta falta — é preciso dizel-o sem rancor, sem rhetorica, claramente, simplesmente, veridicamente — esta falta representa o maior crime de que pode ser delinquente um Estado.

A immoralissima sophisticação do primeiro ensino do homem, a que se chama a instrucção secundaria em Portugal, quer ella se propine no lyceu, quer se propine nos collegios particulares, naturalmente organisados á imagem e semelhança do lyceu, é o desvairamento, por solução de continuidade obrigatoria na tradição da familia e do lar; é o envenenamento, não sómente tolerado, mas estabelecido, regulamentado e estipendiado pelos poderes publicos, das fontes domesticas, da religião e da moral; é o abastardamento e a degeneração do character nacional pelas instituições nacionaes; é na roda dos expostos do ensino publico a cavilosa troca dos nossos filhos, restituindo a cada mãe um pulha em vez de um homem: é finalmente a condem-

nação de cada geração nova á progressiva decadência; é, em summa, o fim da raça.

Parece achar-se sufficientemente demonstrado que perante a concorrência europêa não podemos já hoje ter colonias, nem ter exercito, nem ter marinha, nem ter industria, nem ter riqueza. Se o Estado é impotente para que tenhamos pelo menos educação, perguntamos para que é que nos serve continuar a ter um governo.

Pode-se oppôr que o Estado carece dos recursos pecuniarios indispensaveis para realisar a reforma que se precisa. Esta objecção carece de fundamento, porque todos os dias vêmos malbaratar na organização de novos serviços de uma importancia extremamente subalterna, comparada á da educação nacional, sommas muito superiores ás do custeio dós mais perfectos lyceus.

Admittida, porém a falta absoluta de meios, restam ainda tres expedientes que tomar. O primeiro é fazer pagar pelos alumnos os encargos da educação bem feita. O segundo é fechar os lyceus, subsidiar os collegios particulares, impôr-lhes um regulamento e uma fiscalisação, exigir dos directores as devidas habilitações pedagogicas, e obrigar-os a prestar todas as garantias de uma educação bem fundada e de um ensino bem feito. O terceiro é pôr inteiramente de parte esta questão até que haja o

dinheiro preciso para lhe dar uma resolução prática e abandonar á liberdade e á iniciativa dos cidadãos todo o serviço da instrucção secundaria.

Tudo será melhor do que continuar a manter á custa do Thesouro, e sob o nome de lyceus, estabelecimentos da natureza d'aquelles que a propria camara dos deputados acaba de nos descrever.

Quanto á organização da instrucção secundaria, é evidente que a verdadeira theoria é a que foi exposta pelo sr. Bernardino Machado, com uma lucidez que eu lamento não ter talvez transplantado completamente para o extracto que fiz do notavel discurso d'este deputado.

A instrucção secundaria deve ser encyclopedica e deve constar da parte abstracta de todas as sciencias que as escholas superiores, as escholas espeziaes, as escholas de applicação, e as escholas profissionais teem por fim ensinar na sua parte concreta. N'este ponto de vista pedagogico, assim como no ponto de vista historico, os lyceus são effectivamente, como disse o sr. Bernardino Machado, um desdobramento das universidades, e é aos estabelecimentos de ensino superior que compete determinar as materias do ensino secundario.

Uma vez adquirido e bem fixado este ponto de

partida, todo o problema de instrucção secundaria se resolve do modo mais simples.

Desde que são os institutos superiores que teem de especificar a natureza e de delimitar a área do ensino secundario, é claro que são esses mesmos estabelecimentos superiores os que logicamente devem tambem, além de confeccionar os programmas dos lyceus, preparar e julgar os professores que tem de pôr em execução esses programmas, e bem assim de escolher e de approvar os compendios pelos quaes hajam de se estudar as disciplinas a que os programmas se referem.

Logo que isto se achar legalmente estabelecido, a instrucção secundaria estará fundada solidamente nas suas verdadeiras bases, e todas as demais difficuldades desaparecem, todas as demais questões, que envolvem este problema, se dissolvem.

Os institutos de ensino secundario teem por fim preparar os alumnos para o accesso aos institutos superiores. Eis a base fundamental. D'aqui resulta que o ensino dos lyceus se dividirá em tantas secções quantas são as diversas divisões da instrucção superior em que o ensino secundario entronca.

De quantos annos ha de constar o curso de cada uma d'essas secções? Mas, evidentemente, de tantos annos quantos aquelles de que cada alumno precise para apprender as materias, que se lhe exi-



gem como preparatorio na eschola ou na carreira a que elle se destina. Isto é, o curso dos lyceus, em cada uma das secções, é de 1 anno a 8o, segundo a capacidade do estudante que o lyceu tem por obrigação instruir.

Quantos exames se devem fazer nos lyceus? Um unico. Nos lyceus faz-se o exame de instrucção primaria. O lyceu approva ou reprova unica e exclusivamente os candidatos ao ensino secundario. Os candidatos ao ensino superior hão de ser julgados pelos estabelecimentos superiores em que esse ensino se ministra. O lyceu só é habil para decidir se o alumno, que se lhe apresenta, sabe ou não sabe aquillo que o lyceu se propõe ensinar-lhe. Se o alumno sabe ou não sabe aquillo que lhe é indispensavel para principiar a apprender direito, ou a apprender medicina, ou a apprender engenharia, a unica pessoa que o pode decidir é um professor do primeiro anno de engenharia, do primeiro anno de medicina ou do primeiro anno de direito.

Não ha nada mais absurdamente dispendioso, mais scientificamente inutil e mais socialmente immoral do que obrigar a quinze ou vinte exames um individuo que não precisa em rigor senão de um exame unico.

Aqui está um alumno, com o seu curso completo no lyceu, que quer entrar na faculdade de mathe-

mática, no Curso Superior de Letras, ou no Instituto Industrial. Não ha professor nenhum do Curso Superior de Letras, de mathematica ou do Instituto que n'uma hora de inquirição, não reconheça perfeitamente se esse alumno está ou não habilitado para entender as materias do curso em que deseja entrar. Pois bem, esse simples exame, por mais simples que pareça, é o unico que um estudante precisa de fazer como prova cabal da sua habilitação á entrada n'uma escola superior.

Os methodos vigentes são de tal modo imperfeitos e inefficazes, que não ha talvez, entre todos os alumnos, que presentemente saem dos nossos lyceus, decorados com os seus vinte diplomas em todos os exames parciaes do curso, desde o exame do verbo *avoir* até o exame da *descripção de um pôr do sol*, um unico candidato á instrucção superior apto para satisfazer ao exame tão summario que proponho, como ultimo desenvolvimento da theoria do sr. Bernardino Machado, em substituição de todos os demais exames completamente inuteis, que se fazem agora por cada aula do lyceu, para ludibrio do verdadeiro ensino, para corrupção dos caracteres pelo regimem do empenho, e para augmento das lesões cardiacas na população, em resultado dos terrores das mães de familia, ao fim de cada anno lectivo dos cursos de instrucção secundaria.

Quanto á creação de um ministerio da instrucção publica e á reorganisação de um conselho superior, nada mais util, se não fôsse justamente para reccar que essas novas instituições se achassem, em brevissimo tempo, tão profundamente viciadas e corrompidas como as instituições existentes, que ellas são chamadas a corrigir.

O ministerio da instrucção publica tornar-se-hia rapidamente um ministerio politico, como todos os outros ministerios; e o conselho superior ou seria um simples retiro de afilhados felizes, procedendo do compadrio na nomeação régia, ou seria um esteril e ôco parlamento de rivalidades eruditas e rhetoricas, procedendo da eleição dos estabelecimentos superiores.

Em conclusão, esta reforma, assim como todas as grandes e capitaes reformas, que fazem as bases do verdadeiro progresso n'uma civilisação, é incompativel com o systema geral existente na ordem politica e na ordem social do paiz. O parlamentarismo, o votismo e o empenhismo, dissolvem tudo.

De resto, a lei de que se trata e cujo exame termino aqui, não chegará, segundo todas as probabilidades, a entrar em discussão na camara dos pares, onde não ha, segundo parece, quem se incumba de a relatar, e onde os legisladores em geral não deno-

tam mais vocação para se entenderem com ella do que a que foi manifestada na camara electiva, onde, como vimos, o accôrdo se tornou impossivel no conflicto das opiniões diversas e contradictorias.

De sorte que, ao cabo de um longo debate, as cousas ficarão para todo o effeito pratico no mesmo estado em que se achavam d'antes.

E assim continuará a ser indefinidamente, de legislatura em legislatura, até quando Deus quizer!

## II

A imprensa de Lisboa não tem opinião. Aquelles dos seus membros que por excepção presentem as idéas proprias, vivas, originaes zumbindo-lhes importunamente no cerebro, enxotam-as como vespas venenosas. É que a missão do jornalismo portuguez não é ter idéas suas, é transmittir as idéas dos outros. Por tal razão em Lisboa o homem que pensa não é nunca o homem que escreve. O jornalista nunca se concentra, nunca se recolhe com o seu problema para o meditar, para o estudar, para o

resolver. Nunca procura a verdade. Procura apenas a solução achada pelo publico, pelo publico d'elle, pelo seu partido politico, pelos consocios do seu club, pelos seus amigos, pelos seus protectores, pelos seus assignantes. Portanto trabalha na rua, debaixo da arcada do Terreiro do Paço, nos corredores ou nas tribunas de S. Bento, no Chiado, no Martinho, no Gremio. Como trabalha? Trabalha d'este modo: *informando-se*; é o termo technico. Uma vez informado, o jornalista considera-se instruido. Desde que tem a informação recebida tem o jornal feito. O que elle vos escreve hoje — notae-o bem — é o que vós lhe dissestes hontem. O jornal não é uma fonte de critica, de analyse, de investigação. O jornal é o barril de transporte das idéas em circulação, das soluções préviamente recebidas e approvadas pelo consenso publico. O jornalista é o aguadeiro submisso e fiel da opinião. Não a dirige, não a corrige, não a modifica, não a tempera. O unico serviço que lhe faz é este: transporta-a dos centros publicos aos domicilios particulares. O publico é a nascente, é o veio, é o manancial; a imprensa periodica é simplesmente — o cano.

Essa é a lei geral da conducta da publicidade em Portugal. Toda a transgressão d'essa lei é um imminente perigo para o que a commette. O leitor por-

tuguez não quer que o seu livro ou o seu periodico o obriguem ás fadigas da discussão e da controversia com o seu proprio espirito. A conquista desinteressada e pura da verdade não tem attractivo algum para as suas faculdades. As curiosidades e os interesses especiaes da alma portugueza repastam-se no sentimento: a reflexão molesta-a. Entre tantos escriptores nacionaes nunca houve um pensador. Descartes, Spinoza, Kant seriam inteiramente impossiveis no seio d'esta sociedade, a que falta a respiração logo que a tirem da rotina. Não se lhes dá, aos leitores portuguezes, de verem a verdade, mas querem a verdade através da opinião. Ninguém pensa fora das materias da ordem do dia. «Que ha de novo?» é a nossa pergunta de todas as manhãs. Esta phrase profundamente caracteristica quer dizer: «Dêem me a senha e a contrasenha; Digam-me em que pensam para eu saber em que hei de pensar.» O meu jornal vem bom ou vem máu segundo é ou não é em cada dia a expressão das minhas convicções baseadas em idéas preconcebidas na convivencia do publico O criterio é substituido pelo *mot-d'ordre*.

Se n'um tal meio intellectual apparece um miseravel solitario, que não tem um partido, que não tem um centro, que não tem um *club*, que não tem sequer um botequim, mas que, não obstante, segue

os successos do seu tempo e exprime a respeito d'elles uma opinião absolutamente individual, isto é, livre, — sobre esse homem caem todas as suspeitas, todas as presumpções malevolas que acompanham através de uma multidão apalavrada um intruso mysterioso e sinistro. Tal é a especie de acolhimento que por differentes vezes nos tem sido feito e que mais particularmente nos foi manifestado a proposito de dois estudos, um consagrado ao sr. Alexandre Herculano, outro destinado á casa de correcção installada no convento das Monicas.

Lêmos alguns dos artigos que nos fôram consagrados, e achamo'-nos inteiramente edificados ácerca do nosso desacato ás instituições publicas, e da nossa irreverencia com as glorias nacionaes.

Sómente, meus senhores, uma cousa nos parece ter-vos esquecido, e é: demonstrar-nos que a reverencia das instituições e o respeito das celebridades gloriosas seja um instrumento de critica ou um meio de analyse. Porque nós — talvez o não tenhaes comprehendido bem, — nós não somos propriamente os mestres de cerimoniaes da geração a que pertencemos. Não estamos aqui a leccionar medidas, nem a praticar experiencias sobre a variedade das curvas mais ou menos inclinadas a que se nos presta o espinhaço. Nós somos apenas uns simples chronistas

do tempo que vamos atravessando. Somos os contribuintes especiaes do mez para a historia geral do seculo. Ora não será pondo-nos humildemente de cócoras no chão que nós veremos de mais alto as cousas e os homens. No exame e na apreciação dos factos o minimo vislumbre do respeito é um perigo da verdade. Michelet, demolindo no seu ultimo livro a lenda napoleonica, filha da reverencia da historia pelo falso heroismo de Bonaparte, mostra-nos que a fascinação grosseira produzida pelo «heroe de Marengo e de Austerlitz» teria cahido perante o bom senso e perante a gargalhada, se a França não tivesse perdido depois do Terror o riso, a sua grande arma contra os tyrannos.

O primeiro dever da critica deante dos grandes acontecimentos e das grandes personagens é simplesmente o desprêzo ou a zombaria... Michelet diz mesmo «o sacrilegio» como instrumento da verdade! e aconselha-nos que imitemos como historiadores o exemplo de Renaud de Montauband pegando n'um tição para barbear Carlos Magno.

De resto, meus senhores, para que se mantenham na decencia do culto as tradições patrioticas, parece-nos inutil que nós nos occupemos d'isso. Lá estaes vós, diligentes e sollicitos, para espanardes as teias da aranha aos velhos principios, para varrer-



des as instituições veneraveis, e para conservardes em bom estado os heroes e os sabios, limpando-lhes as gollas das sobrecasacas, engraxando-lhes os sapatos, frisando lhes os louros, e pondo-lhes rapé novo nos narizes.

Março 1873.

### III

Durante este mez, tão inquieto, tão palpitante de commoções, em toda a Europa, os principes com mão nervosa e febril cultivaram a epistola.

O Santo Padre escreveu ao imperador da Allemanha, o imperador da Allemanha escreveu ao Santo Padre, o conde de Chambord escreveu ao deputado Rodez-Benavent, o sr. D. Miguel de Bragança escreveu ao sr. conde da Redinha; e a historia em geral e os redactores da *Nação* especialmente, escutaram com ardor o frémito d'essas pennas riscando a face do universo com lettras um pouco menos correctas que as de Cicero, de Plinio o môço, e de madame de Sévigné.

O Santo Padre pede ao imperador Guilherme que o governo da Allemanha não insista na perseguição do clero catholico. O imperador Guilherme roga a Sua Santidade que impeça o clero catholico de proseguir na rebellião contra o governo da Allemanha.

D'este modo o Papa deseja que se retire da scena o martyrio, a grande e bella apotheose da Egreja triumphante, e lembra ao verdugo que sirva aos martyres o antigo fel das lendas gloriosas destemperado pelo moderno assucar dos confôrtoes policiaes.

O imperador opina que amargo de mais é o proprio calix que o obrigam a tragar, e tirando da cabeça o seu ponderoso capacete bellico, de ponta de pára-raios, e humilhando-se dentro das suas botas de couraceiro, elle, — abatido, beato lacrimoso — pede igualmente para as suas tribulações de christão as correspondentes e proporcionaes doçuras.

E taes são os dois maximos guardas da fé, os dois summos representantes na Europa moderna dos dois grandes ramos em que se acha dividida a christandade!

Oh! Voltaire compungir-se-hia, e, franzindo n'um sorriso bom os feixes malignos das suas sarcasticas rugas, elle, o caustico philosopho, o livre espirito, tirando benevolo dos bolsos da sua houppelande de

velludo e martas a caixa das suas pastilhas, offereria ás potestades chorosas os bombons sacrilegos dos salões de Mesdames du Deffant e de Dalmabert.

A carta do conde de Chambord é o velho golpe astuto de Jarnac jogado ao constitucionalismo monarchico.

O principe, a quem a França offerecera a corôa burgueza de Luiz Philippe, pergunta-lhe o que exige d'elle a França, que papel lhe destina, para que missão o invoca.

Vós, que estaes na liberdade, na democracia, na republica, cedeis ao invencivel appetite de acclamar um rei. Comprehendestes que é superior aos vossos meios repressivos e reorganizadores a perturbação corrompida da sociedade em que viveis. Duvidaes da vontade, da intelligencia, da fôrça do vosso acôrdo collectivo. Quereis uma iniciativa individual, culminante, prestigiosa, predestinada para o mando, para o triumpho, para a gloria; quereis o monarcha eleito como Saul «para livrar o seu povo das mãos dos seus inimigos», segundo a fórmula primitiva do propheta Samuel.

N'esse caso armae a vossa cathedral de Reims, convidae os vossos principes do seculo e da Igreja, trazei a corôa real, a espada, as esporas, a dalma-

tica azul, as botinas de seda estrellada de lizes de ouro, entregae-nos o sceptro de Carlos Magno, e dae-nos as sete uncções de Pepino o Breve. Depois do que, nós haveremos por bem deliberar por quaes secretos caminhos nos apraz mandar-vos, segundo as vossas jerarchias, para a victoria, para a bem-aventurança ou para a fôrça. Emquanto vós, tranquillos, repousados, deixareis definitivamente de occupar-vos da cousa publica, e, sem ambições, sem principios, sem idéas, tereis a felicidade absoluta da bêsta no seu aprisco; *hoc eris jus regis qui vobis imperaturus est.*

Se, em vez d'isto porém, o que desejaes ter é, não uma fôrça omnipotente que vos governe, mas sim um instrumento politico que manejeis; se para me outorgardes a corôa, precisaes de me tirar a iniciativa, a personalidade, a dignidade de homem; se para que me julgueis inoffensivo é preciso que vos mostre ser pôdre; se as garantias que me pedís para que vos não domine são uma fraqueza, uma corrupção, uma inepcia que vos assegurem a facilidade de me dominardes a mim, então não: não vos convenho eu, o derradeiro dos Bourbons fundadores da monarchia absoluta nascida dos terrores da Liga e da Saint-Barthélemy, descendente e herdeiro de Henrique IV, o que teve a dupla coragem da fôrça e da miseria, o que na tomada de Cahors se

bateu nas ruas durante cinco dias consecutivos, ôlho a ôlho, dente a dente, braço a braço, o que de Dieppe escrevia alegremente a Sully que tinha todas as camisas despedaçadas e um gibão rôto nos cotovellos.

Camille Desmoulins conta que em 1790 o poder monarchico era representado em Londres por um bailado expressivo como uma parabola. N'esta dança a primeira figura era um rei que terminava a execução de um *entrechat*, cheio de garbo e de pompa, alongando um pontapé ao fundo das costas do seu primeiro ministro; este transmittia o pontapé real ao segundo ministro, o qual o traspassava ao terceiro, seguindo-se a mais viva e espirituosa corrente de pontapés que se tem visto n'uma côrte, até que a personagem que apanhava em cheio no seu volumoso e amplo hemispherio posterior o ultimo pontapé era o paiz — que ficava com elle.

Nas monarchias constitucionaes imaginou-se reconstituir, por meio da Carta, essa graciosa dança, alterando porém a collocação do soberano ou a ordem dos pontapés, de maneira que ou o principe está em baixo e os pontapés veem de cima, ou o tyranno está em cima e os pontapés vão de baixo.

Os povos monarchicos julgam se felizes tendo cada pessoa ao lado de si alguem a quem transmit-

tir o pontapé em giro através das instituições e da politica. A carta do conde de Chambord não é em resumo senão o testemunho de uma divergencia com a assembléa nacional sobre este ponto importante do bailado em ensaios: quem é que recebe o pontapé?

A um paiz corrompido e a uma assembléa senil não occorre esta consideração tão simples: que quando se trata de um estigma de servilismo e de baixaza a questão não é poder transmittil-o, é não dever acceital-o. Organisar pela monarchia a responsabilidade dos que se corrompem é abdicar a faculdade de demittir a corrupção. Os reis quando não enodoam os povos, tambem não lhes tiram as nódoas que elles tenham. N'esses casos o que limpa um paiz não é a realeza. Quereis saber o que é? Pois bem: é a benzina!

A carta do sr. D. Miguel de Bragança ao sr. conde da Redinha é ao mesmo tempo o tocante documento da estima inviolavel de um amigo ausente, e o authenticico manifesto politico de um principe proscripto.

Sua alteza declara ao *seu paiz* que quer ser o protector e o amigo de todos os portuguezes e que considera como sua mais elevada ambição e sua maior gloria — restaurar o throno pontificio. N'este

simples traço encarna sua alteza a expressão politica da sua indole, — o que nos parece de uma moderação de intuitos demasiadamente modesta.

Diriamos que sua alteza folga em confundir-se na obscura legião invalida dos tyrannos burguezes, dos Cesares bonacheirões, Neros de barrete de dormir, Caligulas dyspepticos, Eliogabalos em uso do prompto allivio e da revalenta arabica. A politica affirmada por sua alteza accusa uma visivel pobreza de sangue. Sua alteza é um anemico. Tal é o infortunio da nossa raça! Que degeneração!

O pae do joven príncipe D. Miguel era sanguineo, esse. A sua extraordinaria fôrça muscular era a admiração respeitosa, a maravilha profundamente inclinada do *sport* lusitano de 1827. Nas redondezas do paço de Queluz, nas terras do Infantado, via-se ás vezes atravessar os campos, a pé, caçando, acompanhado do seu falcoeiro, um homem de mais de meia estatura, de solidos hombros, faces morenas, barba rapada, mãos enormes, beiços sensuaes, grandes olhos negros, rasgados, peninsulares; vestia um casaco de baetão verde, calção preto, botas altas, de cava, com tacões de prateleira e esporas de prata; usava um bonnet azul, de prato largo, com viseira. Este homem, que amava a convivencia dos plebeus, a quem dava largas esmolas de dinheiro e de conversação, comprazia-se em en-

sinar a lavrar os môços do campo: tomava na mão esquerda a rabiça de um arado, azorragava com a direita uma parelha de mulas, e abria no solo mais empedrado e mais endurecido, sob a poderosa pressão do seu pulso, um rego profundo, extenso de um kilometro, e recto como um risco passado a regua por um tiralinhas. Suffocava um forte cavallo de Alter puxando-lhe a ponta da cilha com os dentes. Segurava pela bôcca, que juntava e cerrava no punho, um sacco de sete alqueires de trigo, e lançava-o ao hombro, com uma só mão, erguendo o braço por cima da cabeça e conservando o corpo immovel, erecto e firme. Quando vinha de Queluz a Lisboa, galopando á desfilada, com uma vara debaixo da perna, entre os seus companheiros mais assíduos, João Sedvem, o picador, e José Verissimo, o da policia, a fôrça de soldados de cavallaria que o acompanhava, ficava aos poucos pela estrada, destrozada pela fadiga: elle nunca chegou senão só. No dia em que recebeu ao pé da matta, na Quinta Velha, onde estava caçando ao falcão, por volta das duas horas da tarde, a noticia de ter entrado a barra de Lisboa a flotilha que apresou e levou para França todos os nossos vasos de guerra surtos no Tejo, elle veiu de Queluz a Belem em menos de tres quartos de hora. Esse homem que tinha a grande popularidade que trazem comsigo as len-



das da fôrça e da destreza physica, era sua majestade el-rei o sr. D. Miguel I.

O soberano tinha os defeitos do homem e as qualidades dos seus defeitos. A sua politica era apoplectica simplesmente porque elle era plethorico.

Esse principe, com o seu temperamento, o qual constituia, politicamente assim como physiologicamente, toda a sua personalidade, fez á liberdade e ás idéas modernas o mais relevante serviço; foi elle o que fabricou o partido liberal portuguez.

Os constitucionaes fôrão uma invenção da policia do sr. D. Miguel. Elles não combatiam o direito divino, nem os privilegios da nobreza e do clero, nem o regimen absoluto, nem a servidão popular; o que elles combatiam principalmente era o José Verissimo. Affirmavam-se os direitos do homem, porque se tinha percebido que esses direitos prejudicavam os do João Sedvem. Os revolucionarios portuguezes não vieram da sciencia, não vieram do amor da justiça, das impaciencias da liberdade, dos contagios da Convenção, da revolta da dignidade humana. Não. Elles vieram simplesmente dos carceres, em que o regimen despotico recalçou de mais a fôrça viva da nação. Os principios eram o pretexto sob o qual se vingavam as offensas feitas não ás idéas vigentes, mas aos interesses estabelecidos. As denuncias partiam dos lesados. A idéa exposta na

organisação da Companhia dos Vinhos preocupava mais os espiritos em Portugal do que o principio representado em França pela existencia da Bastilha. Havia martyres da liberdade que nunca tinham amado a liberdade com devoção mais intensa que a do Sedvem, e que não teriam posto duvidas irremissiveis em continuar a «dobrar a cerviz ao jugo da tyrannia» como se dizia no estylo do tempo; sómente o que elles tinham recusado era emprestar algumas moedas ao José da Policia. Para a maior parte da gente a victoria da idéa liberal foi simplesmente a morte do Telles Jordão. Finalmente o sr. D. Miguel de Bragança, *primeiro*, foi o principe cuja fôrça fez na monarchia portugueza o rombo por onde a liberdade appareceu. O sr. D. Miguel de Bragança, *segundo*, figura-se-nos, pela sua expressiva carta ao sr. conde da Redinha, uma pessoa extremamente debilitada. Ser o protector e o amigo de todos os portuguezes é enfraquecer-se diffundindo-se. Os antigos fortes concentravam-se.

Pobres de nós! Como somos diversos de nossos paes! Os plethoricos, sangrados legaram á geração que lhes succedeu a impotente anemia!

Novembro 1873.

## IV

Abriu-se mais uma vez o parlamento.

Os representantes da nação, combalidos pela fadiga da ultima sessão legislativa, regressam outra vez dos campanarios provinciaes, onde durante as ultimas férias parlamentares estiveram retemperando os ventres e os cerebros exhaustos, por meio de novos tropos, de novos lombos de porco e do mais que é preciso para o vigor da lucta na esphera da accção politica.

Quatro mezes ininterruptos de oratoria, de Casa Havaneza, de botequim do Martinho, de tipoias de praça, de cigarros escolhidos, de persevejos de estalagem, de namôro, de contradansas de lanceiros e recitações ao piano no seio das famílias, de botas apertadas, de patchouly, de ceias babilonicas de lulas de caldeirada nos restaurantes da Baixa, quatro mezes emfim de peleja tribunicia, de elegancia desenfreada, de poesia lyrica para uso das damas, e de constipação de ventre, haviam derreado lamen-

tavelmente os rins d'esses bons athletas do systema representativo.

Elles voltam dos ares patrios mais sadios e mais louçãos, e trazem ajoujada de novas provisões a bêsta da eloquencia encarregada pela carta de fazer em cada anno a recovagem do palavreado constitucional entre o *Diario das Camaras* e os clubs re-creativos do reino e ilhas.

Tudo o que Lisboa tem disponivel do trabalho na população dos seus bairros vae tomar logar na tribuna publica para assistir ao despejar dos alforges oratorios sobre a presidencia da camara e sobre a mesa dos senhores tachigraphos.

Operarios mandriões, jornalistas sem idéas, ambiciosos sem officio, viuvras sem pensão, requerentes sem despacho, palavreadores sem assumpto, vadios, gatunos e pedintes, lá estão já todos nos seus postos, encostados ás varandas, explorando com avidez os buracos do nariz ou coçando com ardor a caspa da cabeça, emquanto os estenographos aparam as pennas, e a opposição pede aos continuos, batendo nas carteiras, os copos d'agua em que se hão de desencadear as tempestades futuras.

Que o governo trema e que trema egualmente a opposição! A batalha vae ser terrivel. A carga da rhetorica vem pesada de terriveis instrumentos bellicosos.

Ahi estão em fardo para se desarrocharem do albardão, para descerem da burra, e para se desengatilharem de cabeça para cabeça em arremessos pavorosos, as terriveis metaphoras, as truculentas hyperboles, as synedoches traiçoeiras e o bem conhecido e trovejante hyperbato.

Veem as citações propheticas e minazes: *Lá o dizia Cicero, sr. presidente!... Já Machiavello o previra, meus senhores!... Cousin, sr. ministro, o grande Cousin... (Em áparte). E Talleyrand tambem! accrescenta Talleyrand!...*

Veem as comparações mordentes e tragicas: *Bem como Vitelio no Senado de Roma... Novo Catilina ás portas da cidade... Qual outro Attila, cognominado... etc.*

Veem os grandes monstros horrendos e afflictivos: *A propecta hydra da anarchia; o hippocentauro do progresso; o áspide da calunnia; o verme da inveja; a serpe da bajulação; a loba do deficit; o dragão do orçamento; o milhafre da reacção; o tigre do sr. conselheiro Arrobas; o cavallo branco do sr. Manuel da Assumpção!*

Veem os doutos e conspicuos latins, cortantes como gladios: *Latet anguis, sr. presidente!... Quos vult perdere Jupiter dementat!... Rari nantes!... Timeu Danaus! Habent sua fata libelli!... Ex digito gigas... Me! me adsum!...*

Veem tambem as representações, os manifestos, os requerimentos dos povos, a grossa papelada estopante e aniquiladora que será lida á somnolencia geral da camara por um orador d'olhos no nariz e de gôgo na guela, o qual dotará a sessão com um dôce intervallo applicado pela assembléa á beberoca no restaurante e á audacia dos pretendentes nos corredores.

Finalmente a bagagem da oratoria representativa trará no fundo algumas piugas para uso pessoal dos srs. deputados.

Decididamente a lucta vae ser titanica.

Janeiro 1881.

## V

Sr. conselheiro. — Ao mesmo tempo em que as boninas principiavam a desabrochar nos prados desabrochou v. ex.<sup>a</sup> no governo civil de Lisboa. Estamos pois dentro do dominio da primavera e do de v. ex.<sup>a</sup> Gloria a Deus nas alturas e parabens na terra aos homens!

D'aqui a quinze dias, sr. conselheiro, vamos ter

calor, e será então o momento de vermos desembainhado de dentro do chapéo de sol burguez de v. ex.<sup>a</sup> o alfange da lei que o governo lhe confiou.

Lisboa terá poeira e cheirá mal para a semana que vem. É o inimigo que chega.

Esse inimigo chama-se a infecção.

V. ex.<sup>a</sup> atacando ha poucos dias a *Marselheza*, incorreu n'um pequeno equivoco ácerca das origens do mal que padecemos.

Nós estamos talvez um pouco republicanos, mas o que estamos principalmente, e antes de tudo, é pôdres.

Os canos da cidade, como v. ex.<sup>a</sup> sabe, teem este defeito: Acham-se entupidos. As immundices, represadas nas respectivas arterias, fazem bôlha e apparecem em borbulhas nas paredes interiores das habitações. Coçadas, essas borbulhas distillam sumo de cano. Não é agradável para as familias.

No Chiado o olfacto do sr. bispo de Vizeu reconheceria facilmente que *andam cousas no ar*, exactamente como na camara dos pares. Essas cousas são exalações mephiticas. Veem-nos dos camiseiros mortos e insepultos junto dos seus balcões? Ou veem-nos dos janotas em dissolução de dandysmo, que pousam cobertos de tedio e de môscas nos passeios d'aquella via publica?... V. ex.<sup>a</sup> nol-o dirá no seu proximo relatorio, tendo em vista que, se

os cheiros do Chiado procedem dos cadáveres dos lojistas, é preciso deitar cal nas lojas; se elles procedem da dissolução do janotismo, é preciso purificar os janotas, espanando-os bem espanados, tirando-lhes as teias de aranha e lavando-os com essencias desinfectantes. A agua de Labarraque não se fez só para as pias, fez-se tambem para as creaturas de Deus.

Os generos alimenticios são objecto de falsificações que os convertem, umas vezes, em venenos que os Borgias se não dedignariam de catalogar na sua collecção de familia; outras vezes, mais anodidamente, em simples materias colorantes que o sr. Cambournack acceitaria agradecido como materia prima da sua industria de tintureiro.

O vinho que a grande maioria dos nossos taberneiros nos propina é um fluido cabalístico, uma beberagem de bruxas, em que os alchimistas da especialidade combinam jocosamente várias hervas, algum alcool extrahido de papeis sujos, baga de loureiro, tinta, um fio de vitriolo e uma uva por cada litro d'agua; e são cada vez mais raras, sr. conselheiro, as excepções honrosas, constituidas por fornecedores honestos, que com a mão na consciencia nos possam garantir a authenticidade do seu vinho puro, extrahido unicamente de páu campeche.



Na cerveja, que absorvemos com avidez heroica, o lupulo encontra-se apenas em doses infinitesimales, mas em compensação acha-se tal falta amplamente preenchida pela noz vomica.

Na manteiga entra a fecula de batata, o interessante cebo e o bello acetato de chumbo, e só não entra leite.

O assucar é um engenhoso pretexto geralmente adoptado nas classes cultas para o fim de levar as familias a alimentarem-se regularmente por meio de gesso com café e de giz com chá.

Se dos toxicos representados pelos gazes e pelos comestiveis, nós passarmos aos seres vivos, a perspectiva da cidade confiada ao sabio governo de v. ex.<sup>a</sup> não é mais aprazivel.

Emquanto no ar andam as cousas a que o sr. bispo de Vizeu se referiu, e nos estomagos trabalham aquellas que nós acabamos de expôr a v. ex.<sup>a</sup>, sobre os passeios das ruas imperam os pedintes e os cauteleiros.

Os pedintes de Lisboa são um genero unico em a mendicidade europêa. Geralmente novos e sadios, cheirando a vinho e fumando cigarro, estes senhores tomam-nos familiarmente pelo braço como antigos camaradas, e pedem-nos esmola invocando a nossa caridade em nome dos seus vicios. Pertenciam a uma familia respeitavel, debocharam-se,

estão agora sem brio e sem piugas: querem uma placa de dois tostões. São a deshonra da miseria.

O cauteleiro ataca, como o urso das florestas russas na estação dos grandes gelos. Quem não tiver a fôrça e destreza precisa para se defender a murro, tem de andar pela rua Augusta armado de uma clavina e acompanhado de dois cães de fila para resistir aos cauteleiros que infestam a Baixa. Todo aquelle que quer declarar a cidade em estado de sitio para seu uso, que se quer investir no direito dictatorial de perseguir e de atacar os cidadãos, pega n'uma cautela de pataco e vem com ella para a rua. Por um pataco o Campeão vende a qualquer carta branca para agarrar impunemente todos os homens e para abraçar todas as mulheres que lhe appareçam.

Eis em breve resumo, ex.<sup>mo</sup> sr. conselheiro, alguns dos pontos sobre que temos a honra de chamar a attenção de v. ex.<sup>a</sup> A este assumpto, v. ex.<sup>a</sup> dará — assim o esperamos — todo aquelle pêso que para felicidade d'este districto tão gloriosamente se nos representa garantido em v. ex.<sup>a</sup> tanto pela significação monumental do seu appellido como pelo volume pharaonico das suas botas, que a divina providencia conserve por tantos annos quantos os pontos que v. ex.<sup>a</sup> calça, para commodidade dos seus callos

e para orgulho eterno de todos os seus administrados.

Abril, 1881.

## VI

Houve outr'ora em Portugal um tempo entre todos feliz, conhecido na historia das factos modernos por este bello nome, pomposo e majestatico, — *a era das perseguições politicas*.

Foi uma época aurea e fecunda, cheia de movimento dramatico e de animação pittoresca.

O chefe de familia, ao acabar de almoçar para ir á sua vida, sorumbatico e merencorio, achava-se repentinamente surprehendido por dois esbirros que lhe diziam: — Está prêso. Marche para a cadeia!

A estas palavras milagrosas — tão simples todavia! — um inesperado orvalho de ternura domestica refrigera subitamente o coração emmurhecido do burguez ainda *na* pouco enfastiado. Elle circumgira pela sala de jantar, tranquilla e modesta, um olhar saudoso e agradecido. A sua mulher lança-se-lhe nos braços n'uma palpitação electrica de amor re-

suscitado. A sua filha, beija-o na testa e nas faces pallidas em beijos candidos e virginaes de uma perfumada frescura de aurora. A' porta da sala os dois esbirros carrancudos e immoveis esperam...

— Adeus! adeus!... Às suas ordens, meus senhores: partamos!

E em vez de ir á sua vida, aturar mediocres, aturar insignificantes, aturar impostores, aturar estupidos, estafado e burro, — o chefe de familia ia nobre e altivamente para a cadeia, orgulhoso e forte, repentinamente rejuvenescido em todas as fontes da vida moral: na consciencia, na dignidade, no amor.

O joven filho familia, ao regressar, sob o luar calmo e amigo, da terna entrevista com aquella que mais tarde teria de levar ás aras, era despertado dos seus sonhos lyricos, ao dobrar de uma esquina, pelas bengalas de dois caceteiros do Estado. O infeliz gritava por soccorro, a patrulha vinha. Constatava-se que elle tinha duas costellas partidas. Os agentes da ordem apoderavam se então d'elle e das suas vertebras fracturadas, e prendiam-o por crime de desacato á fôrça publica e provocação das massas á guerra civil. A donzella lia nas partes da policia do dia seguinte a noticia do facto. O homem que ella amava desarmára um regimento. Era um bravo, comquanto muitas vezes lhe houvesse parecido um poltrão e um maricas. E a donzella, n'um

bello entusiasmo romanesco bradava — Serei d'elle! serei d'elle!

Taes eram os perseguidos.

As cadeias e os presidios regorgitavam de prêsos por crimes politicos.

Jogava-se o lôto, a dois vintens o cartão, no fundo das masmorras, e era de meia moeda o bôlo da tombola.

Nos clubs e nas lojas maçonicas abriam-se subscrições clandestinas em soccorro dos prêsos, e conspirava-se por elles. Em sitios ermos e a horas mortas sujeitos embuçados falavam ao ouvido: — « Vieram noticias do Porto. O Passos pôz-se á frente do movimento. Estão já comprados os sargentos do cinco. A coisa rebenta breve. »

Finalmente, n'um bello dia de madrugada, ouviam-se foguetes. Musicas percorriam as ruas tocando o hymno da Carta. Gaiatos davam vivas. O exercito havia fraternisado com o povo. Paizanos de bonnés militares e sargentos de fardetas desabotoadas percorriam as ruas de braço dado, triumphantemente. E todas as bôccas diziam :

— Victoria! victoria!

O governo cahira. O rei chamára ao paço para formar novo gabinete aquelle dos chefes do partido que a revolução da vespera á noite puzera á bica

para salvar a patria: O marechal Saldanha, o Joaquim Antonio de Aguiar, o Sá da Bandeira, ou qualquer outro.

Um decreto de amnistia geral soltava todos os prêsos politicos. Abriam se as portas dos carcerees no jubilo geral da nação. O cutello das demissões esvaziava os empregos publicos na proporção do numero de prêsos restituídos á liberdade, e decretos subseqüentes e successivos davam a cada um dos patriotas perseguidos pela infausta governação transacta, uma ração opipara e um talher dourado á mesa orçamental do Estado.

Todos os sargentos eram promovidos a alferes. Todos os prêsos eram nomeados conselheiros. E para todo o pretendente do que quer que fôsse havia um meio seguro e infallivel de vir a ser despachado: — era ter sido perseguido.

Ha alguns annos que esta chuchadeira acabára.

No seio das familias vozes clamantes de mães extremosas diziam ao contemplar os jovens bachareis que a Universidade verte em cada anno sobre os lares domesticos:

— Não sereis nada, infelizes! Está para sempre fechada para vós a era das perseguições politicas!

E eram geraes as lastimas e os queixumes.

O governo, que hoje tão sábiamente preside aos nossos destinos, acaba de attender aos clamores da população descontente e desempregada. Domingo passado, pelas quatro horas da tarde, o governo, acompanhado dos demais competentes poderes do Estado, tirou da algibeira a sua gazua e reabriu sollemnemente a era das perseguições politicas.

O primeiro cidadão a quem o governo fagueiro conferiu a honra de penetrar nos humbraes sagrados do martyrio foi o sr. Gomes Leal, poeta lyrico, do genero satanico.

Ao constar no publico a prisão do vate, hoje em ferros, occorreu a idéa de que se tivesse instaurado processo á poesia lyrica, e a crítica jubilou, porque seria de grandes vantagens para a moral e para a arte essa intervenção da policia nos delictos poeticos.

Suppoz-se que o poder judicial ia proceder nos attentados contra a metrificação, contra a rima, contra a syntaxe, contra a logica, contra o senso commum.

Todos sabemos qual a devastação medonha que a poesia lyrica tem feito sobre o juizo das meninas, sobre a seriedade das mães de familia, sobre o porte dos janotas, sobre a honestidade dos caixeiros, e finalmente sobre o character geral do paiz, asquerosamente apelintrado pela influencia pulha das musas.

Preparavamo-nos jocundos para assistir a esse espectáculo sacrosanto da justiça social impondo á poesia a expiação tremenda dos seus crimes. E a idéa de que iríamos vêr desfilar successivamente aos nossos olhos em caminho do patibulo o sr. Thomaz Ribeiro e o sr. Antonio de Serpa, com os seus poemas ao pescoço, enchia-nos o peito de uma alegria doida.

Mas não. O poeta Leal não era prêso por pôr em versos máus sentimentalismos piegas ou banalidades diabolicas.

Elle era prêso não por motivos estheticos mas por motivos politicos. Accusavam-o, pelo facto de ter escripto um poema, não de attentar contra a arte, mas de attentar contra a monarchia.

E aqui está como um maganão feliz passa repentinamente, de um dia para o outro, da posição obscura de escriptor á categoria sublime de martyr!

O descarado patronato de que é objecto Gomes Leal pela escolha que n'elle recahiou enche-nos de indignação irreprimivel. Este compadrio do ministério com a poesia satanica é indecente e repulsivo.

O governo fez bem em abrir a era das perseguições como arrimo das familias. Somos dos primeiros a louval-o por esse acto. Mas o modo como o governo abriu a Era é realmente desgraçado.



Desde que se tratava de prover um logar de martyr a obrigação do governo era pô-lo a concurso. — «Está vago um martyrio: quem se achar habilitado para ser perseguido requeira com documentos no prazo de sessenta dias.»

Porque é preciso que o governo se desengane de que a unica cousa decente que elle ainda tem para offerecer a um cidadão digno é essa — o martyrio!

Teem-se achinfrinado todas as demais honras e dignidades — as condecorações, as cartas de conselho e os titulos. Só não está ainda de todo encanahada a cadeia. E é n'esse logar privilegiado e unico, pelo qual entraram na gloria a maior parte das grandes personagens que hoje figuram na scena constitucional, que o sr. Gomes Leal está passando á sombra a estação calmosa medrando dôcemente no mesmo captiveiro em que se crearam todas as grandes e bellas pansas enfachadas hoje em todas as grão-cruzes de que dispõe a nação.

Oh! não! tão alta dádiva não se pode atirar assim aos braços do primeiro poeta lyrico que passa. Ha mais quem queira martyrio e quem o mereça. A cadeia não se fez só para a poesia. Abaixo o patronato! abaixo o compadrio! Concurso, meus senhores! Concurso!

Julho 1881.

## VII

*Sabe-se que o mui alto e poderoso rei polynesio, cujas botas Lisboa tem hoje a honra de poder venerar em cada noite á porta de um dos quartos do Hotel de Bragança, se occupa em escrever de collaboração com o coronel Armstrong as impressões da viagem que está fazendo através dos povos europeus. Foi n'um corredor d'aquelle hotel e junto do calçado que sua magestade puзера á porta para engraxar, que um dos nossos reporters encontrou o Manuscrito inglez cuja traducção publicamos hoje, pedindo para isso vénia ao monarcha, no caso de serem effectivamente de sua magestade, como tudo o faz supôr, os trechos das memorias que passamos a reproduzir trasladadas a vernaculo.*

Lisboa, 23 de agosto de 1881. — Apenas chegado a esta cidade fui conduzido, por dois chefes que o Regulo mandára ao meu encontro, para um hotel chamado de Bragança, — nome que lhe procede — segundo cuida — da familia que actualmente admi-

nistra esse estabelecimento, e é a familia reinante, unica do appellido Bragança que existe no paiz.

O hotel está bem dirigido, e não escandalisa nos preços. A cozinha nada tem de canibalesca. Raramente o homem aqui é devorado. E quando isso de longe a longe succede não é jámais pelos seus semelhantes que os hospedes são comidos, mas sim por uns pequenos animaes industriados para este fim e a que os indigenas dão o nome de *persevejos*. Finalmente é um hotel que faz honra aos costumes. pacificos e ao genio hospitaleiro e laborioso da dynastia vigente.

Logo que fiz as minhas abluções na hospedaria brigantina,—onde me não levam dinheiro por espirito de camaradagem,—fui a palacio vêr o Regulo, que me pareceu bom homem.

É um louro gordo, melancholico, com o ar de desfallecer de tedio em cima de um throno velho, entre tapeçarias antigas, rodeado de uns seis ou oito semsaborões, que me dizem ser pagos para bocejarem e para cheirarem a bolor em tórno do principe. Merecem bem o que ganham, segundo vi.

Para distrahir o Regulo falei-lhe em viagens, no prazer de fazer as malas, de mandar o throno á fava, de chegar a Paris pela gare de Saint-Lazare, de ir para um *appartement garni*, de passear

no Bois, de jantar no Café Inglez, de cear no Brébant com Champagne, e o mais. . .

O Regulo teve um grande suspiro nostalgico, de desalento, e eu retirei-me, porque era a hora a que costumavam chegar os ministros para carpirem juntamente com o soberano sobre as tristezas do Estado.

A cidade consagrou-me dois espectaculos, a que assisti, e de que gostei.

Ao regressar do palacio recebi a visita d'um famoso cabo de guerra chamado Gaspar, o qual me convidou em nome das tropas para ir assistir a uma funcção que me havia sido preparada pelo dicto guerreiro Gaspar, que é o chefe encarregado de conduzir ás victorias a fôrça armada, soprando para esse effeito n'um engenhoso instrumento de madeira a que na lingua indigena chamam *clarinete*.

Esta funcção foi de character religioso, e effectuou-se no cemiterio da cidade, conhecido pelo nome de *Passeio Publico*.

Ao longo da funeral jazida achavam-se postadas em cadeiras as viuvvas e as orphãs dos legionarios fallecidos nas guerras com as tribus circumvizinhas, Cacilhas, Dáfundo, Bemfica e Sacavem. Todas essas damas e donzellas pareciam meditar profundamente na desolação dos seus respectivos lares, e

nada mais pungente do que a compostura e o recato com que ellas se mostravam immersas em tão acerbas cogitações.

Os homens válidos não cessavam de andar para cá e para lá a todo o comprimento do campo do repouso eterno, como se o inimigo da patria lhes estivesse constantemente a apparecer, ora á porta de cima, ora á porta debaixo da necropole.

Os mutilados e os anciões repousavam debaixo das arvores funerarias, em attitudes pensativas, sorvendo pitadas de um pó bastante subtil que tiravam de pequenas caixas de prata e que me disseram ser as cinzas dos antepassados obtidas por um processo de cremação applicado aos heroes e que os naturaes denominam *rapé*.

As creanças, conduzidas pelo ministro da instrucção da infancia, um tal Justino Soares, dansavam dansas pyrrhicas proprias a adestrar-as para um dia honrarem a patria imitando os exemplos que lhes fôram legados pela grande heroína nacional, a mui celebre Maria Cachucha.

Não assisti ao final d'esta commovente cerimonia, porque observei que os indigenas começavam a cercar-me por todos os lados com o mesmo interesse com que nas minhas ilhas Sandwichs foi cercado o capitão Cook quando elle lá esteve, e todos nós sabemos que essa pasmeira acabou pelo massa-

cre. Julguei da minha dignidade não dever esperar que me puzessem em postas para comprehender que me devia retirar, e raspei-me, sempre acompanhado dos dois chefes que o Regulo me offertára — unicamente de emprestimo, segundo presumo.

No dia seguinte fizeram-me a festa chamada das *eleições*, e foi o segundo dos espectaculos que a cidade celebrou para me obsequiar.

Consiste esse divertimento, extremamente curioso, em ir o povo todo ás egrejas metter um pedaço de papel, com um nome, dentro de um cofre de forma quadrangular, que nos demais dias do anno tem o nome de *caixa*, mas que no dia das eleições toma por preceito expresso da Carta Constitucional o nome de *urna*. Quando as caixas se acham cheias abrem as, e os nomes que se encontram dentro, escriptos nos pedacinhos de papel, são os dos dois sabios encarregados de fazer as leis durante tres annos em nome do Regulo.

Além de fazerem as leis, estes sabios teem tambem a faculdade de pôr fora os ministros do Regulo, quando estes lhes desagradam. Para se pouparem a este desgosto os ministros costumam indicar ao povo na vespera das eleições os nomes dos sabios que o povo deve escrever nos quadradinhos de papel que se mettem nas caixas. Para que o povo

não resista a essas suggestões os ministros enchem-o de dádivas, de affagos e de blandicias.

Gasta-se para estas festas muito dinheiro em badalos novos para os sinos dos campanarios, em estradas que se principiam dois dias antes das eleições e que chegam algumas vezes a ter de dois a tres metros de extensão, em projectos de escholas e de egrejas, que nunca se fazem, etc., etc.

Sempre que se encontram cidadãos independentes que perante estes dons fazem energicamente o bem conhecido gesto de Hippocrates deante dos presentes d'Artaxerxes, os ministros então dirigem-se directamente a esses cidadãos independentes, e mettem-lhes na mão a quantia de 13~~7~~500 réis.

À vista d'este argumento os Hippocrates vão immediatamente votar pelos Artaxerxes. O dinheiro recebido pelo voto é em continente despendido em libações espirituosas e em *caldeiradas de mexilhões*, acepipe nacional de que todos os eleitores são mui avidos.

E é a esses mexilhões cozinhados com cebola e tomate que os naturaes chamam «os sagrados direitos conferidos aos povos pelas instituições vigentes».

Este anno porém, deu-se nas caixas denominadas urnas um phenomeno que não estava previsto nos programmas ordinarios do divertimento, e este phe-

nomeno foi que n'um grande numero de caixas o povo em vez de votar, segundo o costume, pela caldeirada, votou pela republica.

Este caso é tanto mais notavel quanto os ministros se não tinham poupado a esforços nem a venias para fazer triumphar através de todos os obstaculos os seus amigos.

Altas influencias tinham auxiliado os ministros em seu louvavel empenho.

O prior de uma freguezia de Lisboa consta-me que vae ser bispo pelas tranquiibernias que fez.

Muitos outros cavalheiros affeioados á actual situação galopinaram de tal modo, que os vão fazer a todos condes e grandes do reino, em remuneração das tropelias prestadas.

Dizem-me que houve circulo em que votaram com os papelinhos do governo, além dos eleitores vivos, que nunca existiram, muitos eleitores mortos, e grande numero de animaes domesticos.

Em uma egreja, que me dizem chamar-se do Sacramento, todo o exercito foi á urna como um só homem votar pelo governo, á voz de um general.

Os funcionarios civís votaram tambem em grande parte á voz de um dos seus chefes.

Os caixeiros suspeitos de não votarem pelo governo não votaram por ninguem, porque lhes fecha-



ram as portas das egrejas antes de terem elles tido tempo de metter os papelinhos nas caixas.

É verdadeiramente incrível que depois de tantas bondades manifestas do systema monarchico, haja ainda povos assaz desagradecidos e ingratos para votarem pela republica!

Estou a reccar muito uma cousa, — e é o ter sido eu mesmo, innocentemente, a causa involuntaria de tudo isto.

Eu me explico :

Os jornaes francezes teem espalhado por toda a parte a noticia de que eu vim á Europa com o proposito unico de vender as minhas ilhas, o meu thesouro e o meu sceptro, mandando para lá uma empresa que tome conta de tudo isso, em quanto eu me deixarei ficar por cá, arrastando pelo Boulevard e pelos Campos Elysios o grilhão do desterro e comendo com as trufas do Bignon ou da Maison Dorée o pão negro dos bons reis patuscos em exilio.

Ora desde que cheguei a esta cidade de Lisboa, eu percebi logo que havia necessariamente n'esta praça aquillo a que chamam aqui *caveira de burro*, isto é, alguém a quem convinha desacreditar a minha mercadoria, para o fim de vir a fazer mais vantajosamente commigo um cambalacho nas bases indicadas pelos jornaes francezes.

Percebi isto no empenho que geralmente se observa em deprimir o paiz de que sou rei.

Espalhou-se em primeiro lugar, que eu reino apenas sobre umas pequenas iscas de vitella assada, mettidas entre fatias de pão com manteiga e mostarda.

Depois, como esta calumnia cahisse pela base perante a affirmativa terminante de um geographo que veiu da Serra da Estrella expressamente para esse fim, passaram então a tratar o meu archipelago exactamente como se elle fôsse um archipelago de selvagens.

Os sandwicheanos tratados de selvagens por estes senhores é uma ratice bem bôa, que eu folgo de consignar n'estas memorias, lembrando apenas, para ilucidação dos vindouros, que ao tempo a que isto se passava na cidade de Lisboa, havia ainda aqui muitas mil pessoas sem as minimas noções de instrucção primaria, em quanto nas Sandwichs não ha hoje cidadão algum de vinte annos para cima que não saiba lêr e escrever.

No meu senado, que consta de dezeseis individuos, cinco d'elles são mulheres perfeitamente aptas para discutirem os negocios do Estado, em quanto as meninas de Lisboa se estão apenas habilitando na eschola do Passeio Publico, para entenderem dos negocios do Mabile.

A constituição das Sandwichs, que data de 1840, tem sido depois d'isso revista por tres vezes, em quanto a constituição portugueza subsiste no *statu quo* sem o minimo progresso para a civilisação e para a liberdade.

Finalmente nas Sandwichs existe de ha muito tempo a liberdade incondicional e absoluta da imprensa, em quanto em Lisboa vigoram ainda leis repressivas do pensamento, dando em resultado que precisamente no momento em que escrevo, ha aqui quatro jornaes suspensos e não sei quantos jornaes querellados por abuso da liberdade.

Seria preciso realmente que eu fôsse ainda mais tôlo do que estes sujeitos parecem, para não vêr na desconsideração com que em Lisboa são tratadas as minhas ilhas, um plano machiavelicamente trabalhado para m'as apanharem ao desbarato.

Com effeito acaba de me chegar á ultima hora a noticia de que se está organisando uma companhia para me ficar com o reino.

O projecto exarado nos estatutos da dicta companhia consiste em estabelecer no archipelago sandwicheano uma eschola prática de systemas de governo.

Esta eschola será dirigida por um tal José Dias Ferreira, politico indigena, que ha tempos a esta parte anda com um olho na monarchia e com o ou-

tro na republica, sem saber por qual dos dois regimens se decida.

O primeiro dos systemas que a companhia ensaiará será o systema absoluto, tendo por tyranno Manuel Vaz Preto I, o qual porá em vigor uma inquisição, doze patibulos, seis fogueiras e todos os cacetes que se puderem arranjar, a vêr o que d'ahi resulta para a felicidade dos povos.

Seguir se ha o systema monarchico representativo com uma carta constitucional em verso, tendo por monarcha D. Pinheiro Chagas I, com uma rethorica, areia encarnada, festões de murta, luminarias, limonadas gazosas, uma duzia de copos d'agua com asucar, e tres pianos.

Finalmente será ensaiada a republica sob a presidencia do erudito Latino Coelho, o qual para esse fim substituirá o nome de Latino pelo nome de Sandwicheano ficando-se a chamar o presidente Sandwich de Coelho, para o fim de evitar conflictos de raça. Elle decretará o suffragio universal e abolirá o exercito.

Depois do que José Dias regressará á metropole e fundará o governo nas bases que a experiencia feita houver aconselhado como mais solidas para a ventura da Nação.

Parece que não só os boatos que refiro mas as proprias eleições a que acabo de assistir são mane-

jos da dicta companhia para o fim de me desgostar da corôa.

Sendo assim vejo-me penalisadissimo com o desgosto que dei á dynastia portugueza, e declaro francamente que não tenho cara com que torne a apparecer ao Regulo.

*Fim do extracto das memorias do rei Kalakaua Primeiro.*

Agosto, 1881.

## VIII

De cada vez que vem ao mundo o dia 24 de setembro o paiz cobre-se de crepes e arranca do seu peito um ai decretado no *Diario*. Encerram-se as repartições publicas. As tropas vestem o grande uniforme e trazem as armas em funeral. O pavilhão nacional tremula a meio pau nas fortalezas e nos navios de guerra. A côrte, os funcionarios publicos, a nobreza e o corpo diplomatico recolhem-se nos templos a orar. Os orgãos das egrejas e os artigos de fundo dos jornaes entôam o *De-profun-*

dis, e prégadores régios, de meias vermelhas nas pernas e de pedras rôxas nos cachuchos, sobem aos pulpitos, tomados á hora, para espargirem pitadas de latim e de rapé sobre a memoria do morto.

— Por que — ó céos! — uma tão grande dôr?

— Porque Pedro morreu.

— Que me dizem?!... Não é o que ouço uma horrorosa illusão de minhas orelhas desvairadas?! Morreu effectivamente Pedro? Aquelle Pedro, tão robusto, tão moço, tão saudavel, que parece que ainda hontem o vi com a filha Maria pela mão a perguntar-lhe á porta do Baltresqui — *Mimi quer liberal constituição?* — E ella com tanta gracinha a responder-lhe: — *Sim, Mimi qué!*

— Pois é verdade! Não somos nada n'este mundo. Lá está já na terra da verdade o Pedro!

— Mas, senhores, quando foi? quando foi que expirou? O que foi que lhe deu?... Deixou testamento? Tinha monte-pio?

E todas as folhas graves do reino, entre tarjas pretas, com lagrimas no typo, respondem:

— Faz hoje quarenta e sete annos que Pedro morreu... E em seguida entram nos detalhes da molestia e da morte:

Já no Porto se não sentia bem e queixava-se de afflicção. Á despedida disse: *Adeus, Porto, que nunca mais te verei!* Depois recolheu-se á historica

residencia de Queluz. Mandou chamar uma praça de pret de caçadores n.º 5, etc. . . .

Depois dos detalhes do facto seguem as considerações philosophicas sobre o defuncto. O *Commercio de Portugal*, por exemplo, diz:

«*Abreviaram-lhe a existencia os desgostos intimos, a ingratição dos que mais o deviam honrar, o esquecimento do que havia feito pela liberdade d'este povo. Como deveria ser doloroso e cruel o soffrimento d'este martyr!*»

E logo abaixo o mesmo jornal accrescenta, sempre solemne e convicto:

«*Poucos principes terão morrido mais tranquillos! poucos terão baixado á sepultura cercados de bençãos tão sinceras e orvalhados de lagrimas tão sentidas!*»

É d'ahi se vê a pouca ou nenhuma vantagem que a investigação historica tem tirado da celebração periodica e annual do obito de Pedro. Uma folha tão séria e tão bem informada como o *Commercio de Portugal* não sabe ainda com certeza se Pedro morreu n'um *soffrimento cruel* ou se morreu *tranquillo*. E entre essas duas hypotheses, tão desoladoramente contradictorias, o *Commercio de Portugal*, com sagacidade notavel e não menor energia, decide-se triumphantemente por ambas.

Ora se puzermos de parte os estudos historicos,

que as exequias intermittentes poderiam talvez desenvolver e animar — mas que nem desenvolvem nem animam — o que é que nos resta?... .

Resta-nos a pura dôr.

Esta saudade pungente, que nos devora uma vez por anno, recae sobre um sujeito que morreu ha cêrca de meio seculo; que ninguem da nossa geração teve a honra de conhecer pessoalmente, e que ninguem viu mais gordo.

Tudo quanto a rhetorica da indifferença, tudo quanto a emphase da hypocrisia pode inspirar em nébias, em sermões e em artigos bombasticos, se tem atirado para cima da cabeça d'esse morto. Nenhuma outra memoria tem sido mais horrorosamente inundada de tudo quanto ha de mais pinga, de mais sarrafaçal e de mais réles nas ejaculações da litteratura pelintra.

É talvez tempo de se pedir para Pedro o respeito do esquecimento, a consideração do silencio.

Basta de exequias! basta de discursos!

Como rei, Pedro merecia decerto que o enterrassemos um pouco mais do que se enterra a outra gente. Como homem elle começa, porém, a ter direito á nossa piedade. Calemo-nos. Sejamos humanos!

E se para setembro do anno que vem, nos appetecer ainda chorar por Pedro, como a lagrima é



livre, choremos por elle, como choramos pelos outros bons reis que morreram; choremos por elle como choramos pelo valoroso Cesar e pelo ineffavel Tito: — choremos em nossas casas!

Setembro 1881.

## IX

Sobre a epiderme delicada da monarchia portugueza o poeta sr. Gomes Leal representa com bravura este flagello horrivel — a môsca.

Para o fim de se sustentar firme em sua missão sobre a pelle da realza sabe-se quanto ha penado o trovador.

Os zelosos defensores das instituições vigentes teem procurado enxotal-o por todos os repellões imaginaveis: pela querella, pela multa, pela prisão e pela bordoada.

De quando em quando o bardo recolhe por instantes o ferrão com que belisca a lyra e com que morde concomitantemente a corôa para escrever aos jornaes em regras tocantes:

«Cá levei mais para o tabaco hontem á noite.

Brecha de dois centímetros no osso frontal sobre a séde do genio. Nada de policia. Sempre latrinatórios os reis! Á hora a que receber estas linhas, sr. redactor, a monarchia tripudiará ainda jocunda sobre as iniquidades do solio. O artista cá vae mais uma vez para a botica do Durão pôr pontos. Maldição e vingança!»

E o que mais commove na leitura d'estes documentos não é tanto a fé ardente do poeta em que é a monarchia que ha de padecer a dôr de que elle leva a pancada, como a esperança ingenua que parece animal-o de que algum dia a policia venha a ser tão simples que vá metter se exactamente no pequeno espaço que medeia na via publica entre os sôcos que se dão e os narizes que os recebem!

A tenacidade heroica, absolutamente inverosimil, do vate deu origem a este facto: apparecer na historia a amabilidade do sr. Henrique Burnay a compensar o odio do sr. Gomes Leal.

A monarchia dirigiu-se ultimamente á cidade do Porto. Immediatamente seguiu na mesma direcção o sr. Henrique Burnay para guiar, conduzir, expôr e pensar a corôa; e seguiu tambem em egual sentido o sr. Gomes Leal, com o ferrão embrulhado n'um cache-nez, para morder.

São conhecidos hoje os resultados do encontro d'essas duas influencias oppostas.

O sr. Burnay tinha por si o Syndicato, a Sociedade Humanitaria, a direcção do palacio de Crystal, um bom restaurante e um fogueteiro.

O sr. Gomes Leal tinha o seu ferrão, uma lyra de viagem, seis collarinhos e outros tantos pares de punhos, uma chapeleira e um resto d'arnica.

O sr. Henrique Burnay poz tudo em vibração festival, e uma larga resonancia de kermesse envolveu a torre dos Clerigos.

A cidade inteira como um só janota mandou fazer casaca. Um correspondente contou que um unico chapelleiro vendera 150 clagues em um dia.

A rua das Flôres em pêso, o largo da Feira e as duas Ferrarias, a de cima e a de baixo, vestiram-se de côrte, armaram-se á pressa para a galantaria palaciana e deitaram *opoponax* nos lenços.

Velhos calças de coiro, inveterados e convictos, converteram-se em *talons rouges* de um dia para o outro.

— Estamos na calçada dos Clerigos defronte da antiga loja do Antonio das Alminhas, ou estamos na côrte de Versailles, sob a regencia?... — perguntavam umas ás outras as pessoas attonitas ao vêrem as primeiras firmas da praça subir de luvas

brancas ao tramway para irem a palacio assistir ao *petit lever* do monarcha.

Havia no ar um poderoso fluido estonteador, um perfume delicado e penetrante d'alta cozinha, uma rescendencia espumosa e picante de Champagne, envôlta n'uma quentura conciliadora e amavel de *vol-au vent* tostado a ponto.

Falava-se em que iriam comidas feitas nos primeiros restaurantes de Lisboa e chegou-se a inventar que haveria *punch-à-la-romaine* para tres mil convidados — sem distincção alguma de categoria!

Simplees marçanos lambiam os beiços d'avidez no fundo lôbrego dos armazens do largo do Souto.

No emtanto o sr. Gomes Leal, solitario, taciturno e sinistro, cocava a bacchanal, postado á porta do Moré.

Lojistas liberaes, filhos legitimos de antigos e esurrados patuléas, tidos quasi por jacobinos na vespera, passando pela Praça Nova a conversar mano a mano com o sr. conde de Mesquitella, apontavam com o beijo torcido e desdenhoso para o vate, e diziam ao conde:

— Aquillo então é que é o tal Gomes Leal?... A gente cá não conhece semelhante bisca... O que sua real majestade devia fazer era mandal-o azoragar pelos seus famulos!

— Não é tanto assim — respondia sorrindo o conde. É um moço de talento... desvairado, se quizerem, mas de talento.

— Qual talento nem meio talento, ex.<sup>mo</sup> sr. conde! Uma bêsta quadrada!... um facinora!

À porta do *Gremio Portuense* o soberano, pondo-se em pé na sua caleche, e descobrindo a cabeça, como um simples dentista, desatou n'uma imprevista e admiravel berrata de vivas *ao povo! e ao Porto!* Testemunhas disseram que no momento de gritar *Viva o Porto! viva! viva!* a exaltação de sua majestade fôra tão profunda que chegára a atirar com a corôa ao ar, acima dos telhados, como nós costumamos fazer com os chapéos.

No dia seguinte, no bôdo aos meninos dos asylos, sua majestade a rainha, servindo ás mesas em publico, com uma bella simplicidade de opera ligeira, ia de pequeno desvalido em pequeno desvalido, descascando-lhe as laranjas ou quebrando-lhe as nozes por sua régia mão.

A cidade que assistia ao espectaculo pathetico do bôdo dos meninos ficou então como ébria de ternura. Commendadores que não tinham chegado á bôcca nem um golo de vinho e que se achavam alli apenas com uma chicara de café com leite e com um pão de Villar com manteiga comido ao almôço, choravam sobre os biços das gravatas brancas com

uma abundancia enorme de enthusiasmo soluçado.

— Onde é que está esse partido republicano? — perguntou ironicamente alguém em palacio... de crystal.

E uma voz respondeu :

— Vi-o eu hoje pela manhã. Lá estava á porta do Moré a roer um charuto de quebra-queixo, com os olhos esbugalhados para a gente, de inveja... o bil-tre! Dentro dos muros da segunda côrte do reino que não bufe! que não bufe porque ha quem o coma vivo! Cá não se lhe responde com versos, é com os covados de medir a fazenda para cima das costellas!

Quando a côrte foi ao Bom Jesus de Braga, o poeta mandou amolar o ferrão e foi-se-lhe na piu-gada com um bilhete de ida e volta. Quando suas majestades chegaram ao santuario já lá estava Gomes, cocando sempre, cada vez mais sinistro, de-baixo da carvalheira. Ao vê-lo um dos aulicos do Porto, que tinha ido no real prestito, disse para outro aulico, mas de modo que fôsse ouvido pelo principe :

— Lá anda o javardo á bolota... Ah! bom es-toiro!

Ao terminarem finalmente as festas o estado da opinião publica na cidade do Porto era o seguinte :

Emquanto á familia real, pedir ao sr. Henrique Burnay que a deixasse lá ficar para sempre.

O sr. Henrique Burnay respondeu que a remoção da cõrte para o Porto poderia parecer uma especie de acinte á cidade de Lisboa, e que elle portanto se recusava terminantemente a fazel-a. Consta-nos porém que s. ex.<sup>a</sup> promettera á cidade invicta tornar-lhe a levar lá a monarchia para o tempo dos banhos.

Suas majestades alugarão casa mobilada em Carreiros para a estação balnearia.

O sr. Gomes Leal retirou-se amaldiçoado das gentes.

Nos tres dias subsequentes aos festejos, enquanto os môços das assembléas e do palacio de Crystal, em mangas de camisa e avental, varriam os tapetes, lavavam os copos e destroçavam as louças emprestadas para os festins pelos moradores da cidade, — de envôlta com a nuvem da poeira regada, e d'um vago cheiro azedado de café, de tabaco e alcool adejando nõ espaço, affirmava-se na cidade da Virgem esta grande convicção: que estava morto para sempre no paiz o germen da idéa republicana. E ao alludir a esse germen recahiam todas as referencias sobre o chapéo amarrotado do pobre sr. Gomes Leal.

E eis ahi está, em summa, para o que esse mô-

ço, tão sympathico quanto infeliz, anda por este mundo a arruinar-se em rimas subversivas, em alimentos de encarcerado, em custas de processos, em viagens de terror ás provincias, e em compressas d'agua de vegeto!

Como politico elle merece bem desde já que o soberano o condecure pelos serviços que elle lhe tem feito; como poeta elle parece-nos merecedor de que os deuses lhe consintam emfim o dôce repouso do estudo e a serena paz da arte a que o seu talento lhe dá direito.

Dezembro 1881.

## X

Adeante publicamos, pelas textuaes palavras da victima, a narração do attentado de que foi objecto o sr. Gomes Leal, em um wagon do caminho de ferro, por parte de dois vis sicarios.

Os fâcinoras subiram ao compartimento do poeta em Villa Nova de Gaya, munidos apenas de uma pistola, e olharam de soslaio para o vate por algum tempo.



Na estação de Espinho apearam-se com premeditação e fôram, segundo todas as hypotheses, tomar mais armas e algumas bebidas, umas e outras brancas.

Pelas alturas de Aveiro travou-se a lucta horrivel, ao cabo da qual os dois infames bandidos desistem de assassinar cobardemente o poeta, tomando a resolução generosa e magnanima de fugirem, com o comboio a andar, — acto de imprudencia que lançou no espirito attribulado do trovador o justo receio de que os algozes quebrassem as pernas, com o fim todo amavel de serem agradaveis á victima.

Tocando n'este caso, que a penna do sr. Gomes Leal nos descreve muito melhor do que nós o poderíamos fazer, é nosso intuito unicamente levantar, em honra de Villa Nova de Gaya, um pequeno equivoco em que o poeta labora, quando nos diz, nos commentarios de que acompanha a sua narrativa, que estamos em terra de cafres, porque em todos os paizes estrangeiros, ao contrario do que succede na nossa linha ferrea do norte, se respeita a vida dos grandes revolucionarios.

Não é tanto assim.

Os grandes revolucionarios que conhecemos na historia, anteriormente ao advento do sr. Gomes Leal, são Marat, Danton, Robespierre e Saint-Just. Temos idéa de que todos elles fôram mortos no pa-

tibulo sob os applausos de uma plebe não consideravelmente mais intelligente e mais espirituosa do que os matulas da Villa Nova.

Aos heroicos precusores da Revolução através da Renascença e da Edade-Média, aos grandes martyres da liberdade pela emancipação do pensamento, succedeu lhes pouco mais ou menos a mesma cousa.

Aqui temos, por exemplo, Abailard. A Igreja dizia: *A revelação é tudo*. Abailard proclamou: *A revelação sem o livre exame do espirito é nada*. Desde esse dia Abailard é um revolucionario. Ora o sr. Gomes Leal sabe decerto o que os meliantes francezes fizeram a Abailard, e isso nos dispensa de pômos mais na carta ácêrca de tão doloroso assumpto.

Depois de Abailard tivemos João Huss, tivemos Jeronymo de Praga, tivemos João de Leyde, tivemos Savanarola, tivemos Giordano Bruno. Todos elles morreram suppliciados, uns pela tortura, desfeitos aos boccados por tenazes de ferro em braza, outros, os mais felizes, unicamente a fogo lento como meros chateaubriands, bifes.

Se o sr. Gomes Leal, grande revolucionario, como diz ser, conseguiu escapar á sina dos seus confrades, convidado apenas com alguns sôcos que lhe ministraram os dois farricôcos de Villa Nova de Gaya, parece-nos que s. ex.<sup>a</sup> deve erguer as mãos

aos céos (logo que o possa fazer sem grandes dôes nas pisaduras) e agradecer aos deuses a brandura dos costumes que caracteriza os sicarios n'essa villa pacata, que á beira do Douro espera tranquilla o *veredictum* da historia, pacientemente acocorada no grande semicupio de vinho do Porto, com que a dotou a industria dos seus habitantes.

Que o poeta se não deixe illudir pela inviolabilidade que se lhe figura envolver no estrangeiro a integridade dos ossos de Gambetta, de Rochefort e de Castelar, que s. ex.<sup>a</sup> nos cita como seus collegas na obra da revolução!

Esses cavalheiros são decerto as mais illustres e estimaveis pessoas d'este mundo, consideradas n'outros pontos de vista, mas, como revolucionarios, elles não passam realmente de uns simples pobres de Christo.

O sr. Castelar é apenas um bello *diseur* do platonismo republicano hispanhol; é o actor Polla da democracia peninsular.

O sr. Gambetta é o primeiro dos philosophos barrigudos e felizes da união republicana.

Quanto ao sr. Rochefort, elle é o mais fino, o mais ironico, o mais poderoso dos jornalistas contemporaneos, mas como revolucionario, elle tende como o seu adversario Gambetta a crear ventre nos ocios da paz. Elle passeia a sua intransigencia so-

bre os boulevards n'um coupé de Binder de 15:000 francos, dorme-a n'uma cama historica, que custou quatro contos de réis; e alimenta o seu terrorismo com magnificos jantares não do gabinete ministerial, mas do grande gabinete 16 do Café Anglais, tendo comido mais trufas de Périgord do que nós outros comemos feijões carrapatos da Rabicha.

Se o sr. Gomes Leal quer por fôrça revolucionar de um modo mais estoico, precisa de tomar tambem mais conta com o physico.

O paralelo de Lord Byron, a que s. ex.<sup>a</sup> igualmente allude, esse é que nos parece ser perfeitamente exacto.

Lord Byron esbofeteado em Lisboa é inteiramente o *pendant* do sr. Gomes Leal socado em Estarreja.

Advertimos unicamente que Lord Byron não o foi contar ao *Diario de Noticias*. Fez outra cousa; escreveu o *Child Harold*.

É esse o conselho que damos ao poeta portuguez, dizendo-lhe como Goethe: Dóem-te os rins, faze d'elles um poema!

Que, a acceitar o nosso alvitre, o sr. Gomes Leal se apresse a dar ao destino dos seus ossos contundidos esse character immortal, emquanto aquelles a que s. ex.<sup>a</sup> chama os assalariados da monarchia lh'os não convertem, como parece terem em

vista, em botões de ceroulas para as infames classes dirigentes!

Diz a carta de s. ex.<sup>a</sup>:

«Entrámos para um wagon de primeira classe, que ia desoccupado, o que ao principio bastante jubilo nos deu.

«Em Villa Nova de Gaya saltaram para o nosso comboio dois homens mal vestidos, que pareciam operarios e que não traziam malas. Sentaram-se ao nosso lado, denotando projecto fixo ou pouca prática de comboios de primeira classe.

«Um d'elles não cessava de espiar os meus movimentos contemplando-me sempre de soslaio.

«O meu companheiro, apenas chegado, tinha adormecido.

«Elles sabiam que eu estava acordado, e os meliantes só me queriam atacar no meu somno.

«Em Espinho sahiram para beber aguardente, e provavelmente para se animarem para o seu attentado.

«Os meliantes entraram novamente no comboio.

«Passou-se ainda um certo espaço de tempo até que eu me voltei para a parede do comboio, e adormeci tambem, como o meu companheiro de viagem.

«Quando accordei foi á detonação de um tiro, que

parecia fazer estalar os vidros do comboio, cuja bala falhou mas que ainda chamuscou a golla do casaco que eu voltara para cima.

«No primeiro sobresalto ao despertar cuidei que o ruido fôsse de um descarrilamento.

«Os meliantes, vendo que eu tirava um revólver, que eu infelizmente não levava, seguraram-me, um pelos pés e o outro pelo pescoço, e com o cano ou coronha da pistola, davam-me repetidos golpes na testa e na cabeça.

«O meu companheiro continuava dormindo.

«Encetei uma lucta horrivel com os dois assassinos.

«Tinha o rosto todo inundado de sangue e as mãos.

«Assim que me puz em pé, chamei o meu companheiro.

«Elle, levantando-se estremunhado e surprêso, lançou-se a um dos sicarios, chamando por soccorro, enquanto eu me debatia com o outro.

«Um dos sicarios, desembaraçando-se do meu amigo, em risco de quebrar as pernas, saltou para a linha, indo o comboio em movimento.

«O assassino com que eu luctava, n'um ultimo esfôrço desembaraçou-se de mim; e dando me um tal empurrão que eu julguei ser arrastado tambem, saltou em seguida, ouvindo-se um grande baque no solo,

«Deixou cahir na lucta o chapéo, que eu entreguei em Aveiro para averiguações da justiça.

«Agora antes de terminar, quero fazer uns pequenos commentarios.

«Que estes assassinos eram homens comprados para commetterem o attentado é para mim um ponto de fé.

«Quem era a mão que os armava não sei, ou antes não é para aqui relatar o que suspeito... Não quero fazer conjecturas aqui no seu jornal, sr. redactor.

«Sei o que me cumpre fazer, sr. redactor. Tratarei de obter licença para o porte d'armas prohibidas. D'aqui por diante os senhores sicarios e meliantes, que não estiverem contentes com a minha penna, passarão a conversar com o meu revólver.

«Rogando-lhe a inserção d'estas linhas etc.»

Tal é a textual e authentica narrativa do caso memoravel, que faz presentir o fim proximo da poesia pela truculencia da taponna sobre a fibra dos vates. Mal hajam os odiosos sicarios, viajando sem malas, sem prática de comboios e com projectos fixos! Era bem feito que o trovador lhes tivesse dado com a lyra para o tabaco.

## XI

A pequena mas bella exposição de pintura presentemente aberta ao publico nas salas da Sociedade de Geographia, tem attrahido as attentões do dillettantismo e da critica para os expositores, a que algumas folhas chamam o *grupo dos dissidentes*.

Temos procurado achar o sentido d'essa designação, e não o conseguimos.

Comprehende-se que haja dissidencia unicamente onde ha opiniões. Na pintura franceza, por exemplo, o sr. Cabanel e o sr. Manet dissidem, porque o sr. Manet é a heresia, de que o sr. Cabanel é o dogma.

Mas em Lisboa — meu Deus! — de quem é que podem dissidir estes espirituosos artistas? . . . A não ser um grito de revolta que elles queiram agora levantar contra o Grão Vasco ou contra a Josepha d'Obidos, não sabemos realmente contra quem é que elles se insurgem.



A verdade é que os expositores da rua do Alecrim estão sós na arte da pintura.

O conspicuo e talentoso sr. Luppi é já mais que um simples artista, é um official maior da secretaria da natureza, é um chefe de repartição do quadro historico, jubilado.

Como eschola official resta-nos apenas o esclarecido sr. Delphim Guedes, mas este cavalheiro consta-nos que se acha presentemente fechado.

Dizem-nos que s. ex.<sup>a</sup> continua ainda a receber dos cabidos, das confrarias e das irmandades sertanejas, todos os tocheiros velhos e todas as galhetas duplicadas, de mais ou menos recente seculo XVI, que se lhe remettem para a arte ornamental; mas, pelo que respeita a discipulos, o seio d'esse varão recusa-se por emquanto a receber e a ensinar mais ninguem. Vedam-lh'o os seus affazeres.

O sr. Delphim deixou portanto de ser na pintura um portico, para ser unicamente uma tranca.

O sr. Porto o sr. Ramalho, o sr. Malhõa, o sr. Girão, o sr. Christino, o sr. Pinto, o sr. Vaz, o sr. Martins, são agora os pintores paizagistas unicos em Lisboa.

Elles são os que amam e os que interrogam a natureza, os que arregaçam as calças e deitam a mochila ás costas para ir de madrugada, com um pão e um cachimbo na algibeira, saltar os vallados,

descer a azinhaga, atolar os pés na terra lavrada, atravessar o ribeiro, subir a encosta, e plantar o cavallete em frente da amendoeira em flôr e da cancella rustica do quinteiro, onde as alfazemas desabrocham, onde as abelhas zumbem, e onde as galinhas se espanejam ao sol, debicando a leira.

São elles os que entendem o primeiro dos prazeres que, depois da terrivel dôr sublime de amar e ser amado, o Papá Deus deu á creança homem na festa do grande natal:— o prazer que teem certas naturezas em casar aos phenomenos da vida exterior a sensibilidade pessoal, e de fazer d'essa conjuncção o quadro, o poema ou a melodia, que são a consolação eterna da pobre alma da humanidade.

Os artistas são elles.

Quanto á instituição nacional que os protege, essa instituição é o sr. Manuel, môço da cervejaria Leão.

Porque o sr. Manuel não ensina aos artistas cousa nenhuma, não lhes marca falta na pauta, nem lhes diz asneiras tossindo de papo, arrotando-lhes estethica por detraz do hombro, e gesticulando para o modêlo com a bola de pão ou com o carvão em pitada entre os dedos.

O sr. Manuel contenta-se em se lhes rir para os quadros com uma bondade espirituosa, em lhes servir á mesa nos jantares do restaurante, e, segun-

do nos affirmam pessoas fidedignas, — em lhes fazer crédito.

Se isto assim é, — se effectivamente tu fazes crédito, ó magnanimo Manuel! ó môço sublime! eu que estas regras escrevo, te bendigo e te abenço, porque n'esta terra de falsos Mecenas, tu és o verdadeiro, o unico protector das nobres artes.

Palavreado temos ouvido muito; cruces do lagarto quantas se queiram; de alimentos — nada!

Fazendo crédito simplesmente, tu preenches os nossos votos mais caros- O que é o futuro todo d'um artista em Portugal senão isso: — a perspectiva d'ouro do bife com batatas ou da costelleta com hervas, affiançada por quinze dias!

Podemos adormecer em paz, meus senhores. A arte tem de comer, Deus existe, Manuel vela!

1882.

## XII

Ha cêrca de oito mezes reuniram-se a jantar em partida de prazer com alguns jornalistas hispanhoes, no mosteiro do Escorial, varios escriptores e artistas portuguezes.

N'esse edificio enorme, monstruoso e sinistro, destinado por Philippe II a perpetuar através dos seculos a memoria do despotismo monarchico e do despotismo catholico, parece habitar ainda hoje o velho espirito da inquisição peninsular. Por entre esses interminaveis muros sombrios, cujos alicerces desenham no solo a forma da grelha symbolica dos queimadeiros, uma frialdade glacial e insipida, de agua benta de Santo Ignacio, parece escorrer-nos ao longo da espinha. Um vago sentimento de terror atavico morde-nos o cerebro como com uma tenaz da antiga tortura. Tudo inspira ahi uma impressão esmagadora: a paizagem adjacente, salpicada de cruzeiros que irrompem funerariamente da verdura baça e pulverulenta dos olivaes; a grande massa exorbitante do edificio de granito, coberto de chumbo; a memoria das sete mil e quatrocentas reliquias de Santos que encerra a Egreja; as grandes estatuas que rodeiam o altar mór, ajoelhadas, com as mãos postas, em oração, na immobillidade fria e eterna do bronze; a camara lugubre de Philippe II, de muros lizos, pintados a cal, onde se conserva ainda a cadeira em que o rei catholico se sentava, e os dois tamborettes de pés de tesoura em que elle extendia como um trambolho informe a sua perna apodrecida pela gôtta; a alcôva de janella corrediça d'onde elle moribundo via a capella mór

da egreja, o marfim livido do Christo crucificado entre tochas accesas, e a feira dos monges encapuchados rezando, de bruços no marmore do chão, o officio da Agonia.

Foi n'esse palacio sinistro, em que a mesma solidão nos aterra ainda, como se no silencio da grande mole se houvessem immobilizado de repente as sandalias dos antigos inquisidores, foi n'esse convento pavoroso, onde o vermelho sangue alegre das creaturas humanas arrefece nas veias como o sangue dos reptís, que os jornalistas nossos compatriotas celebraram com os jornalistas castelhanos o banquete da confraternidade litteraria. Dentro d'esse mosteiro sepulcro, em cima de cuja porta o brazão portuguez está ainda enlaçado ao brazão da Hispanha, fez-se a festa.

Rolaram no ar as rôlhas do Moët e do Clicot, e os estrepitosos hurrahs da bella orgia sacrilega da intelligencia moderna encheram os échos do antro, desde o alto dos zimbórios até as profundidades das catacumbas, onde a podridão dos Philippes jaz estirada nos seus respectivos caixões, em tórno da grande ossada do imperador Carlos V.

Dentro d'esse monumento da intolerancia religiosa e da intolerancia politica do despotismo hispanhol, os escriptores portuguezes, os netos dos anti-

gos vencidos do duque d'Alba, ergueram os seus copos cheios com o cordial Champagne da Revolução, e beberam festivamente, como independentes artistas, á saude de quem quizeram: ás suas sympathias de coração e ás suas affeições de espirito, á sciencia livre, aos herejes bemfeitores da humanidade, á irreverencia, ao sacrilegio, á grande liberdade e ao eterno amor.

Porque os nossos compatriotas não estavam no Escurial por um acto de complacencia restricta ou de tolerancia condicional; elles estavam ahi no exercicio de um direito augusto e sagrado — o direito que a civilisação do seculo XIX confere á intima confraternisação dos povos e á absoluta independencia dos espiritos.

È no gôso de um direito perfeitamente igual áquelle com que os jornalistas portuguezes visitaram ha oito mezes o Escurial, que sua majestade Affonso XII visita hoje Lisboa, passeando o seu monarchismo de familia na terra do prior do Crato, com a mesma franqueza com que nós passeamos a nossa philosophia democratica, regaladamente, de ulster escocez, com um chapéo côco na cabeça, sacudindo a cinza dos nossos brevas sobre os antigos dominios de Philippe II e de Santo Ignacio de Loyola.

A civilização moderna, pelo seu principio de solidariedade humana, tornou a dar á hospitalidade o antigo sentido sagrado dos tempos biblicos.

Os aldeões da Dalarnia, entre as montanhas norueguesas, ao partirem em cada madrugada para o trabalho dos campos, fecham ainda hoje as portas das suas cabanas unicamente com um laço de corda, e deixam posta a mesa com um pão e uma escudella de leite, para o estrangeiro que passar. Os povos civilizados procedem como os dôces e rudes lavradores das margens do Dal: fecham apenas as suas fronteiras com um fio, e teem sempre posta a mesa para o hospede, com o pão da liberdade e com o leite da philosophia.

Saudando pela sua chegada a Lisboa o rei de Hispanha Affonso XII, abençoamos na pessoa d'elle o estrangeiro que vem á nossa mesa provar aquelle pão e beber d'aquelle leite. Na nossa qualidade d'artistas e como obscuros e modestos collaboradores da festa da autonomia portugueza, celebrada em Lisboa por occasião do centenario de Camões, nós temos contrahida com sua majestade Affonso XII uma divida de gratidão litteraria, da qual folgamos hoje de nos desempenhar, confessando-a. Ao passo que o governo portuguez regateava vilmente á commissão do jubileu camoneano a mi-

seravel quantia de 4 contos de réis, e que o soberano portuguez se absterera de contribuir por qualquer modo que fôsse para essa commemoração festival, Affonso XII dispendeu, elle só, do seu bolso, no cortejo nacional destinado a honrar a memoria do poeta Calderon de la Barca, a quantia de 40 contos. Em nome do respeito devido ás glorias da arte peninsular, o nosso bilhete de visita e de agradecimento a sua majestade catholica.

Espalhou-se em Lisboa o boato de que sua majestade el-rei acompanhado da sua côrte fôra á estação de caminho de ferro esperar a familia real de Hispanha. Este boato é falso. Segundo o *Diario de Noticias* um telegramma preveniu o trem de Madrid da hora a que chegariam á estação de Lisboa as carruagens da côrte portugueza, e em vez de ser o rei de Portugal que esperou o rei de Hispanha em Lisboa, foi pelo contrario sua majestade catholica que esperou por sua majestade fidelissima no Poço do Bispo.

Atraz da real comitiva que seguia os principes catholicos desde Santa Apolonia até Belem via-se a legação de Hispanha, composta de quatro diplomatas em grande uniforme, dentro de uma tipoia de aluguel, descoberta e puxada por duas pilecas descadeiradas e lanzudas, da cor de dois ratos doentes



de ictericia. Notavel exemplo de parcimonia no luxo, diplomaticamente dado pelos descendentes de Carlos V, o esplendido, aos descendentes de D. Manuel, o magnifico !

As exorbitantes dimensões das cabelleiras brancas dos sotas dos côches reaes de grande gala fizeram profunda impressão no publico no dia da chegada dos reis de Hispanha.

Ou as cabeças dos servos de suas majestades teem estreitado ou as suas cabelleiras teem crescido muito desde a ultima gala a esta parte.

É em todo o caso extremamente consolador o poder constatar com jubilo que as presentes festas nos compensam largamente em sombra de clina nas cabeças dos reaes postilhões o que nos levaram em sombra d'arvores nos passeios publicos. Pedimos com instancia aos poderes do Estado que, uma vez terminados os festejos, as frondosas cabelleiras a que nos referimos sejam postas no Rocio em substituição do arvoredo que por esta mesma occasião alli foi tosquiado á escovinha.

Referem alguns jornaes o projecto de varias *corridas*, destinadas a entreter suas majestades catholicas.

Uns falam nas *corridas do rei de Hispanha*, ou-

tros na *corrida dos curiosos*, outros finalmente na *corrida do sr. Anjos*.

Parece, porém, que no fim de contas teremos de contentar-nos apenas com uma corrida de cavallos e com uma corrida de touros.

Além do que, sómente correrão algumas pêtas, algumas libras e muitas pernas de calção e meia.

Com a passagem de suas majestades, desde Santa Apolonia até Belem, o coração do povo confrangeu-se mais uma vez na idéa das torturas a que a etiqueta condemna os principes, forçando-os a viajar de uniforme militar e de chapéo de bicos em wagon.

O direito divino oppõe-se absolutamente ás dôces commodidades do ulster, do foulard e do bonnet.

No throno, a corôa, e em caminho de ferro o chapéo de bicos, mostram-nos que nem tudo são rosas na terra para as testas coroadas.

Janeiro 1882.

## XIII

Não diremos que tudo esteve *esplendido, magnifico, deslumbrante*. Estes tres adjectivos acham-se completamente esfalfados, e não podem com mais tinta. É preciso pôl-os a caldos peitoraes, retirando-os por algum tempo do vocabulario e entregando-os ao sr. Franco ou ao Bahuleiro, — os dois oraculos nacionaes da therapeutica applicada á espinhella cahida.

Repetiremos apenas, com a devida vénia, a phrase inspirada que o mui ardente *Commercio de Portugal* cravou ha dois dias, com um pente miudo, de tirar a caspa, na juba intonsa do leão castelhano: — *Fez-se o que se pôde, fez-se o mais que se pôde!*

Effectivamente, se nos convém mais esta gloria para accrescentar ás de Ourique e de Aljubarrota,

os Curcios e os Xenophontes do *Commercio de Portugal* podem transmitil-a aos evos: — *Fez-se o mais que se pôde.*

O governo, que ha tres mezes não paga aos seus professores de instrucção primaria, dispendeu mil contos para festejar o estrangeiro, ministrando-lhe bambolins azues e brancos, terra vermelha da outra banda, e um bailado pirrhico com todas as ictericias de soldados e todas as tympanites de majores que se puderam aquartelar em Lisboa.

A Associação Commercial, — que nunca se mexera do seu canto para ser agradavel a nenhum dos grandes bemfeitores do commercio; que não teve uma sêde d'agua para dar de beber a Nordenskjold quando elle aqui esteve na volta do Polo, e que ainda se não bateu com um bife e um bock para offerecer a esses dois viajantes tão benemeritos quanto despremiados, os srs. Brito Capello e Ivens, — pediu casa emprestada e deu um baile monstro ao sr. D. Affonso de Bourbon, cujo glorioso nome de familia nos não parece que até agora houvesse jámais figurado nos annaes do commercio, a não ser, indirectamente, por alguns pequenos processos instaurados á sua augusta mãe pelos negociantes de Paris, sobre cujas contas aquella piedosa princeza frequentemente lan-

ça, com mão soberana, o bem conhecido véo do esquecimento.

A associação dos jornalistas e dos escriptores publicos desenvolve repentinamente uma actividade prodigiosa para cumular de passeios fluviaes e terrestres os seus confrades de Madrid.

Para serem obsequiosos com os nobres estrangeiros, os vereadores da cidade decepam as arvores tão preciosas para o recreio e para a saude dos seus municipes; e o sr. governador civil, com eguaes intuitos hospitaleiros, restabelece as pegas de touros, que ainda ha pouco abolira como offensivas da civilisação e dos progressos modernos.

Várias familias penduram no Monte-Pio os seus pianos para o fim de occorrerem com créditos supplementares aos esplendores dos festejos; e os homens arriscam tudo para o mesmo effeito: os seus paletots extraviados no vestuario de S. Sebastião da Pedreira, as suas commendas perdidas, as suas casacas rasgadas, os seus diplomas da associação Primeiro de Dezembro, e as suas barrigas de pernas em algodão.

O que por esta occasião se despendeu em rhetorica jornalistica é ainda mais assombroso do que

tudo quanto se despendeu em dinheiro, em camelias, em touros, em theatros, em foguetes de Pain, em areia do Alfeite, em deslocação de regimentos e em calções de côrte.

No passeio sobre o Tejo na noite do fogo de artifício, um poeta saudou em nome das lettras, com o Champagne do sr. Henrique Burnay, as duas rainhas de Portugal e Hispanha. Esta saudação constitue hyperbole notavel, porque em verdade nós outros, escriptores, plebeus portuguezes e plebeus hispanhoes, saudamos as nossas rainhas todos os dias pelo imposto de consumo, todos os mezes pelo imposto industrial, todos os semestres pelo imposto pessoal, e todos os annos pelo imposto sumptuario. Pela nossa parte nunca nos desempenhamos d'este sagrado dever sem exclamarmos nos braços do recebedor respectivo — «Á saude d'aquelles que a divina providencia collocou sobre o throno da nossa patria, amigo sr. escrivão.»

Um jornal levou o seu enthusiasmo pela distincta e aristocratica figura da rainha de Hispanha até o ponto de dizer que ella tinha *uma cabeça de Velasquez*. Presentemente que a allucinação da festa passou, estamos certos de que esse escriptor, d'animo frio e repousado, não terá duvida de concordar

comnosco em que a cabeça d'essa sympathica princeza, iconographicamente considerada, não é em realidade mais especialmente de Velasquez do que do sr. D. Manuel de la Quadra.

Um estylista nervoso disse com referencia ao palacete de S. Sebastião da Pedreira na noite do baile do commercio: «O palacio foi envolvido por uma onda de irradiação multicôres, que desenharam sobre um fundo rubro azulado toda a opulencia da sua construcção, destacando senhoril e altiva a elegante torre do relógio e a orla dentada das muralhas acastelladas de um solar merovingiano.»

Que a Hispanha amiga accete essa descripção feita para ella, em desconto da impertinenciasita com que algumas vezes lhe falamos em 1640. Para que se calcule quanto custou o esforço de estylo a que nos reportamos bastará considerar que *as muralhas acastelladas do solar merovingiano d'entre as quaes sobresaie a torre senhoril*, são apenas as paredes da cavallariça do finado José Maria Eugenio, onde figura um relógio collocado por cima do palheiro.

Um chronista constatou que o rei da Hispanha falava o francez com uma pureza genuinamente parisiense, quando a verdade sacrosanta é que sua

majestade — podemos já agora dizel-o sem comprometter o successo das festas — fala o francez apenas como um puro parisiense. . . da calle d'Alcalá. Em conversação com o rei catholico o rei fidelissimo faz o effeito de um pae nobre da Comédie Française em dialogo com um galan do Grande Theatro de Marselha.

Um outro quiz lisonjear a tal ponto o espirito litterario do soberano hispanhol que chegou a affirmar que sua majestade falava o *argot* dos estudantes de Paris. E o chronista abona a sua affirmação citando estes dois termos usados pelo principe : *d'abord* e *voyons*. Effectivamente *voyons* e *d'abord* são duas expressões francezas que se não encontram senão nas *brasseries* do Quartier Latin ou nas paginas da *Vie de Bohème* de Henri Murger.

Se depois de tudo isto os jornalistas hispanhoes — segundo parece deprehender-se de recentes artigos das folhas de Madrid — não estão plenamente satisfeitos com a recepção que Lisboa lhes fez, a elles e aos seus soberanos, os jornalistas hispanhoes hão de nos conceder a permissão de lhes dizer que são um tanto exigentes de mais.

Um jornal de Madrid compara o silencio das ruas de Lisboa na passagem do cortejo do rei de Hispa-



nha, com a ovação enorme feita á imprensa, ás eschololas, ás associações scientificas, ás associações populares e aos jornalistas estrangeiros no dia do centenario de Camões. Perante um semelhante argumento a recepção do rei de Hispanha seria com effeito quasi hostile. Mas não é admissivel tal comparação. Se o soberano hispanhol queria absolutamente de nós um enthusiasmo mais expressivo, sua majestade deveria ter vindo um seculo mais tarde. Hoje em dia os povos da Europa já não fazem ovações aos individuos pela jerarchia social a que elles pertencem, mas sim pelas idéas e pelos interesses que elles representam. Assim em Paris e em Londres, onde os principes, representantes de todas as dynastias, triumphantes ou proscriptas, são invariavelmente acolhidos com a mais requintada e perfeita polidez, as ovações são exclusivamente reservadas para Victor Hugo, que representa a intelligencia e a poesia, e para Garibaldi, que representa o valor e a liberdade.

Algumas folhas hispanholas accusam-nos da *frieza* e pedem d'isto satisfação ao sr. D. João Valera, ministro em Lisboa. Convém fazer advertir que a *frieza* é simplesmente a temperatura da dignidade, assim como a verticalidade é a sua forma. Quando em 1484, um portuguez, Fernão da Silveira, mais tarde mandado assassinar em França por D. João II,

se refugiou na côrte de Fernando e Isabel depois de frustrada a conspiração de Setubal, de que foi victima o duque de Vizeu, os fidalgos hispanhoes, querendo verificar se Fernão da Silveira era ou não um cavalleiro, combinaram que um d'elles, o protector de Silveira, deixaria cahir junto d'elle a sua luva, em uma reunião do palacio. A attitude de Silveira para levantar ou para deixar cahida a luva revelaria a prosapia ou a villania do portuguez. Preparada a prova, Silveira, de cabeça alta, olhou para a luva, e cruzando os braços no peito, deixou-a ficar no chão. Os fidalgos da côrte de Fernando e Isabel, abraçaram então o emigrado, reconhecendo n'elle um homem nobre.

Se os hispanhoes do seculo xix exigem de nós perante o seu rei mais flexibilidade de espinha do que a do antigo conspirador de Setubal, os hispanhoes obrigam-nos a lamentar que no seu reino se haja deprimido o alto nivel pelo qual no seculo xv elles tão bem sabiam definir a dignidade e a nobreza dos outros.

Janeiro 1882.

## XIV

O dia em que hoje nos achamos é o de quinta feira dos compadres

Ajoelhem'o'-nos reverentes, e ergamos o nosso pensamento ao Altissimo!

Logo que o povo portuguez chegue a ter a comprehensão nitida e perfeita do seu actual destino e da sua presente situação na historia, a festa dos compadres, hoje obscura, será a primeira das nossas festas nacionaes.

Porque o compadrio é hoje o verdadeiro e legitimo *in eo vivimus et sumus* da Nação portugueza.

Ha muito tempo que o reino deixou de facto de pertencer aos frades, deixou de pertencer á Virgem, deixou de pertencer ao rei, e deixou de pertencer á Carta.

O reino agora a quem pertence é unicamente ao compadre.

Este novo poder do Estado, exclusivo e absoluto,

não tem ainda por em quanto culto externo. É preciso creal-o. Assim o exige a necessidade do prestigio de que em todas as nações cultas é uso revestir o principio supremo da auctoridade espiritual.

Daes nos em cada anno S. Jorge, ó insensatos, como se nas relações mysticas ou nas relações sociaes do nosso tempo pudesse haver alguma cousa de commum entre nós e S. Jorge! S. Jorge... Não conhecemos esse sujeito. Quem nós conhecemos é o compadre.

Já não ha mouros e christãos, não ha nobres e villões, não ha legitimistas e constitucionaes, não ha cartistas e patuléas. A sociedade portugueza achase dividida em dois unicos campos distinctos e diversos: Os que vivem no compadrio e os que não vivem no compadrio. Uns são os exploradores, os outros os explorados; uns pagam, os outros recebem; uns são os gordos, os outros os magros; uns mandam, os outros servem.

Por isso o compadre deve ter na consideração dos povos um throno, um altar e um andor. Pedimos para elle o *Te-Deum*, a missa cantada, a parada, o espectaculo de gala, o fogo d'artificio e a philarmonica.

A Carta, que alguns querem agora reformar, está reformada ha muito. Quem a reformou foi o compadre. A religião passou por uma transforma-

ção identica. Já ninguem pede nada aos padres. Pede-se aos padrinhos.

Se quereis portanto consagrar verdadeiramente o novo pacto fundamental da sociedade em que vivemos, celebrae solemnemente como deveis a unica festa nacional que ainda nos resta: — a quinta feira dos compadres, isto é, o unico dia grande dos cidadãos portuguezes.

## XV

Dando ha pouco noticia da abertura da exposição de quadros modernos na rua do Alecrim, coube-nos a honra de citar o nome de Manuel, moço da cervejaria Leão, como sendo o primeiro dos protectores da arte portugueza n'este seculo, por isso que em quanto os demais sabios e ricos homens não dão aos artistas mais do que algumas velhas asneiras em forma de conselhos paternaes, e alguma attenção platonica em forma de cuspo applicado ás telas com a ponta do dedo, Manuel em vez de aphorismos de

esthetica e de dedadas de saliva, dá a crédito bifés com batatas.

E hão de se desenganar de que o unico meio que o publico tem de favorecer o artista é este: engordar n'elle o bello animal.

Em quanto ás bellas obras é absolutamente inutil que o publico tenha o incommodo de as suggerir, basta que tenha a bondade de as pagar.

Como todo o principio justo é por sua natureza fecundo, ahi estamos já hoje a vêr fortificar em Delfim Guedes a admiravel idéa que expuzemos ácêrca de Manuel, o moço.

Compenetrado da profunda e resplandecente verdade que nós enunciamos, o cornaca official da arte portugueza sr. Delfim penetra com pé firme na senda das reformas artisticas, não dando relatorio nenhum e dando um banquete sobre a exposição da arte ornamental.

Se o sr. Delfim persistir nos solidos methodos que acaba de inaugurar, elle bem merecerá da posteridade, e a historia, registando os serviços prestados por S. Ex.<sup>a</sup> ao ensino artistico da nação, dirá commovida:

*Barbosa, Alarcão e Viterbo jantaram bem em casa de sua excellencia.*

Eis, segundo o nosso conspicuo e mui disserto collega do *Commercio de Portugal*, o menu do jantar offerecido pelo sr. Delfim Guedes, inspector das Bellas Artes em Lisboa, aos seus illustres collegas da commissão executiva da exposição da arte ornamental.

*Potage*: — Au Musée des Beaux-Arts.

*Hors d'oeuvres*: — Petites bouchées du siècle passé.

*Relevés*: — Poisson à l'Art Archéologique, Filet de boeuf à l'Art Ornamental.

*Entreés*: — Gratin de Bécasses aux truffes gothiques, Foie gras de Strasbourg à l'Art Ancien, Punch à l'Exposition Rétrospective.

*Rôtis*: — Pintades truffées Hispano-Arabes, Macedoine à la Commission Executive.

*Entremets*: — Asperges Celtiques, Gelée de tangerines fouettée au XI<sup>me</sup> Siècle, Charlotte d'abricots à la mosaïque, Corbeilles de meringues peninsulaires, Gâteau de Terrugen, Gâteau de Montelavar, Dessert varié.

*Glaces*: — A la lumière electrique.

Ao mesmo tempo que o sr. Delfim Guedes saboreava com a commissão executiva da Exposição as suas *petites bouchées*, do seculo passado, as suas

*truffas gothicas* e as demais iguarias acima referidas, alguns visitantes da mesma exposição commemoravam o dicto certamen com outro banquete, cujo *menu* foi o seguinte :

*Potage*: — Bouillon Delguim aux croutes de l'Académie des Beaux-Arts.

*Hors d'oeuvres*: — Petites bouchées d'oie delfinoise à la banalité archéologique.

*Relevés*: — Carpe delfine à farce rétrospective. Lapin dauphiné à l'herbe esthetique.

*Entrées*: — Cretin de bêtasse delguine truffée à l'Art Ornamental, Cochon Guedés sauté ao Musée National.

*Rôtis*: — Train de derrière de Dauphin fouetté à Montelavar au XIX<sup>me</sup> siècle.

*Salade*: — A l'époque dite Romaine, et aux Bêtes rares de la Commission Executive.

*Entremets*: — Choux à la roi de Tu-l'es, Pointes de capas d'asperges à l'Art Ornamental.

*Glaces*: — Aux bouts de chandelles.

Fevereiro 1882.



## XVI

Algumas palavras ácerca da Exposição da Arte Ornamental, prestando o devido tributo do nosso respeito aos individuos que promoveram e realisaram no palacio das Janellas Verdes a reunião de muitas obras constituindo uma parte consideravel da riqueza artistica do paiz, que o publico não poderia conhecer nem estudar por outro meio.

Agora a nossa impressão ácerca da importancia d'este facto sobre o conhecimento dos elementos constitutivos da arte portugueza, suas origens e sua evolução.

O que para a critica se deduz do exame dos documentos colligidos no palacio das Janellas Verdes é o seguinte:

Representam bem esses documentos os principaes vestigios do trabalho artistico em Portugal, — sim ou não?

No primeiro caso dizemos: Em Portugal não existe uma arte profana; existe apenas uma arte religiosa e uma arte de sacristia.

No segundo caso perguntamos: Os documentos que faltam n'esta collecção perdeu-os a sociedade ou não os souberam encontrar e reconhecer os individuos encarregados de organizar esta exposição?

Tal é o problema, que esperamos vêr brevemente esclarecido pelas profundas luzes que o sr. Delfim Guedes não deixará porcerto de derramar sobre o assumpto.

Emquanto sua excellencia se não pronuncia, resolvendo definitivamente a questão sujeita, a nossa opinião, que humildemente pedimos licença para emitir, é:

Que o genio artistico da nação portugueza produziu durante os tempos da sua vida historica mais algum trabalho além d'aquelle de que os calices, as patenas, as custodias, os frontaes d'altar e os paramentos de igreja recolhidos na Exposição da Arte Ornamental nos offerecem os vestigios.

Muitos d'esses productos industriaes da arte civil admira-nos pouco que os não encontrassem os organisadores d'esta exposição, porque elles desapareceram por effeito da imbecilidade dos governos, absolutamente desconhedores da importancia d'esses documentos para a historia da nossa autonomia

mental, e por effeito ainda da ignorancia e da perversão do gôsto, characteristics das nossas familias nobres e ricas, bestificadas durante tres seculos pela deprimente educação jesuitica.

Para explicarmos, por exemplo, o desaparecimento das espadas de corte que deveriam ter sido cingidas outr'ora pelos nossos cavalleiros e fabricadas pelos nossos alfagemes celebres, bastará considerar que as bellas armaduras dos duques de Bragança, as quaes ainda no principio d'este seculo existiam no salão de Villa Viçosa, fôram alli vendidas aos ferreiros da localidade, os quaes naturalmente transformaram os morriões em caçarolas, os punhaes em espevitadeiras, e as espadas em tesouras de tosquia.

Não é todavia nos thesouros dos mosteiros, constituidos segundo o criterio fradesco, nem nas colleções de familia, dispersas pela dissolução dos costumes e pela irreverencia das tradições heroicas, que teem de ir procurar o fio truncado da inspiração esthetica aquelles que se encarregam de nos dar o spectaculo do trabalho artistico de uma nação.

Sobre as industrias tradicionaes do povo é que principalmente devem recahir para esse fim as atenções dos investigadores.

Ora são precisamente essas industrias que não

vemos representadas na exposição da arte ornamental.

Esta lacuna é profundamente lastimosa, porque é n'esses trabalhos livres e espontaneos do povo que mais puramente e mais brilhantemente se revelam as tendencias e as disposições artisticas de uma raça.

As joias d'altar, feitas por encomenda de ordens ricas ou de reis beatos, são documentos subalternos.

O povo é que é o depositario, o guarda e o cultor da tradição, do estylo e do gôsto de um paiz.

E nós sustentamos que uma simples canga dos bois minhotos, ou uma bilha da Beira, d'aquellas com que as mulheres de Coimbra vão buscar agua ao Mondego, tem mais character artistico e mais valor ethnologico do que as patenas e as custodias de D. João V, todas juntas.

Março 1882.

## XVII

Se a excellentissima camara municipal de Lisboa nos concede licença, alongaremos respeitosa e com a devida vénia para tão insigne e illustre corporação, as pontas da tenaz que temos aqui ao lado — com o sagrado fim de armarmos convenientemente a nossa dedicação e o nosso profundo respeito, sempre que se trate de bulir nos mysteriosos ingredientes que constituem a michordia nacional da civilisação e do progresso.

Sempre respeitámos muito a camara. Todavia — não nos pejaremos de o confessar — este respeito tinha-nos vindo espontaneamente, sem a intervenção pessoal das nossas faculdades, animalmente, como pode vir a bortoeja.

Ao fogo dos nossos enthusiasmos municipaes o nosso respeito aos vereadores, rompeu, como rompe na pelle, pelos calores, a borbulha.

Data o connubio da nossa razão com o nosso instincto nas ligações affectuosas que nos prendem

ao vereador, d'aquelle dia entre todos memoravel em que o *Diario de Noticias*, o periodico plutarchiano que nem zombando mente, nos contou que o presidente do municipio lisbonense, indo a bordo de um navio inglez cuja carga se incendiara no Tejo, elle, o vereador, dirigindo a palavra ao maritimo, *lhe falara em inglez*.

Em inglez! E não haver alli assim, como houve o *Diario de Noticias* para o contar, não haver alli um pincel que atirasse á tela com este quadro tão commovente, tão patriotico, tão elevado: s. ex.<sup>a</sup> o presidente da camara de Lisboa falando ao estrangeiro — em inglez!

Outro fôsse elle, outro fôsse s. ex.<sup>a</sup> que, sabendo que o nauta era inglez, lhe falasse n'aquella linguagem attica, tão expressiva e tão vehemente de Eschilo e de Xenophonte; ou que, preferindo a antiguidade latina, abrisse a bôcca no portaló e botasse para dentro Cicero; ou que, retrahido modestamente nas tradições biblicas, falasse elle e se ouvisse Jacob!

Porém não! S. ex.<sup>a</sup> não hesitou, s. ex.<sup>a</sup> não lhe tremeu o labio, s. ex.<sup>a</sup> subindo á embarcação ingleza, commandada por um cidadão inglez, sentiu dentro uma picada, uma dôr, um toque, um bacorejar secreto, o rugido intestinal e prophetico que impelle o homem aos arrosos extremos, e, ahi, debaixo

do glorioso pavilhão britannico, nas aguas lusitanas, á vista dos paços dos nossos reis — e do gazometro, s. ex.<sup>a</sup>, o vidente, com grande pasmo de todos os circumstantes, exclamou: «*Oh yes!*» — notavel exemplo de quanto pode no discreto emprêgo das linguas uma nobre e independente selecção!

Quando soubemos pelo dicto *Diario de Noticias* que o presidente da camara municipal era tão grande homem, tão illustre sabio, nós não só arregalámos os olhos, não só extendemos uma perna á frente especando os nossos corpos para traz sobre as bengalas, mas até — cousa que nunca até ahi nos tinha succedido — deitámos as linguas de fora, acto que em outros é muita vez um costume reprehensivel e feio, mas que em nós — então o reconhecemos — é indicio terrivel de uma admiração illimitada!

E dizemos mais uma coisa:

Se no que o *Diario de Noticias* refere da escolha tão peregrina que s. ex.<sup>a</sup> fez do idioma em que interpellou o nauta não ha alguma parte meramente fabulosa e lendaria, então, a ser isso verdade, perdoará o municipio, mas não merecia á providencia que esta lhe propinasse, para reger os seus destinos, cavalheiro de trato tão lhano e tão fino!

Excellentissimo sr. presidente: Dirigimos a v. ex.<sup>a</sup> a nossa debil e humilde voz, na esperanza de que

v. ex.<sup>a</sup> não seja menos perito em abrir orelha benevola á lingua de Melicio do que o foi em soltar do labio rispido o idioma de Cromwell.

Sr. presidente: Lisboa, graças aos magnanimos esforços de intelligencia, de espirito, de bom gôsto e de boa vontade da corporação illustre a que v. ex.<sup>a</sup> preside, é ainda hoje aquella terra inhospita, boçal e immunda de que fala no *Child Harold*, paginas 6, linha 3, o poeta Byron, o qual v. ex.<sup>a</sup> e os seus collegas conhecem porcerto tão profundamente como o povo da Outra Banda conhece o pontal de Caci-lhas.

Estamos em setembro, ex.<sup>mo</sup> sr., no mez da caça. Falemos da caça.

A caça, como toda a gente sabe, menos a municipalidade de Lisboa, é um veio abundantissimo da alimentação publica. Aqui então, onde a carne de boi e a carne de carneiro attingiram um preço que nenhuma consideração explica e que equivale para muita gente a um preceito municipal de jejum, parece que a caça deveria merecer a v. ex.<sup>a</sup> e aos seus dignissimos collegas ligeira attenção. Porque, em fim, nem só de bife vive o homem, e uma cousa que nos parece que não seria desagradavel áquelles operarios que ultimamente se felicitavam em communicados aos periodicos de poderem deixar as officinas ao *poetico toque das Ave-Marias*, seria, de-



pois do dicto toque poetico, poderem achar na mesa a prosa tôska de uma boa perdiz assada.

Ora vejamos o que em beneficio do custo e da abundancia da caça tem feito a excellentissima camara, a qual no tocante á carne de boi não tem ainda achado um meio que enfreie o monopolio.

A excellentissima camara no tocante á caça nada tem feito.

Talvez v. ex.<sup>a</sup> nos observe que a fiscalisação da caça pertence á policia rural nos campos. Pedimos licença para replicar a v. ex.<sup>a</sup> que ainda mesmo nos paizes em que ha uma policia rural, esta fiscalisação se não exerce, nem se pode exercer inteiramente, nos campos onde a caça se mata, mas sim nos mercados onde ella se vende. Assim acontece, excellentissimo senhor, que em Madrid, em Paris, em Londres, e em muitas cidades ainda de provincia, fazem as direcções municipaes pesar uma forte multa, acompanhada da apprehensão do objecto multado, em toda a peça de caça, que dentro do tempo defeso apparece á venda nos mercados, nos restaurantes e nos hoteis.

Succede porém em Lisboa que durante todo o verão tivemos nós como bons municipes o orgulho de vêr nas exposições de todas as tabernas das ruas da Baixa, as quaes ruas os senhores vereadores cal-

cam gloriosamente com pé diurno e nocturno, abundantes pratazadas de perdigotos assados pouco maiores do que pardaes.

Ora sabe v. ex.<sup>a</sup>, sr. presidente, o que é assar perdigotos? É roubar perdizes.

E este roubo, que esperamos que não faça sorrir impudicamente a ignorancia da camara em questões de subsistencia, este roubo, que é avultadissimo, que affecta directamente o agricultor dos campos devastados pelos cães e o consumidor da cidade profundamente cerceado da abundancia de um alimento importante, este roubo faz-se descaradamente em Lisboa sob o ôlho catacego da policia e nas barbas venerandas da vereação eximia.

Este mez é tambem *o mez dos banhos* — expressão terrivelmente symptomatica, cujo alcance não passará decerto despercebido da muita perspicacia de v. ex.<sup>a</sup>! Lisboa tem o *mez dos banhos*, o que vem a dizer que Lisboa não só não tem o banho de todos os dias, mas nem sequer — oh! pudor! — o banho de todos os mezes! Uma das razões d'isto, excellentissimo senhor, é que a agua que v. ex.<sup>a</sup> e os seus immortaes collegas de accôrdo com a Companhia das Aguas nos fornecem custa em Lisboa, onde a exploração da agua é difficil e dispendiosa, quasi dobrado do que custa em Paris, por exemplo,

onde essa exploração é muito mais dispendiosa e muito mais difficil.

Mas, revertendo ao ponto: Visto que estamos no mez dos banhos no Tejo, falemos do Tejo.

Sr. presidente da camara municipal de Lisboa: Nós fazemos a v. ex.<sup>a</sup> a justiça de acreditar que v. ex.<sup>a</sup> nunca foi ao Tejo senão no dia anterior áquelle em que a cidade teve a noticia de que v. ex.<sup>a</sup> alli se tinha achado lançando palavras inglezas aos ventos da immortalidade.

Pois, senhor, o Tejo é um rio tão policiado como o Zambeze nas regiões d'África em que são habitadas por indigenas as margens do Zambeze.

Eis o que succede no Tejo aurifero:

Vae por exemplo rio acima um senhor vereador, em um bote, discreteando á briza matinal com sua ex.<sup>ma</sup> esposa. Ao mesmo tempo vem, rio abaixo, na corrente, um bote com cavalheiros. O que fazem os cavalheiros, sob as proprias vistas de s. ex.<sup>a</sup>? Despem-se?

Nós nunca acompanhamos senhoras no Tejo; temos porém passeio alli sósinhos em algumas d'estas ultimas manhãs, meditando em v. ex.<sup>a</sup>, senhor presidente, e na camara. . . E verificamos este facto que não commentamos, contentando-nos apenas com expol-o: Ha individuos que vão para o Tejo despir-se.

Talvez nos digam que os alludidos cavalheiros pretendem banhar-se; e não é certamente a este justo desejo que nós pretendemos oppôr-nos; sómente o que vivamente desejamos não é que se não banhem, é que — se não dispam.

Porque, senhor presidente, note v. ex.<sup>a</sup> que, generalizando-se este principio de que o appetite do banho auctorisa uma pessoa a prescindir do vestuario, poderemos brevemente começar a vêr no Passei Publico, no Chiado, em S. Carlos, sitios onde não é prohibido por nenhuma postura que o banho appetença, a sociedade de Lisboa começar a despojar-se inopinadamente dos seus colletes de flanela.

Ha mais, senhor presidente: A policia marginal tambem não existe. De modo que os catraeiros do Terreiro do Paço e do caes do Sodré estabelecem nos preços dos transportes e das passagens a tarifa que querem. Desculpe-nos v. ex.<sup>a</sup> o atrevimento de lhe pôrmos uma pergunta: Se ha um regulamento para os cocheiros, por que razão não ha de existir um regulamento para os catraeiros, quando se dá que em terra todo o habitante pode prescindir de um trem, ao passo que no mar não pode ninguem prescindir de um bote? De modo que a termos de passar sem uma tabella d'estes serviços poderíamos

dispensal-a em terra, não a podemos dispensar no mar.

No mar, senhor presidente, quando nos achamos a bordo de um paquete, e o catraeiro nos pede uma libra para nos trazer da embarcação para o caes, nós não temos senão uma alternativa: ou dar a libra para virmos para o Terreiro do Paço, ou não dar a libra e sujeitarmo'-nos a que o paquete nos arroje a longinquas plagas hostis: a Pernambuco, por exemplo, onde o vingativo José Soares nos espera com a sua bengala venenosa e facunda.

Se vamos do caes para o vapor, que já fumeга e arqueja ao largo, e os catraeiros n'este caso nos exigem tres mil réis, é este o nosso dilemma: ou perdermos o preço da nossa passagem ou lançarmo'-nos submissos entre os remos das feras.

Ora, excellentissimo senhor, organizar este serviço dos botes pelo mesmo modo como está organizado o serviço dos trens não é realmente uma difficuldade invencivel. Pelas seguintes razões:

Nas carruagens a tarifa é uma formalidade puramente nominal. A policia, que tanto pode, ainda não pôde obrigar os cocheiros a fixarem a tabella patentemente, á vista do passageiro, no interior do trem. O numero da carruagem, que o cocheiro nos deveria entregar com a sua tarifa apenas pomos o

pé no estribo, não se nos entrega. Os algarismos que estão fixados á carruagem são collocados tão engenhosamente para commodo de quem a toma, que toda a gente vê esse numero menos quem vae no trem, de modo que o que parece que se teve idéa de numerar não é propriamente o vehiculo, é o passageiro. Não ha estações onde as duvidas suscitadas entre os cocheiros e o publico se liquidem e decidam. O serviço dos omnibus e dos *char-à-bancs* tem tomado as proporções de uma patuscada publica, excellentissimo senhor, de uma bambochata nacional. Ir d'aqui a Belem n'um *chars à-bancs* é comprar por um tostão o quadro mais expressivo, a imagem mais fiel, do grande chinfrim a que v. ex.<sup>a</sup> chama nos discursos da vereação, por meio de uma sempre elegante e applaudida figura de rhetorica, a *nossa patria commum*.

Os srs. cocheiros e conductores em transito por essa estrada fora, insultam-se, desafiam-se, despiam se, enviam-se palavras obscenas e estalos de chicote, mettem as parelhas a toda a brida com as tremelicantes carrimonias pela Pampulha abaixo, em certamens olympicos; desconjuntam os esqueletos e partem os craneos dos passageiros sacudidos dentro da berlinda como uma hervilha em cima da pelle de um tambor, e por fim, felizes, triumphantes, jubilosos, despejam nas praias os restos d'aquel-

les que fôram passageiros, e animam o interesse dos cavallos, quasi tão deshonestos como elles, promettendo-lhes vilmente (e não tardará que o cumpram) que na volta para Lisboa serão os passageiros os que hão de vir á ponta da lança sob o latego do phaetonte, emtanto que os cavallos virão dentro, de perna traçada e chapéo de palha na cabeça, palestrando.

Ora realmente, sr. presidente, confessemos que organizar o serviço dos botes por este modo profundo com que está dirigido o serviço dos trens não é um trabalho em cujas combinações haja o risco imminente de se extinguir pela fôrça da applicação o encephalo municipal!

Recusará a camara, sob o falso pretexto da falta de genio, dar esse passo tão luminoso e tão agigantado na senda da civilisação e do progresso?

Não cremos, nós não cremos, que a camara tão eloquentemente abalada por nossa penna a esta empresa patriotica hesite em policiar os botes como policia os trens, passando a lançar-se immediatamente nos braços dos catraeiros, que hoje podem apenas leval-a a Cacilhas, e que amanhã a levarão á gloria.

Terminando pedimos visitas para todos os senhores vereadores e suas familias, e, despedindo-nos, deixamos n'esta pagina uma palavra particular, que

suppômos dôce e grata ao esclarecido ouvido de v. ex.<sup>a</sup>

Sr. presidente, *good night*.

### XVIII

Acabamos de lêr com sùmmo gôsto um opusculo intitulado *Os farpões* e publicado em Pernambuco por José Soares Pinto Correia.

Analysa José o numero das *Farpas* consagrado á viagem de Sua Majestade o Imperador do Brazil, e dizendo-nos cousas pesadas e gordurosas como avalanchas de sêbo, tanto a nós ambos — como a Sua Majestade o Senhor D. Luiz I, destróe finalmente pela base todas as nossas observações, todos os nossos dîctos, todas as nossas gargalhadas com o seguinte argumento admiravel de logica, de gravidade, de eloquencia e de concisão:

Diz José que se algum dia nós fôr a Pernambuco «Nos ha de ahi bater com um cipó.»

Em vista d'esta lucida analyse de José Soares,



declaramos aos nossos compatriotas, aos nossos leitores e aos nossos amigos, que desistimos solemne-mente do projecto que tínhamos de ir amanhã pela manhã para Pernambuco.

E todavia sabe Deus, sabem todos os nossos amigos, que fôra sempre esse o premio que pedimos á gloria, o galardão que esperavamos da fortuna, o ideal que sempre afagámos em nosso peito — irmos para Pernambuco!

Conhecemos, entre outras pequenas partes do mundo, Paris e Londres, o Cairo e Jerusalem. Em quanto um de nós valsava nas Tulherias, na mesma sala em que o sr. de Bismarck com o uniforme de dragão fazia a sua côrte a madame de Metternich, ou bebia *claret-cap* nas corridas de Epson, o outro beijava o tumulo de Jesus ou caçava o chacal nas maravilhosas ruinas de Memphis. Mas oh Deus! como tudo isto nos parecia semsabor e mesquinho! Pernambuco era o nosso appetite constante, o nosso desejo permanente! Todos os partos da nossa imaginação vinham ao mundo com algum indício do desejo materno. Os nossos escriptos nasciam de bôcca aberta e com o signal de um côco nas costas. Pernambuco! Pernambuco — era o que nós queríamos!

E desmaiavamos de jubilo ao lembrarmo'-nos de que dentro em poucos dias cumpriríamos o voto de toda a nossa vida saltando sob o coqueiro pernambuco!

bucano, e cahindo para todo sempre nos braços de José Soares.

Agora porém não. Uma vez que nos tratam assim, uma vez que nos promettem isso — uma roda de cipó — não! nunca!

Espera por nós, José, que te fartarás de esperar!

Querias-nos lá para te regales de nos bater, maroto?

Não, mil vezes não, vil sicario, não malharás nossas carnes! Não, Pernambuco, não comerás nossos ossos!

Se Sua Majestade El-Rei quizer ir, que vá — lavamos d'ahi as nossas mãos — mas que vá só: não saciarás assim senão a terça parte da tua vingança, ó sanguinario Juca!

Pernambuco para nós morreu. É como se não existisse sobre a bola terraquea. Na carta geographica, aqui onde diz *Pernambuco*, riscámos nós, e puzemos *Cipó de José*.

No nosso album de viagem lançamos esta nota: «Não vos esqueça deixardes completamente de ir findar os vossos dias em Pernambuco, onde uma coça vos espera.»

Juca! foste cruel! sequestrando-nos Pernambuco, jurando cevares em nossos lombos a elasticidade

dos cacetes do teu matto virgem, do teu patrio cipó.

Por uns simples gracejos, por uns innocentes risos, propões-te tu descadeirar-nos a páu, e então ao páu mais rijo que ha, ó vibora, ó milhafre, ó monstro dos monstros?

Mas tambem deixa estar, Juca, que se em vez de irmos nós a Pernambuco, como nos propunhamos antes, da tua ameaça, vieres tu a Lisboa, o Caes do Sodré verá o que nunca viu. Olá!

Podes contar, José, que ao pôres o pé em terra, tens sobre o teu corpo dois marmeleiros reaes!

Dois sómente, se El-Rei se não quizer associar connosco para te punir. Se o Poder Moderador, como é de esperar do seu brio, se quizer reunir a este acto de nobre despique, então em vez de dois marmeleiros a cingirem-te as vertebraes, terás tres — os de cada um de nós e o de — *um alto personagem*.

Esperamos que o chefe do Estado terá a bondade, logo que leia estas linhas, de mandar dizer-nos quaes são os seus projectos no tocante á vingança que havemos de tomar de José.

Pela nossa parte já dissemos a resolução em que estamos. Folgaríamos porém de proceder de accôrdo com Sua Majestade, para o que não seria talvez máu — conversarmos.

Quererá o Poder Moderador associar-se á nossa manifestação, desancando juntos José Soares? Este é o primeiro ponto.

Segundo: No caso de sermos nós os sovados — o que a Divina Providencia de modo algum permitta! — quer igualmente El-Rei associar-se para chucharmos, ou prefere desistir para as urgencias do Estado d'esta parte supplementar e extraordinaria da sua dotação damnadamente votada por José?

Aguardamos as reaes ordens.

Em todo o caso, qualquer que venha a ser o resultado d'esta pendencia, agradecemos a Juca o ter-nos proporcionado, pela maneira brilhantemente delicada com que a encetou, o ensejo de escrevermos este profundo artigo, no qual, se nos não cega a vaidade, a questão se acha tratada a toda a altura dos principios.

O nossos cordiaes cumprimentos aos pessimos figados de José Soares, e visitas a todos os cipós do imperio do Brazil, com os quaes desejamos ardentemente não estreitar relações. Respeitamol-os demasiado — os cipós — para que nos não seja em extremo doloroso que entre nós e elles uma demasiada intimidade gere o negro despeito.

Julho 1872.

## XIX

A *Revista das sciencias ecclesiasticas*, o órgão mais qualificado e mais grave das idéas e opiniões do clero portuguez, offerece-nos ácerca da instrucção o seguinte alvitre:

«Que não é mistér adoptar o systema de excessiva propagação das luzes, que acabaria por desclassificar os individuos e as familias» (*Revista das sciencias ecclesiasticas*, tomo II, pag. 443.)

Isto é claro, concludente, terminante. Os illustres ecclesiasticos emquanto a instrucção são pelo exclusivo e pelo monopolio. No momento em que todas as sociedades são concordes em admittir absolutamente, na egualdade dos direitos humanos, o direito de apprender, o clero portuguez, como se se tratasse de um problema casuistico, distingue. Quando a instrucção não desclassifique *sim*; quando desclassificar, *não*.

Ora se os senhores ecclesiasticos entendem que a instrucção *desclassifica as familias*, é claro que para suas excellencias reverendissimas as familias se acham classificadas pela instrucção. Familia A — a que não sabe lêr nem escrever. Familia B — a que solettra. Familia C — a que sabe os verbos... E assim por deante, até a familia Z, que será a do sr. Theophilo Braga, o qual sabe tudo, razão que o desculpa de não ter tido o tempo para estudar mais nada.

Tal é a familia como o clero divide, interpondo a prohibição de que tal ordem jámais se confunda ensinando-se aos debaixo o que apprenderam os de cima.

O que suas excellencias se esqueceram porém de ordenar foi que as familias superiores invadissem pela sua ignorancia as classificações que lhes ficam subalternas.

Convém, sim, como suas excellencias dizem, que cada familia saiba o que sabe, e que nunca appren-da mais do que sabe, para que se não *desclassifique*. Mas notae, senhores, que não estudando, como vós ordenaes, as familias por fim esquecem-se, e *desclassificam-se*, vindo para baixo do mesmo modo que se fôsem para cima!

Dizem com dôr os senhores padres «que as let-tras são a desgraça do mancebo que sae da *classe*

*baixa* porque nutrem n'elle sentimentos de orgulho e pensamentos de cubiça» (*obra citada, folha referida*).

Ora o seculo não pode, como suas excellencias inculcam, intervir n'estas fatalidades. A sociedade secular por tal modo se acha instituida que entende que a instrucção é uma sagrada garantia de egualdade evangelica, porque destróe as castas nivelando o tal mancebo que sáe da classe baixa com o mancebo da *classe alta*.

Portanto os poderes temporaes não podem ter senão indiferença para a doutrina clerical das restricções do saber.

Para estes males não vemos senão um remedio, de que vamos fazer presente aos senhores ecclesiasticos para complemento do seu systema. O melhor é que a gente em cada anno se desobrigue aos pés de suas excellencias, não só d'aquillo em que peccou, mas tambem d'aquillo que aprendeu. Assim poderão os senhores ecclesiasticos encaminhar o mancebo para a perfeição e para a pureza, perguntando-lhe os peccados e os nominativos, catando o rebanho na doutrina christã e na grammatica latina, e raspando a ponto no coiro tenro da ovelha a lepra do orgulhoso *sum-es-fui* e a tinha do cupido *qui-quae-quod*.

Agosto 1872.

## XX

Existem em Portugal dois estabelecimentos monumentosos de caridade, os quaes nós pomos em nosso dever mostrar-te, leitor amigo, para que tu vejas quanto pode a maior das ineptias corrompendo a maior das virtudes.

Trata-se do hospital de S. José na cidade de Lisboa e do hospital da Misericórdia no Porto.

A Sociedade das Sciencias Medicas, em uma das suas ultimas sessões, definiu nas seguintes palavras o hospital de S. José:

«É um máu edificio, um grande casarão, impossivel de ventilar. Com as janellas fechadas damnifica-se promptamente a atmospherá, tornando-se infecta. Com as janellas abertas ha um vento insupportavel. Quando chove é necessario que os empregados corram a afastar as camas e a collocar bacias em diferentes pontos para apanhar a agua. As administrações teem diligenciado melhorar o edificio para evi-



tar tudo isto, mas nada teem conseguido, porque o edificio tem vicios insanaveis.» (Jornal da sociedade das sciencias medicas, n.º v, pag. 145).

O sr. dr. Bernardino Antonio Gomes publicou esta phrase: «O hospital de S. José é uma sentina onde se arremessam todas as miserias humanas.»

Não obstante os relevantes progressos que tem feito a sciencia nos ultimos tempos e as obras por que tem passado o hospital, a mortalidade é hoje igual á que havia ha cem annos. De seis doentes morre um. (Vide estatistica official).

Está provado que o hospital não pode conter mais de 350 doentes. Encerra 850.

Nos sotãos do quarto pavimento (!) fizeram-se ainda ultimamente enfermarias para creanças.

No primeiro pavimento ha muitos doentes que estão em casas sem soalho.

O edificio está situado entre varios foccos de insalubridade, o hospital do Desterro, o de S. Lazaro, o asylo de Mendicidade.

Junto do hospital plantou-se uma horta, achando-se no emtanto provado que as exhalações das couves e das chicoreas são tão nocivas á saude como as dos pantanos. A horta é das dependencias do hospital de S. José a que mais prospera.

Dentro da casa onde está estabelecido o primeiro monumento hospitalar do paiz grassam de contínuo

enfermidades especiaes d'aquelle sitio, — como as febres negras nas regiões dos tropicos. Basta residir no hospital de S. José para adoecer das molestias que elle, de por si só, origina, influe e contamina. Estas doenças, que teem nomes locaes, intitulam-se : *a diarrhéa da casa, a erysipela, a gangrena do hospital.*

O sr. V. F. de Moura é auctor das seguintes linhas : «Ha doentes que morrem porque são envenenados pela atmospherá impura do hospital de S. José. Houve um doente que ha poucos mezes entrou n'esse hospital para se curar de uma doença ligeira e sahiu d'alli com a *diarrhéa da casa*. Este doente foi-me recommendado por um amigo meu ; tentei salvar-o, mas, apesar de todos os meus cuidados e de um tratamento desvelado, não foi possível evitar-lhe a morte. O hospital de S. José é uma fabrica de *erysipelas, de diarrhéa do hospital, de gangrena do hospital.*»

O medico sr. Theotonio disse : «Estou convencido que com o processo de inhumação hoje usado entre nós é provavel que se enterre gente viva.» Creou-se então no hospital uma casa mortuaria, onde o suspeito cadaver é posto em communicação com um jôgo de campainhas destinadas a tangerem ao menor movimento do corpo a que são communicadas por um systema de fios de arame. Ha dias, na

referida casa mortuaria, appareceu viva de manhã uma mulher que estivera durante a noite ligada ao carrilhão mortuario: todavia nem uma só campainha telintou! A casa mortuaria é portanto inteiramente inutil, e continua por conseguinte a ser *provavel*, hoje como no tempo a que o sr. Theotonio se referia, que pelo actual processo de inhumação se *enterre gente viva!*

Nada mais horrivel, mais negro, mais pavoroso do que essas simples notas que extrahimos de documentos scientificos officiaes e que damos, sem commentarios — descarnada anatomia dos factos!

O publico na sua miseravel indifferença pelos assumptos mais vitaes da humanidade, da civilisação e da sciencia, passa por cima d'estas importantes questões com a insensibilidade do agricultor morto, levado á mão pelo silencio dos campos, sobre a devastação das cearas de que elle já não enfeixará as pavêas nem amontoará as médas.

Para que a politica e a imprensa se consagrem a tão elevado objecto é preciso que a polemica converta de quando em quando em questão pessoal a questão hospitalar, a questão hygienica, a questão humana, a sciencia, a moral, e a vida. Puff! Não é d'isso que se trata. Trata-se do sr. Alves Branco e

do sr. Torres Pereira. E então a publicidade, inquieta e avida, discute o sr. Alves Branco. Então os prelos gemem, os deputados pucham o catarrho do officio, pedem o copo d'agua da occasião, e do governo baixam portarias.

Todavia tal é ás vezes a fôrça das cousas que ellas arrastam consigo a inercia dos individuos. Nomearam-se commissões technicas encarregadas de escolher local, de planear casa, de determinar o numero dos enfermos, e o governo prometteu a edificação de um novo hospital.

O qual hospital não se fará.

Por muitas razões, das quaes a ultima é esta :

Por muito que o actual ministerio se demore no poder, o novo hospital demorar-se-ha mais do que elle nas informações, nas consultas e nos projectos. Porque um ministerio tem uns poucos de partidos que o empurram para irem para o logar d'elle. Os partidos da opposição esperam, fazendo bulha, que o seu momento chegue, e mandam todos os dias ao Paço queixas ao Poder Moderador de que ha tantos mezes e tantos dias que os seis correios da secretaria choitam atraz dos mesmos individuos com exclusão e desaire do resto dos cidadãos. Até que um dia o Poder Moderador chama os seus correios e diz-lhes: «Perguntem lá em bai-

xo qual é o partido que está á vez e desde amanhã por deante principiem a trotar atraz d'elle.»

Ora o hospital está quieto ao seu canto, digerindo pacatamente os seus doentes, sorvendo-os por um buraco da infecção e da miseria das ruas, e depositando-os por outro no silencio dos cemiterios. O hospital não passa de carruagem no Chiado, não viaja nas provincias, não tem centro nem jornal, não vae e Cintra levar representações a El-Rei, não recebe grã-cruzes de S. M. o imperador do Brazil, e ninguem trota atraz d'elle. De sorte que os ministerios passam, os hospitaes ficam.

Da santa casa da Misericordia do Porto são muito mais antigas que a respeito do hospital de S. José as queixas, as accusações e as invectivas.

Collocado na depressão de duas encostas, cujas vertentes se empoçam no ponto em que elle está construido, o hospital de Santo Antonio do Porto assenta n'um pantano. Em 1868 tratando-se de estabelecer alli uma lavandaria, abriu-se um poço na cêrca do edificio. O relatorio official d'esta obra diz que a 16<sup>m</sup>,28 o poço produzia 54 pipas d'agua em vinte e quatro horas!

Os alicerces do edificio, immensa mole de granito, com abobadas e paredes de *tres metros* de espessura, — mergulham-se em agua através de oito

metros de entulho poroso e movediço. As aguas subterraneas, em virtude da pressão e da capillaridade, sobem pelas paredes juntamente com as ex-halações da *drenagem*, e evaporam-se em miasmas aquosos e putridos dentro do edificio. Tem este hospital por vizinhança intima, os seguintes estabelecimentos: o quartel da guarda municipal, o mercado do peixe, o hospital do Carmo e as cadeias da Relação. Está a cavalleiro do rio, cujos nevoeiros letaes o envolvem e penetram. De resto no coração da cidade.

De dados officiaes publicados em 1868 colhe-se que n'uma das enfermarias, a de Santo Antonio, com capacidade legal para 36 doentes, havia 49. Esta enfermaria communica por um corredor escuro em que estão estabelecidas as latrinas, sobre um saguão, com a enfermaria de S. Pedro. Nem uma nem outra teem ar nem luz. As janellas dão sobre uma arcaria interior. Sobre estas enfermarias ha outras duas com 50 camas cada uma, e exactamente em identicas condições. O mesmo saguão, egual corredor, semelhante falta de ventilação e de luz.

A enfermaria de clinica cirurgica, com capacidade para nove camas, tem 13 doentes. As paredes escorrem agua. Nunca lhes bate o sol.

A enfermaria de Nossa Senhora do Pranto tem

apenas a altura de 4<sup>m</sup>,27. A sua capacidade offerece ar para 11 pessoas. Encerra 30 doentes.

A enfermaria do Senhor de Mattosinhos tem capacidade para 10 pessoas, altura 4<sup>m</sup>,60, contém 23 camas. Ao lado d'esta enfermaria e com serventia para ella ha outra, que não poderia conter mais de 16 camas, e onde no emtanto se acham 40 doentes. Segue-se na mesma ala a enfermaria de Santa Catharina, com capacidade para 10 doentes, e com 39 camas.

Isto é horrivel, é pavoroso, é inacreditavel! Todavia os dados a que nos referimos, bem como outros que citaremos ainda, fôram publicados ha quatro annos em um jornal do Porto, o *Correio Mercantil*, e ninguem contestou que fôssem authenticos e cabaes. Não ha commentario para factos d'esta natureza. Em tão lugubres profundidades a palavra extingue-se.

Além de que temo'-nos occupado até agora unicamente de algumas das enfermarias que existem em dois pavimentos do hospital da Misericordia da cidade do Porto. Restam-nos ainda as aguas-furtadas. E nas aguas-furtadas ha tambem enfermarias. Uma d'ellas é a de S. Luiz. Tem 2<sup>m</sup>,20 de altura e de capacidade o espaço exigido para duas camas. Sabe, leitor, quantos doentes contém a enfermaria de S. Luiz? *Quatorze!*

A accumulaco no terceiro andar e nas aguas-furtadas do hospital do Porto   tal que por vezes tem sido necessario adoptar o seguinte expediente :

*Metter dois doentes na mesma cama !*

Vos, os que morrestes no fundo de um carcere, ao canto de uma enxovia, no tormento dos tribunaes secretos, na inclemencia das ondas, ou no campo da batalha sob as rodas da artilheria, conso-lae-vos porque na violencia do desastre, morrestes docemente, se compararmos o vosso passamento ao d'alguns que expiram na quietaco sob a aza da caridade no hospital do Porto ! Ah!, velhos, apodrecidos pela enfermidade, cadavericos, moribundos, acorrentam-vos no mesmo leito a um companheiro de morte, egualmente cadaverico, egualmente moribundo. Quem sois ? d'onde viestes ? que recordaco da vida tendes um e outro para vos communicardes ? No o podeis dizer. N'esse mysterioso e derradeiro *rende -vous*, tendes apenas a communho da transpiraco tbida da agonia e dos soluos finaes. Sois um para o outro como um espectro pavoroso. Até que, uma noite,   luz tibia de uma lanterna suspensa do tecto, um dos moribundos sob o mesmo lenol, no mesmo suor, na mesma exhalaco, sobre o mesmo travesseiro, vê o outro convertido em cadaver, com os olhos immoveis e vidrados, o peito frio e a bcca escancarada pela desar-



ticulação das maxillas. E ha um dos dois que ainda vive e espera na mortalha do seu companheiro que a manhã appareça e que levem o outro para a cova.

Julho 1872.

## XXI

A'cêrca de uso das botas nas provincias do norte. — Em um conto delicioso ultimamente publicado pelo nosso antigo companheiro e querido amigo Eça de Queiroz no volume offerecido como brinde aos assignantes pelo *Diario de Noticias*, lê-se que o auctor encontrara de noite em certa estalagem do Minho, ao longo de um corredor sobre o qual abriam de um e outro lado os quartos dos hospedes, postadas em duas filas parallelas as botas por esse modo dadas a engraxar pelos viajantes que pernoitavam na casa.

Ora o auctor das presentes linhas, por muitas vezes viajou no Minho, já periclitante na imperial das suas trémulas e arrastadas diligencias, já a ca-

vallo debaixo de um amplo capote de cabeções, já a pé, só, com um bordão. Elle conhecia n'esse tempo aquella provincia como o seu proprio quarto; tinha de cór o numero das covas no macadam das estradas, os buracos dos velhos muros por onde rompiam os musgos, e as madresilvas, os cães de faiança rôxa ou azul que ornavam os portões das propriedades brasileiras, os brancos campanarios das egrejas situadas no fundo dos valles, entre as nogueiras e os carvalhos ao cabo dos longos tapetes formados pela superficie variegada dos campos de trevo em flôr. Sabia em que casaes se bebia o melhor leite nas manhãs de verão; em que rios se pescavam á linha, com môsca, os salmões mais saborosos e as mais volumosas trutas. Constava-lhe cada manhã em que oiteiros cobertos de urze, de cardos, de asperas moitas de tojo e de espessos fetos tinha ficado de vespera a revoada das perdizes. Conhecia os differentes vinhos, asperos, acres, selvagens, que se vendiam na sombria frescura interior das tabernas recolhidas nos cotovellos das brancas estradas, cobertas de sol, nos recostos das empinadas ladeiras tortuosas, e nas desembocaduras das longas pontes de madeira de pinho. Sabia os nomes dos abbades. E ainda agora, depois de uma ausencia de bastantes annos, o que escreve esta pagina, pensando n'isso e fechando os olhos, torna

a vêr, em espirito, as viçosas varzeas, as frescas mattas das terras fundas, sonoras dos dôces murmurios da agua correndo na rega ou cahindo nas levadas e nas azenhas; a forte vegetação dos milhos e dos castanheiros; e, acompanhados de um pequeno pastor immundo a cavallo n'uma velha egua, lanzuda e intonsa, alguns poucos bois magros de trabalho e de fadiga atravessando lentamente o ribeiro, mugindo com saudosa melancholia ou abeberando-se inclinados e humildes na frescura da corrente. Depois, nos terrenos altos, os pinhaes, as encruzi-lhadas das estradas minhotas, com os seus cruzeiros de granito, as caixas das esmolas para as almas, o nicho tôsko na forma de um armario de cozinha, talhado em arco, tendo defronte a sua lanterna enfumada, encanastrada em uma rede de ferro e chumbada ao alto do nicho por um gancho; as cruces da via sacra nos adros das freguezias; e, disseminados pelos caminhos recurvos e accidentados, os pittorescos alpendres dos ferradores, onde os pardaes se debruçam dos beirões do telhado; as choças cobertas de colmo, eternamente envôltas em fumo, ao pé das eiras em que se erguem as medas enormes como altas cabanas conicas. Rompendo em enxames d'estas habitações miseraveis, creanças sordidas nuas, que veem trotar ao lado das carruagens, pedindo esmola. Porque é de notar que a

tão cantada provincia do Minho, que nós aqui em Lisboa, declamadores do Chiado, supponmos ser o coração da prosperidade e da riqueza portugueza, é extremamente pobre, relassa, e tão profundamente e harmonicamente corrompida como todo o resto do paiz. Não tem elementos alguns solidos e validos de trabalho e de riqueza propria. Tambem não procura creal-os. Vive do Brazil. Assim como o habitante de Lisboa se sustenta á custa do Estado, ou servindo-o ou explorando-o, assim o habitante do Minho, quando não é brasileiro, ou serve ou explora o brasileiro. E é d'isso que vive. D'isso, de jogar o páu, de fazer eleições e de rezar ás almas. De resto, bom homem.

Agora o que pretendo observar ao escriptor referido, meu muito querido e quasi unico amigo, é que, no tempo em que conheci o Minho, tal como lh'o pinto n'esse rapido esboceto de paizagem patria, o uso de engraxar as botas nas estalagens era inteiramente desconhecido, e perdia-se aos olhos do «viajor fatigado» nas trevas mais profundas e mysteriosas juntamente com o que as historias relatam do luxo criminoso de Cleopatra e de Heliogabalo.

A respeito do calçado eis o que no meu tempo succedia nas estalagens minhotas: duas terças partes dos hospedes não o tinham ou não o traziam

comsigo em viagem — o que os dispensava de tomarem a tal respeito a minima disposição, visto que não entrava nos seus habitos nem engraxar os pés nem ter com elles nenhuma outra especie dos cuidados suggeridos pela civilização emollente e enervante das grandes cidades. Do terço restante o maior numero tinha pelo calçado o mesmo desdem estoico que os outros tinham pelos pés. Restava a *élite*, a fina flôr gentil dos elegantes corruptos, as pessoas mais instruidas, as mais educadas, as mais mimosas e até, algumas, fidalgas. Estas a unica precaução que tomavam com relação ás botas, antes de se metterem na cama, era a de as descalfarem — algumas vezes.

Encontrou Eça de Queiroz na sua recente viagem ao norte de Portugal alguns symptomas que o levem á suspeita critica, á hypothese scientifica, de que está mudado este estado de coisas? Não será antes aquella pagina traçada pela sua penna tão fina e tão vivaz uma cruel invenção satanica da sua phantasia dramatica? Pode elle jurar-me por quanto ha mais sagrado que o Minho, febrilmente arrastado pela diabolica sêde dos prazeres ignotos — a voragem terrivel do gôso que levou ao abysmo Nive, Babylonia e a Roma dissoluta dos Cesares — se lançasse realmente no uso geral da graxa de lustro!?

Se tal é, se o povo perdeu com effeito a consciencia, a religião, a innocencia e o pudor, até o ponto de engraxar os sapatos, ah! então, Deus justiceiro e terrivel! o que dirá Braga?! Ella deve achar-se coberta de cinza e vestida de sacco, esperando a visita do Antichristo e o fim do mundo. E Braga não deixará de expedir os seus missionarios a annunciarem aos povos que a besta do Apocalypse entrou n'este paiz condemnado, com um costal de graxa.

Fevereiro 1874.

## XXII

Dissemos em um volume d'estas chronicas que o sr. Fontes Pereira de Mello, doendo-lhe um dente, desmontara e abandonara nos prados, entre os deputados governamentaes e as boninas em flôr, a jumentinha do poder.

Eis o que ao depois occorreu.

A pacata bestinha da governação andou a monte por alguns mezes, choutando ao acaso, pungida nos

ilhaes pelos tacões do sr. Barros e Cunha, e sobre a anca pela ponteira do guarda-sol do mesmo illustre estadista e cavalleiro.

Para onde é que s. ex.<sup>a</sup>, coberto de zêlo e de suor, queria com tanta violencia equestre encaminhar a onagra?

— Para a senda da moralidade e da economia! bradava s. ex.<sup>a</sup> com uma das mãos na redea e com a outra mão sobre a Carta Constitucional.

Mas os burriqueiros experimentados no trilho peguinhado pela burrinha bambeavam dubitativamente a cabeça, e do alto das montanhas, com a mão aberta em viseira sobre os olhos, dilatando a vista ao futuro, diziam:

— Não. Para onde elle vae é para a senda de Cacilhas á Cova da Piedade.

E deixaram-o ir.

Como porém soasse o momento psychologico em que a asinha do governo, com a sella no ventre, considerou que ia de longada para muito longe da estrebaria, apertou-lhe as entranhas a nostalgia da cevada, e fitando a orelha, baixando a cabeça, cravando os olhos sinistros nos cascos deanteiros, arrojou ao firmamento ingrato duas parelhas de coices, adeante dos quaes ascendeu da albarda para as alturas o vulto do grande homem. Depois do que

elle baqueou no charco fronteiro, como se a perfidia das rãs o tivesse aferrado pelo coccix e attrahido ao abysmo, — sempre com uma das mãos na Carta, mas já sem a outra mão na redea.

Cousa verdadeiramente admiravel de vêr foi a velocidade com que a cavalgadurinha do Estado principiou então a dar terra para feijões, retrocedendo para casa e bebendo o espaço com o freio nos dentes e com a saudade da mangedoura na alma. — Tão poderoso e fecundo é o ascendente moral que exerce o principio sagrado da razão sobre as actividades officiaes!

Quando as boninas e os representantes da nação tornaram a vêr a burrinha do poder no prado florido onde convalescia entre os idyllios do ocio o dente do sr. Fontes, grande foi o ardor e a emulação entre os circumstantes que á porfia queriam segurar a asna. Coube essa gloria ao sr. José Dias Ferreira.

Empolgando com mão destra e firme a camba do freio á alimária do poder, o sr. José Dias exclamou triumphante e glorioso:

— A mim, rapazes!

E gritando em côro: «Ave, José vencedor!» — os rapazes fôram a elle.



Eis senão quando, que hão de vêr os rapazes, que a elle tinham ido, e bem assim elle mesmo?

Attonitos elles vêem — caso que os olhos se lhes recusam acreditar — que a burra já não está devoluta, que a albarda tem gente em cima!

Effectivamente emquanto o sr. José Dias intrepido segurava a redea, o sr. Fontes veloz encavalgara o poder.

O primeiro acto do novo cavalleiro foi alijar dos alforges as provisões do governo que o precedera. S. ex.<sup>a</sup> sacou os 150 contos de tijolo para a Penitenciaria e atirou-os para um lado. Sacou os vinte e quatro conegos, rochunchudos, atochados como paíos, e atirou-os para o outro lado. Tirou depois os quinze beneficiados com os seus competentes livros de côro e o seu devido rapé; tirou a cadeira de Sanskrito com o seu professor em cima; tirou a matta do Bussaco forrada de papel e enchumaçada de algodão para sua magestade passear; tirou o porto artificial de Leixões cheio de dourados bergantins e de ligeiras caravellas com os seus competentes nautas, obra de grande paciencia e curiosidade; mais tirou o *Times*; e, como ainda restasse o que quer que fôsse no fundo dos alforges, fôram estes virados com o de dentro para fora, e appareceu por ultimo o sr. Venancio Deslandes, director

104

da Imprensa Nacional e secretario da commissão da exposição de Paris. S. ex.<sup>a</sup> trazia empunhada e aberta a delicada umbela de linho crú forrada de tafetá azul com a qual s. ex.<sup>a</sup> abrigava dos raios solares desde o Terreiro do Paço até á rua do Duque de Bragança a fronte capitolina do ex-sr. presidente do conselho de ministros.

O ar de s. ex.<sup>a</sup> o sr. Deslandes era cheio de uma grave auctoridade, e á sombra do chapéo de sol de linho crú forrado de tafetá azul o seu rôsto parecia envôlto na aureola de uma competencia genial!

Despejado o alforge o cavalleiro pediu um exemplar do codigo fundamental da monarchia, que meteu em uma das bolsas; depois, lembrando-se das causas que determinaram o partido regenerador a abster-se de governar durante alguns mezes e querendo obviar á repetição d'essa intermittencia, pediu o dentista Guerreiro e acondicionou-o na outra bolsa do alforge ministerial.

Sorrindo em seguida e despedindo-se do sr. José Dias do alto da burra, enfiou a trote marcial provincias da publica administração em fora.

E todos seguiram pressurosos o chibante cavalleiro. Tão sómente no mesmo lugar em que o sr. Fontes tivera estado a chumbar o seu dente foi visto

nas hervas o sr. Marquez d'Avila, acocorado na solidão, a chapinhar com arnica o seu gallo.

Na semana seguinte áquella em que estes successos occorreram houve jantares de convite em todos os restaurantes de Lisboa. Estes banquetes eram o resultado de apostas feitas contra e a favor da victoria do sr. Fontes pelos *gentlemen* do *turf* politico.

O sr. Fontes depois d'este notavel triumpho fica marcado gloriosamente como o *Gladiateur*, e ninguem mais tornará a apostar contra o nobre estadista sem a condição prévia de que se sobrecarregue com mais alguns kilogrammas de chumbo o dente de sua excellencia.

## XXIII

Uma vista d'olhos a uma das ultimas sessões da camara dos senhores deputados :

Enorme concorrência nas galerias. Senhoras, diplomatas, escriptores, funcionarios publicos, mili-

tares, operarios, enchem as tribunas desde os para-  
peitos até o tecto.

Na sala um sujeito, embrulhado no seu paletot,  
com a perna traçada sobre o joelho, preside somno-  
lentamente como um dilettante enfasiado.

Serve de secretario, lançando apontamentos a  
uma larga folha de papel, um individuo que ha pou-  
cos mezes se chamava apenas Alfredo, mas que,  
em resultado de um lucto occorrido durante o ulti-  
mo interregno parlamentar, publicou em os jornaes  
que principiava a chamar-se em testemunho de dôr  
— Alfredo Angelino. S. ex.<sup>a</sup> traja rigorosamente de  
negro.

Em frente da presidencia alinham-se os srs. mi-  
nistros devidamente encasacados nos seus *fauteuils*.  
Não teem uma apparencia espirituosamente feliz,  
mas parecem refrigerados nas cadeiras do poder e  
olham o espaço com a expressão passiva e tão ca-  
racteristicamente pacata dos individuos calidos quando  
installados em decocções emollientes de alfavaca de  
cobra.

No meio do amphitheatro um digno sr. deputado,  
com uma das mãos sobre o coração, a outra mão  
alongada patheticamente no espaço, está orando.

Em tórno do tribuno agrupam-se em pé varios  
representantes da Nação.

Uns roliços, atochados, vermelhos, semelham tym-

panites enformadas em amplas sobrecasacas pomposas. Sente-se que elles respiram com esforço. O abuso do feijão suffoca-os como o sangue de Danton suffocava Robespierre. — São os empanturrados da cousa publica.

Outros magros, defecados, pallidos, com as orelhas lividas, os pés mettidos para dentro, as calças esbambeadas pelas Joelheiras dos sedentarios, tem sorrisos que se parecem com as referidas calças e que descobrem mucoses desbotadas e dentes morbidos. — São os espinhelas-cahidas do systema que felizmente nos rege.

No fundo escuro da bancada sobresaem da côr sombria dos vestuarios de inverno duas mãos longas, pallidas, frias, magras, de um aspecto dramatico, boas para assignarem um decreto de proscricção ou uma sentença de morte. O dono utiliza-as em explorar o seu proprio nariz inoffensivamente, n'uma abstracção magnanima.

— Sr. presidente — diz o orador, e a sua voz é pungente, elegiaca, lacrimajante — Sr. presidente! onde não ha religião não ha dignidade.

Um ecclesiastico alto, magro, macilento, volve para o orador o seu estrabismo convergente, de mystico, e applaude-o com um grave meneio de cabeça.

Este padre, de aspecto sombrio e inquisitorial, e

aquelle orador de vinte e cinco a trinta annos, cheio de robustez, de saude, de mocidade, estão ambos de accôrdo sobre esse ponto: que a dignidade é uma resultante da religião que obriga esse pallido mystico a conciliar-se com o celibato, a sequestrar-se na contemplação, a abandonar todos os bens terrenos pela posse dos fructos celestiaes, a submeter-se pela humilhação, pelo desprêzo de si mesmo, a offerecer uma face quando o esbofetearem na outra, finalmente a padecer e a resignar-se. E é pelo contrario a dignidade que obriga esse rapaz sanguineo e robusto a caminhar na direcção opposta á d'esse anemico, a constituir familia, a lutar, a não perder tempo em contemplações e em extasis, a ser pratico e positivo, a ter filhos gordos e camisas lavadas, a resistir finalmente e a triumphar na grande lucta pela vida moderna, em que as costeletas com batatas, as garrafas de Collares e as botas novas não caem do céu sob a forma de maná, caem unicamente do trabalho perseverante e rude sob a forma de riqueza. Elles porém estão ambos de accôrdo quanto á alliança indissolúvel da dignidade de um e da religião do outro perante o principio transcendente da rethorica constitucional.

Diz mais o orador :

— Sr. presidente! — e a entonação do tribuno continua a ser lacrimosa e pathetica — li os sarcas-

mos de Voltaire, as ironias de Swift, as investigações de Renan, os desesperos de Schopenhauer, Hartman inventando religiões para o futuro, Buchner divinizando a materia. Tudo isto porém não apagou na minha alma a dôce esperança que n'ella lançaram aquellas palavras divinas, que dizem: «Bemaventurados os que soffrem porque elles serão consolados».

E muitas vozes entusiasticas e convictas bradam de todos os lados da camara: — «Muito bem! muito bem!»

Á morbida corrente intellectual do pessimismo allemão, representado por Hartman e por Schopenhauer, a Inglaterra oppõe o naturalismo de Darwin e as poderosas systematisações de Spencer; a França oppõe o positivismo victorioso de Augusto Comte e de Littré. Em Portugal, onde estas questões não fôram nunca ventiladas senão por pobres escriptores desconhecidos em periodicos tão desconhecidos como elles, a camara dos srs. deputados ouve pela primeira vez a solução official d'esse debate. Ao optimismo leibniziano, ao deismo kantiano, ao ideologismo hegeliano, ao inconscientismo de Hartman, ao pessimismo de Schopenhauer e de Julius Bahnsen, ao naturalismo de Darwin, ao positivismo de Spencer, de Stuart Mill e de Littré, a intellectualidade portugueza responde mostrando a

alma virginal do sr. Manuel d'Assumpção. E a comprehensão mais perfeita dos destinos do universo fica de uma vez para sempre definida depois d'isto: a alma do nosso Manuel persiste inabalavel nas suas primitivas crenças. Que queria a philosophia moderna? Não queria evidentemente senão uma cousa: apagar a esperança na alma d'este moço. Pois ficará sabendo que o não conseguiu. A camara dos deputados da nação portugueza esmaga toda a obra do entendimento moderno collocando-lhe em cima o sr. Assumpção e a esperança da sua alma, no meio dos applausos geraes de todo o parlamento.

E, não obstante, querem dizer alguns que a politica não é mais do que a applicação da philosophia á direcção prática das sociedades.

A politica de Bismarck é um grande poder social porque atraz d'elle está, como o peito pelo outro lado da couraça, a disciplina philosophica de Kant, de Hegel e de Hartman.

Danton, a alma da Revolução, era na esphera executiva o instrumento da philosophia da Encyclopedia; e a primeira republica franceza baqueou precisamente no dia em que o principio philosophico que determinou o grande movimento cahiu com a cabeça de Danton, guilhotinado pela indisciplina mental.



Foi ainda a anarchia das idéas, resultante da falta de um methodo philosophico, que comprometteu o destino da segunda republica em 1848.

Finalmente para que a democracia se fundasse em França sobre bases definitivas foi preciso que Danton resuscitasse para gloria das idéas e para honra do espirito humano na pessoa de Gambetta, que é o filho triumphante da philosophia positiva do seculo XIX, assim como Danton é o filho demasiadamente precoce da philosophia do seculo passado. Na Italia o que é a politica actual, que libertou e unificou a grande peninsula, senão a somma das especulações de uma longa serie de pensadores, desde Dante, o vidente, até esse taciturno Leopardi, que foi o alliado intellectual de Hartman assim como Victor Manuel foi o alliado politico do imperador Guilherme?

Em todos os Estados actualmente em dissolução qual é a causa do mal senão a perturbação da mentalidade pelo empyrismo da politica arbitraria? Será preciso citar a Turquia? Será preciso citar a Hispanha?

Mas a Hispanha renasce em cada dia, em cada hora, com um assombroso vigor intellectual, que em poucos annos despedaçará todos os velhos preconceitos e todas as caducas instituições que embargarem a sua ascenção politica. O federalismo,

forma definitiva da civilisação na peninsula iberica, está-se affirmando no paiz vizinho de um modo que nos certifica da impossibilidade de um retrocesso. O federalismo perde a pouco e pouco o character de uma opinião partidaria. È um resultado philosophico, que em toda a Hispanha está sendo pacificamente revisto e contraprovado por todas as sciencias: pela mechanica, pela mesologia, pela climatologia, pela ethnologia, pela anthropologia, pela linguistica, pela historia. Quando esta idéa chegar ao cabo da sua elaboração especulativa, ella converter-se-ha em uma lei sociologica e actuará sobre o seu fito, irresistivelmente, como uma fôrça da natureza.

Quando por toda a parte a philosophia estabelece e dilata tão experimentalmente e tão evidentemente os seus dominios sobre o destino humano, a camara dos srs. deputados em Portugal applaude na sua grande maioria a condemnação da critica e do pensamento moderno; declara-se indissolavelmente abraçada á theologia; e a todas as conquistas da sciencia no presente seculo ella oppõe triumphantemente a posse d'esta noção: «Bemaventurados os que soffrem porque elles serão consolados.»

A ironia emmudece de pasmo deante de um symptoma tão patente de esphacelamento cerebral.

Estamos n'um congresso de legisladores ou esta-

mos n'um seminario? — É unicamente o que perguntamos.

O modo como a camara pensa dá-nos a justa medida do modo como a camara governa. Ha muitos annos que ella não toma uma unica medida tendente a coordenar e a systematisar harmonicamente os esforços da progressão social.

A reforma da lei eleitoral, fonte da reconstituição politica, está por fazer.

A liberdade religiosa não está regulamentada de modo que torne effectivo o principio em que se funda.

A distribuição racional do imposto ainda não foi definida.

Finalmente a organização da instrucção publica, esse elemento vital de uma sociedade em movimento, acha-se por enunciar. N'este ponto a mesma Turquia está muito adeante de nós.

Oa parlamentos, sem direcção mental, sem criterio scientifico, sem destino politico, esterilizam-se successivamente na phraseologia e dissolvem-se na banalidade.

As crises parlamentares determinadas unicamente pelo conflicto das personagens impacientes ou despeitadas attrahem periodicamente ás camaras uma grande concorrencia de ouvintes, que não rece-

bem ali senão as mais perigosas licções de cynismo e de immoralidade.

Das duas cousas uma: ou o espirito publico está bastante corrompido para assimilar sem perturbação do seu organismo a entoxicação d'esses exemplos, e n'esse caso seria um paiz condemnado á dissolução; ou a burguezia, cumplice n'esta decadencia, tem ainda um resto do senso moral, e n'esse caso revoltar-se-ha, e o actual regimen politico ha de cahir como cahiu em França o segundo imperio por effeito de um movimento semelhante áquelle a que Luiz Veuillot chamou a *revolução do des-prêzo*.

Á semelhança de um corpo morto o parlamento immobilisou se por falta de circulação intellectual. Os partidos politicos são os centros nervosos do systema representativo. Atrophiados esses centros o systema cessa de funcionar. Ora qual é o estado dos partidos politicos em Portugal?

Ha um partido que está hoje no poder. É um partido conservador. É catholico, e monarchico, é auctoritario, é proteccionista, militarista, e unitario. Quer um parlamento com duas camaras, uma electiva e a outra hereditaria; quer uma igreja e uma religião do Estado; quer as alfandegas com as suas velhas pautas; quer um exercito permanente com

os seus respectivos canhões Krupp e a sua competente pena de morte; quer as colonias com o seu antigo systema de direcção e de governo; quer ainda fazer o seu gancho de negocio e ter um estaleiro, uma fabrica de polvora, uma imprensa, uma fundição de typo, uma fabrica de cordas, uma photographia, etc.

Ha por outro lado quatro ou cinco partidos que alternativamente se disgregam ou se unificam, conforme as necessidades da sua tactica, e que pelas suas idéas não formam realmente senão um partido unico: o partido opposicionista. Que differença ha entre este partido na opposição e o partido actualmente no governo? É revolucionario? Não: é igualmente conservador. É racionalista? Não: é igualmente catholico. É evolucionista? Não: é igualmente auctoritario. Quer a liberdade da industria e a liberdade do commercio? Não: quer igualmente a protecção das pautas. Quer igualmente o exercito com os seus generaes, e a universidade de Coimbra com os seus theologos; quer igualmente a magistratura anarchica, a instrucção chaotica, o suffragio corrompido, o governo arbitrario. Tambem quer fazer de quando em quando para se distrahir o seu bico de obra, e procura manter para esse fim a imprensa, a photographia, a cordoaria, a fundição, etc.

A unica opinião que a opposição diz ter e que ella accusa o governo de não professar é a opinião abstracta da economia, da ordem, da moralidade e do progresso. Como porém todos os governos, qualquer que seja o partido de que elles procedam, teem successivamente cahido do poder perante a accusação de não servirem o progresso, a moralidade, a ordem e a economia, devemos acreditar que, ou essas virtudes, que aliás não podem constituir principios de programma, são communs a todos os partidos ou não são especiaes de partido nenhum.

Os partidos portanto não se differencam senão pelos nomes dos individuos mais ou menos numerosos de que elles se compõem. N'esta ausencia completa de idéas contrapostas o governo em Portugal, versando constantemente sobre si proprio, dá-nos o espectáculo de um organismo vivo isolado na criação, alimentando-se na sua propria substancia e digerindo-se pouco e pouco a si mesmo.

Deixando de ser uma lucta de principios e de idéas a politica converte-se fatalmente em uma questão de compadres.

O compadrio elevado á categoria de instituição nacional, domina tudo, corrompe tudo, dissolve tudo. Os partidos que não podem conquistar o apoio

da opinião pelas idéas que representam, procuram manter-se pelo apoio dos compadres que favorecem. É na proporção exacta do numero dos compadres que annualmente despacha e emprega, que um partido augmenta ou diminue de adeptos, progride ou retrograda na confiança da corôa e no favor da urna.

O dogma fundamental do compadrio impõe-se por tal modo que transforma todas as outras noções moraes segundo o criterio de que elle é a expressão. Transforma a justiça, a honra, a probidade, a propria consciencia. Nenhum partido politico ousa violar o compadrio: seria commetter a mais vil e a mais nefanda das traições politicas!

Despachando o compadre mais serviçal com exclusão do adversario mais competente, todo o governo honesto julga praticar um acto de gratidão e de lealdade. E ninguem vê quanto ha de profundamente subversivo da ordem moral n'este simples facto tão vulgar, tão frequente, tão despercebido: a exclusão da competencia! Excluir a competencia, ou quando menos preteril-a, por um anno, por um mez, por um dia, por uma hora que seja, é commetter o attentado mais criminoso de que o Estado pode ser réo deante da sociedade. Esse attentado resume todas as violações do direito e todas as affrontas da justiça. É um roubo violento

e descarado, aggravado com a offensa do merito, com a injuria da capacidade, com o insulto ao trabalho, com o escarneo á moral, com o ultraje ao dever.

Na politica portugueza, que tem o seu calão como as mulheres publicas e como os ratoneiros, esse crime infame toma o nome dourado de *compromisso politico* ou *de acto de fidelidade partidaria*. E do ministro que o pratica e para o qual se deveria pedir a prisão correccional ou o degredo com trabalhos publicos, a opinião diz apenas: — É fiel aos seus correligionarios, sabe ser amigo, despachou o compadre, vou para o partido d'elle.

O officio do governo é servir o paiz. Como porém o paiz, por effeito do machinismo eleitoral, é representado constantemente pelos compadres do governo, o officio do governo em ultima analyse não é mais do que servir o compadre. Está no seu destino. Graças aos elementos de corrupção de que o governo dispõe, o cidadão, não votando como cidadão mas votando como compadre, dá o primeiro impulso que põe em movimento toda a engrenagem do systema: elegendo o compadre é elle mesmo que funda a tyrannia absoluta e despotica do compadrio que depois o governa.

A sociedade está á mercê do compadre. E se ha poder que possa contrabalançar alguma vez, em da-



das conjuncturas, o poder do compadre, esse poder é unicamente — o da comadre.

A aptidão provada, a capacidade, o talento, o trabalho, a firmeza no dever, a tenacidade no estudo, a mais alta comprehensão e o mais rigoroso cumprimento da solidariedade e da honra — palavras, palavras, unicamente palavras! Na esphera dos factos, na ordem prática, positiva, real: compadrice — eis tudo.

Um unico remedio poderia reconstituir a politica portugueza, cuja decadencia é tanto mais lamentavel quanto é certo que a sociedade que ella tem por fim dirigir está na anarchia economica e tende para uma miseria que se tornaria inevitavel sem os supprimentos do Brazil. Esse remedio é a entrada no parlamento de um partido novo constituido de quatro ou cinco individuos de opiniões radicaes: republicanos, socialistas, federalistas, positivistas—o que quizerem—com tanto que sejam homens profundamente convictos e determinados á peleja de cada dia e de cada hora. Este pequeno partido, desde que tivesse um criterio philosophico, determinaria uma corrente de idéas de tal modo poderosa que obrigaría todos os conservadores a confederarem-se para lhe resistir, não já pela phraseologia e pela rhetorica mas pelo estudo reflectido e consciencioso de

todos os problemas da civilisação. E das concessões mútuas e successivas, feitas, já ao principio da ordem pelos revolucionarios impacientes, já ao principio do progresso pelos conservadores retrogrados, resultaria para a sociedade o movimento actualmente paralyzado no conflicto das pequenas paixões e dos mesquinhos interesses das mediocridades dirigentes e triumphantes.

Falhando o meio que propomos pela falta dos quatro homens que solicitamos, resta-nos então adoptar o expediente ultimamente proposto pela municipalidade de Lisboa: — tratar o parlamentarismo pela cal. Mas que quanto antes, n'esse caso, a municipalidade effectue o seu projecto: cair o palacio das côrtes, branquear o parlamento — *dealbatum sepulchrum!*

Dezembro 1882.

## XXIV

Não, senhores, o casamento não é como denotam suppôr os que combatem o celibato ecclesiastico, um freio para a incontinençia.

Pedimos ás pessoas que ultimamente teem tido a bondade de receitar ao clero o casamento, considerando este como a triaga soberana contra o terceiro peccado mortal, a fineza de serem um pouco mais polidas para com a sua familia.

Seria muito para desejar, como cousa demasiadamente delicada para andar entre os dedos dos compositores dos periodicos, o abstermo'-nos de cotejar as vantagens que nossas mães poderiam ter tirado das suas nupcias, com os inconvenientes que os senhores ecclesiasticos poderiam ter achado nos seus votos.

Porque a veneranda verdade, superior a toda a grosseria de polemica, é esta:

O casamento não pode nem deve — por emquanto ao menos — ser considerado como uma dádiva

feita pela hypocrisia das instituições á brutalidade dos temperamentos.

Não nos importa saber e desprezamo'-nos de investigar a questão physiologica que a carta do padre Jacinto levantou na imprensa: Se o padre precisa ou não precisa da mulher. Senhores jornalistas, o unico problema que n'este ponto a nossa dignidade nos consente resolver ou estudar, é: Se o padre precisa ou não precisa — da familia.

A familia não é a alcôva, é o lar domestico.

Perante o preceito canonico do celibato ecclesiastico, o que a nós mesmos nos perguntamos é o seguinte:

Se o padre, na sua residencia parochial, nos campos, ao pé da sua egreja, junto do cemiterio, só com a sua consciencia elevada e com a plenitude perfeita do seu dever, pode conservar-se permanentemente indifferente ao amor — ao amor na mais alta, na mais philosophica, na mais pura accepção d'esta palavra — ao facto íntimo, profundo, transcendente, de amar e de ser amado.

Se se pode humanamente dar com a pureza do character, com a nobre sensibilidade das grandes almas a indifferença egoista, celibataria, catholica, pelas vivas e poderosas fecundações da natureza que rodeiam o padre no ermiterio.

Se a necessidade de se sacrificar por alguém, de se transmittir de se perpetuar, no lar, na familia, nos filhos, não poderá um dia converter-se em uma paixão profunda e fatal.

Se finalmente a inveja, a inveja terrivel, mordente, devoradora, implacavel, não rebentará um dia ou outro na alma solitaria do parochio, cingindo a e envolvendo-a como a hera envolve os troncos sêcos e estereis, perante as dedicações, as responsabilidades, os sacrificios, as alegrias, que lhe são vedadas a elle, condemnado a contemplal-as, a bem-dizel-as, a abençoal-as, quando ellas passam constantemente aos seus olhos tristes e ardentes, personalizadas nas mães que levam os seus filhos pela mão, nos noivos que se beijam nas espessuras dos arvoredos, nos trabalhadores que jantam á sombra dos campos com as suas mulheres, nos velhos que fazem saltar nos joelhos os seus pequenos netos á restea do sol de inverno, á porta das cabanas.

E perguntamos por ultimo se esta inveja, procedente da chaga aberta na mais nobre fibra do nosso coração, não pode levar o padre, principalmente o padre meridional, ardente e solitario, imaginoso e mystico, ás profundidades tragicas da perversão, ás allucinações tenebrosas em que se geram os monstros? e se as medonhas flagellações bestiaes que ensangentam as paginas do catholicismo e a historia

das relações da Igreja com a sociedade em Portugal e na Hispanha não serão apenas os resultados naturaes d'estas causas remotas, no intimo tão humanas e tão sympathicas, — o delirio da solidão, a raiva do amor?

Ha porém uma consideração: a familia é tambem uma religião; no lar domestico o marido e o pae cumprem um sacerdocio da mais alta responsabilidade, arduo e austero. O lar domestico é o templo em que se sacrifica ao culto da honra e á religião da dignidade. O padre que ingere nos seus deveres com Deus os seus deveres com a familia, não simplifica o rigor dos seus encargos, complica-o por meio de novos rigores, e, para aligeirar o pêsco de uma responsabilidade, contrae uma responsabilidade nova. Deseja-se saber agora, se quem não tem fôrça para um poderá ter fôrça para dois, e se poderá inculcar-se capaz do mais quem não foi capaz do menos.

Não dá garantias de ser marido bom, quem foi padre máu.

Na familia como na religião, temos o direito de indagar se o neophyto traz pura a consciencia do dever e provada a fôrça precisa para o cumprir.

Parece que os srs. padres solicitam o casamento. Não basta. E preciso que quando por um lado o sa-

cerdote queira a familia, por outro lado a familia queira o sacerdote.

Ora sem divagarmos em conjecturas, citaremos um facto estatístico: durante um anno doze ecclesiasticos fôram degredados para a costa de Africa por traição ao voto e offensa á moral.

Individualmente sabemos bem, e folgamos de o dizer com respeito, ha sacerdotes exemplares e dignos, que seriam exemplares maridos e dignos paes: estes estão incluídos no numero dos que nem solicitam nem discutem o casamento. Como classe porém a ecclesiastica deverá fixar a nossa consideração pelas suas convicções e pelos seus principios indo para a Africa um pouco mais em missão — e um pouco menos em degredo.

Outubro 1872.

## XXV

A estação balnearia — estylo caro de jornal barato — está prestes a findar. Mais alguns dias, as primeiras chuvas, a companhia lyrica, a remessa dos chapéos de inverno á Marie (vão ser enormes

os chapéus de inverno) a feira de Belem que descampe: e as nevroses em via de cura por essas praias regressarão a convalescer-se nas distrações que o outomno da capital prepara á pallidez e á anemia, no aterro, em S. Carlos, na egreja do Loreto, no club.

Está pois a terminar a convivencia da sociedade de Lisboa com o mar.

Oh! o mar é um grande medico, um grande conselheiro, um grande amigo!

Livre-nos Deus de pretendermos sorrir do mar. Somos uma pobre geração mesquinha, dessorada, melancholica e debil. Temos o sangue descórado, os ossos frageis, a alma triste. A base universal da vida sentimol-a escapar-se debaixo dos nossos pés. Precisamos de ferro para o nosso sangue, precisamos de calcario para os nossos ossos, precisamos de iodo para os nossos tecidos, precisamos de phosphoro para o nosso cerebro. Tambem precisamos de conselho, de consolação, de esperanza. Pois bem: o mar — simplesmente o mar — tem tudo aquillo de que nós carecemos. Por isso Michelet dizia: O mar é o grande mysterio revelado, é a regeneração humana. Todos os principios que no homem estão juntos existem n'elle separados, no mar, n'essa grande pessoa impessoal. Elle tem os teus ossos, o teu sangue, a tua seiva, o teu calor. Todos os mais pre-



ciosos elementos da animalidade terrestre estão no mar, como um thesouro, inteiros, invariaveis, vivos.

Para que o mar nos penetre de todas estas influencias tão profundamente vitaes, para que nos sare d'esta vaga enfermidade, a mais vulgar de todas, a mais perniciosa, a mais difficil de ser scientificamente, especialisadamente, diagnosticada, e que podemos definir *a dôr de viver*, é preciso que saibamos utilizar os meios que o oceano nos prodigalisa.

A praia assim considerada é um claustro, é um templo, onde se exerce um culto, onde se pratica uma religião, onde todas as mães se deveriam devotar fervorosamente durante alguns mezes do anno ao futuro, que não é mais que a compleição, o temperamento, a energia e o vigor de seus filhos. Para isto uma pequena casa á beira do mar bem traspasada de sol, de luz, do acre perfume das algas. A solidão, o recolhimento, as pequenas tarefas regulares do trabalho, o exercicio, os longos passeios, a exposição dos pequenos anemicos ao sol da manhã, o banho, a natação, o cuidado de lhes enxugar o corpo rolando-os na areia quente, a pesca aos mariscos nas rochas, a escolha dos alimentos, o maximo agasalho interior: finalmente a vida simples, honrada, maternal, sem luxo, sem ostentações, na-

integridade e na exempção ingleza, sem nenhuma especie de concessão á frivolidade, á moda, aos usos, ás theorias, ás exigencias da turba.

É de uma estação de dois ou tres mezes assim feita e mantida religiosamente, como um voto de castidade social e moral, que as creanças regressam mais crescidas, mais pesadas, mais fortes, e as mulheres mais dignas, mais saudaveis, mais novas e mais bellas.

Os homens que precisam todos de trabalhar, — na sua fabrica, no seu negocio, no seu jornal, na sua secretaria ou na sua casa — estão muitas vezes adstrictos a logares de que não podem sahir para habitar longe, nas praias, durante dois ou tres mezes. As mulheres e as creanças devem então ir sós. Estas pequenas separações temporarias tornam o regresso desejado, e são meia saude conjugal adquirida. A ausencia tem esta virtude: que escurece os pequenos defeitos e avulta os merecimentos relevantes a que o habito da convivencia muitas vezes nos torna despercebidos ou indifferentes.

Vejamos agora se o aspecto de uma das praias tão concorridas, tão frequentadas, dos suburbios de Lisboa, nos dá pelo que é alguma idéa do que devia ser.

Fileiras de casas dispostas parallelamente, de modo que da janella de um lado se pode cheirar a flôr

que está dentro de um copo na janella do lado fronteiro. Entre estas duas alas de predios, estreitos, empilhados, pequenos, desconfortaveis, uma estrada de mac-adam pulverisado pelas rodas dos vehiculos, cheia de pó, de môscas e da immundicie terrivel, caracteristica de Lisboa, immundicie burgueza e burocratica, de que sobresaee como um grito afflictivo o trapo e o papel velho. Alguns officiaes de secretaria, conselheiros ou commendadores, e ás vezes uma e outra cousa, de chapéo baixo e sapatos brancos — em villegiatura — com o *Diario do Governo* debaixo do braço. Algumas poucas creanças de tacões *regencia* e chapéos de palha com grandes abas, guarnecidos de papoulas de setim encarnado, encarrgadas de moverem um arco ou de puxarem por um boneco que rufa n'um tambor, sem desfriarem o cabelo, sem sujarem o vestido e sem fracturarem as pernas cahindo dos seus tacões. Senhoras em cabelo, de cuia, ligeiramente arregaçadas, aos pulinhos, vizinhando de umas casas para outras. Interiores de *rez-de-chaussée* alumiados com candieiros de petroleo, onde um piano — de praia, legitimamente de praia, elle! — choramiga a valsa do inverno, como um écho lacrimoso do Club, emquanto alguém, junto do candieiro, procura demonstrar-nos que, entre o estrepito de um omnibus que nos passa quasi por cima dos pés e o interesse que nos

inspira um volume da *Bibliotheca Romantica* espiritos estudiosos jámais hesitam.

Os omnibus passam, e elles lá ficam com o *Diario do Governo*, com os romances de capa azul, com o boneco que rufa quando o rodam, com o candieiro de petroleo, e com o piano a ares, tossindo a valsa.

E no emtanto em toda a orla da praia, pela margem do Tejo, desde Belem até Cascaes, depois do banho até a noite, ninguem! As diversas populações dos banhistas encontram-se, reconhecem-se, fora dos circulos em que as senhoras em cabello vizinham sobre o macadam — uma só vez por semana, á quinta-feira em Belem na barraca da Lima. Occorre se á virtude do banho de mar devemos therapeuticamente accrescentar como unica, mas poderosa efficacia suplementar — as queijadas da Sapa.

Mas, minhas estimaveis e excellentes senhoras, é um puro engano em que vossas excellencias estão o suppirem, simplesmente pelas suspeitas affirmações da Lima, que é utilisarem o mar, utilisarem-o assim!

Lisboa, esta mesma Lisboa, que todos nós tão bem conhecemos por nossos peccados, ella propria, é actualmente mil vezes mais campo, mais beira mar, mais sem luvas, mais ar livre, mais *pic-nic*, villegiatura do que isso!

Querem o desenfado, a liberdade, a independen-  
cia dos hábitos, das *toilettes*, dos movimentos, final-  
mente todos os predicados saudáveis do exercício,  
da hygiene, da saúde? Façam uma cousa: venham  
ao Chiado. Lá estivemos nós hontem, vestidos de  
flanela, com bonnets escocezes, sapatos rasos, a jo-  
gar o *cricket*.

Venham por ahí um dia, minhas senhoras, um  
dia d'estes, antes de acabar o verão! Os que se  
acham aqui aos ares, não querem que isto se espa-  
lhe, para não principiar a metter povo, mas não  
imaginam como se está bem! Passa-se como n'uma  
quinta. A gente não põe chapéo alto senão para ir  
— ás praias. O ministerio e o conselho de Estado  
andam pelas ruas em cabello, a assobiar.

De sorte que quem verdadeiramente e unicamen-  
te tem estado este verão em plena *estação balneato-  
ria* é a capital. Meditae-o, banhistas!

Com o outomno que entra, os banhos de mar —  
symptoma sociologico — cessam; e os *chás* — outro  
symptoma — principiam.

O chá em Lisboa é uma instituição. Sabe se que  
ha pessoas que tomam chá. Como? por que razão!  
Com que fim?

O chá não alimenta, não estimula, não refrigera,  
não medica, não embriaga, não tem nenhuma das

virtudes que explicam a existencia de todas as outras bebidas. Não alegra como o vinho generoso, não alimenta como o substancial chocolate, não esperta como o perfumado café. O chá porém tira o somno, o que prova que elle ataca os centros nervosos, mas ataca-os produzindo uma melancholia sêcca e uma inquietação esteril como a da loucura. Aquillo a que querem chamar no chá a côr e o perfume são propriedades extranhas ás odiosas folhas asiaticas; communicam-lhes os chins esse predicado por meio do sulfato de cal, do *olea fragans* e da *camellia desanqua*. Apesar de todas estas misturas o chá não tem melhor côr do que qualquer casaca desbotada, nem menos máu cheiro que qualquer outra infusão ou cozimento. Para o poderem tragar, os mais desvairados amadores misturam-lhe substancias addicionaes: deitam-lhe assucar, deitam-lhe leite, cognac, rhum, ou pingos de limão. Dir-se-hia, ao vêr preparal-o com semelhantes precauções tendentes a disfarçar-lhe o sabor, que é oleo de castor ou de figados de bacalhau que se trata de beber. E, depois d'isso, não ha ninguem de paladar tão corajoso que possa tragar uma pequena taça de chá senão aos poucos, golo por golo, ás colherinhas.

A historia do chá não é menos antipathica que a côr, o cheiro, o sabor e os effeitos pathologicos d'essa ridicula droga.

A introdução do uso do chá na Europa deve-se a traficantes e a chatins: trouxe-o a Companhia das Índias no século xvii. É portanto da origem mais burgueza, mais especieira, mais costal de bacalhau, mais sacca de arroz.

Fôram os burguezes que o adoptaram, preconisaram e espargiram. As classes médias, pretenciosas, arrogantes, e no fundo avaras e mesquinhas, festejaram o chá como o elemento principal das suas festas de *arrière boutique* ou de casa nova. Para o burguez pomposo, para o lojista feliz, para o bufarinheiro retirado, nada por certo mais commodo do que fazer-se senhor, fidalgo dissipador, generoso, liberal, dando simplesmente — chás.

Depois nem todos sabem mandar preparar uma fina ceia ou um jantar delicado: ha pessoas muito illustres, titulares até, que quando se mettem n'isto desmascaram, por entre a urdidura das suas pompas, o primitivo fio carrejão e gallego.

Para uma ceia é preciso saber ordenal a, fazel-a, cozinhal-a, servil-a, pagal-a caro; é preciso tambem saber comel-a, o que se não aprende depressa.

O chá nenhum d'esses percalços apresenta. Fazel-o, a mais boçal cozinheira com uma braza e um pucaro prepara aquillo; bebel-o, quem o não souber, aprende-o logo, fazendo de conta que se trata de um emetico. O preço da cousa é então o que

mais arregala o ôlho aos Mecenas de andar ao ganho: com um pataco de herva, meio barril d'agua e um tição cumula-se uma familia!

Os fidalgos só tomam chá depois que principiam a abastardar-se, a destituir-se, a empobrecer, a encanhar-se. No alto *dandysmo* da Régence, na côrte espirituosa e artistica de Luiz XIV, na farta e ainda rica nobreza picadora e toireira de D. João V e de el-rei D. José, o chá seria incompreensivelmente estúpido, ridiculamente inconcebível.

O povo com o seu bom senso nativo, com a sua segura intuição das cousas boas, justas e legitimas, nunca tomou chá. Generoso, sem preconceitos, sem basofias e sem velhacarias, o povo tem esta bella maxima: «O meu chá é de parreira.» E isto é a desaffronta do povo ao reparo do espirituoso e finissimo escriptor Méry, o qual dizia: «Que tome chá o inglez que gosta de quanto é extravagante e excentrico, entendo; mas que tome chá o allemão senhor do precioso vinho do Rheno, o hispanhol que possui o Xerez, e o portuguez que tem o Madeira e o Porto, que estes povos preferam a estes vinhos aquella tisana immunda, eis o que eu não entendo.»

Não, o avisado povo portuguez não bebe chá; quem o bebe, quem o adopta, quem o propagou é o burguez, que o cosmopolitismo do interesse con-



verte em degeneração patriótica. O povo quando quer banquetear os seus amigos leva-os ao Beato, leva-os ás hortas, leva-os á tasca, e comem juntos rim grelhado, cabeça de porco com feijão e chispes comervas; e, por cima d'isto e das amendoas torradas, bebe o chá do Cartaxo, do Lavradio, de Carcavellos. Ri-se, graceja-se, dão se abraços, e se não se tem espirito, porque o portuguez o não pode ter, teem-se pelo menos boas pilherias, amantes pêtas e ricas chalaças. Depois dormem-lhe bem em cima, sonham em cousas alegres, e accordam ao outro dia com o beiço encarnado, o ôlho humido e o pulso forte.

Ora só a nobreza e a plebe é que se regalam assim.

O burguez acha que os chispes estão pela hora da morte, que as cabeças de porco se estão pagando mais caras do que a cabeça d'elle, e depois de feitas estas contas convida para a *chicara de agua morna*: Vintem da herva sêcca, vintem de assucar, dez réis d'agua: meio tostão de banquete! E ainda em cima se desvanecem, se orgulham, se gloriam com isso! Gabam-se. Nos casos em que os paes d'elles, arrogantes, expectoravam simplesmente boas postas de pescada, estes agora expectoram chá.

Fizeram do chá um caracteristico aristocratico, um distinctivo de raça, uma genealogia, um braço.

Quando querem encarecer a familia, a educação, o nascimento, dizem uns dos outros que — *tomaram chá em pequenos*. Olhem a grande cousa! é o que sáe mais barato para desmammar creanças, — é o chá. Que aproveitaram com isso em que os desmammassem com o chá?! Não ficaram menos mazorros nem com os pés menos largos e menos chatos que os seus avós; e sahiram todavia com o sangue mais pobre e o musculo mais fraco. Ora melhor fôra — com quanto custasse um pouco mais caro — que os tivessem desmammado — a brôa!

Quando elles teem esta embofia com um pouco da miseravel burundanga que uma ama brejeiral e vil-lôa lhes metteu ao engano pela bôcca dentro n'uma chuchadeira de trapo em noites de colica, de rabugem e de açoites, o que não seria se descobrissem na geração um avô de luvas e de espada, um d'aquelles antepassados que, quando se trata dos outros, tanto obrigam o burguez a cuspir fora em estellicidos de gosma democratica!

Ah! burguezes! burguezes! vós cuspís sempre que podeis na fidalguia e na plebe. Um dos vossos prazeres especiaes é voltardes o caldo dos outros; para espetardes a carne entornaes-lhes a panella. Pedi a Deus que não chegue aos outros o dia de vos entornarem a vós — o bule! quebrando-vos no alto da cabeça essa ridicula chinezaria d'aza e bico,

que ha cem annos tem sido nas sociedades modernas o symbolo augusto, a honra, o escudo, o braço de classe, do vosso espirito, da vossa educação e da vossa preponderancia. Meditae-o, chasistas!

Setembro 1872.

## XXVI

O que pretendemos do sr. Jayme Moniz, professor, deputado e ministro da marinha?

Duas simples coisas :

Arrancal-o á politica,

Restituil-o á philosophia da historia.

O sr. Jayme Moniz era um pensador e um artista. O estudo meditado e ininterrompido da sciencia da historia, do progresso e da revolução tinha-o collocado na eminencia em que se dominam pela critica todos os movimentos e todas as evoluções da humanidade, sacudindo todas as questões e fazendo-as girar sob todos os aspectos. O seu espirito impressionavel e imaginoso sobredourava-lhe a pala-

vra com violencias fulgurantes que a incutiam e entalhavam na memoria dos que o ouviam. Os seus discipulos escutavam-o com amor, e elle servia nobre e elevadamente a sua patria creando para a liberdade espiritos impregnados de idéas e ambiciosos de luz.

Um dia, repentinamente, o fecundo professor, abandonando a altiva independencia da sua missão, lançou-se nas especulações esterilizadoras e subalternas da politica.

O espirito do illustre academico baqueou n'esse momento, com o seu temperamento nervoso e feminil, fascinado pela ambição, pelo genero de ambição que mais captiva os imaginosos e os tibios — não a ambição do governo: a ambição do espectaculo.

Ha uma virtude respeitavel em alguns ambiciosos: é o estoicismo austero dos que dominam, ignorados e invisiveis, na sombra. Não era esta paixão ardente dos grandes solitarios a que excitava, na obscuridade, a mente do joven professor.

O sr. Jayme Moniz sabia pela licção da historia que ninguem governa sem o sentimento — que s. ex.<sup>a</sup> não tem — de um grande poder exercido sobre os destinos dos outros: sem uma convicção energica da exempção mais perfeita, da mais completa inde-

pendencia individual ; sem a rude consciencia de uma vontade poderosa e inabalavel.

O sr. Jayme Moniz sabia, pelo seu proprio exame psychologico, que lhe faltava o espirito essencialmente politico, experimental, austero, implacavel — que domina e reforma.

Por dois modos pode o pensamento influir nos destinos do futuro : fazendo a revolução politica ou preparando a revolução social. A primeira intima-se pela energia e pela fôrça : a segunda opera-se, dôcemente e lentamente, pelo ensino e pela direcção dada ao movimento das idéas. O sr. Jayme Moniz, abandonando a propaganda e lançando-se na politica, abdicou a unica influencia que podia ter. Derribou-o a ambição. Não a ambição do poder — porque d'esse desistiu na orbita em que o podia exercer. A ambição do apparatus. E só o apparatus conquistou.

O disserto professor sabia que Bruno e Savanola fôram queimados vivos ; que Vanini foi entregue ás chammas depois de lhe ter sido arrancada a lingua pelo carrasco ; que Campanella viveu vinte e sete annos em um carcere e soffreu sete vezes a tortura em vinte e quatro horas : que Bacon foi encarcerado como suspeito de bruxaria ; que Telesio e Harrington morreram envenenados ; que Spinosa escapou por meio de uma vida mysteriosa a coleras

implacaveis; que Hobbes foi obrigado a homiziar-se em casa de um dos seus discipulos.

Esta dura sorte dos pensamentos independentes e livres satisfazia mediocremente o systema nervoso do sr. Jayme Moniz. S. ex.<sup>a</sup> estarreceu deante das consequencias terriveis da maldição do sr. Carlos Testa e do anathema do sr. José de Sousa Monteiro. Não era esse o genero de gloria com que o professor sonhava.

D'ahi o converter-se de pensador em politico. Não tinha idéas algumas de governo? Que importava! Teria a pompa, embora não tivesse a gloria do cargo. E era a pompa o que elle sobretudo appetecia. Era vestir a farda agaloada de secretario de Estado; traçar por cima de seu collete de baile a fita de uma grã-cruz; entrar nos salões da cõrte; apertar a mão de el-rei; conversar com Sua Magestade a rainha; fazer *vis-à-vis* aos principes nos saraus do paço; trazer á portinhola da carruagem um correio de secretaria; receber memoriaes, ter visitas, parar na Arcada entre alas de pretendentes que se descobrem; vir de descascar uma pêra em um almôço na Ajuda e repousar suavemente a vista, fascinada pelo fulgor da realeza, sobre a humildade baça do amanuense que se inclina a seus pés no lixo das secretarias.

Este pobre ideal do dandysmo burguez, da caro-

lice burocratica, realisou-o o sr. Jayme Moniz. Na administração dos negocios porém, no exercicio do poder, sua excellencia reconheceu que lhe eram inteiramente inuteis as licções que tinha da historia e da philosophia. Hegel e Vico nada lhe tinham dicto das necessidades coloniaes de Cabo Verde. Guizot, Thierry e Michelet nada especificavam da navegação da Africa ou do orçamento de Macau. Gibbon e Momsen eram mudos sobre construcções navaes. De Leibnitz, de Mahomet, de Descartes ou de Confucius, dir-se-hia que nunca tinham entrado no arsenal da marinha!

Agora o sr. Jayme Moniz libou as apparatusas doçuras do poder, o qual tem atravessado conservando em folha as suas altas faculdades, levando intacto o cabedal dos seus vastos conhecimentos.

O professor de philosophia da historia tem-se conservado no Ministerio da Marinha, armado de todas as habilitações e de todos os recursos que pode desenvolver um peixe transportado ao meio de um pinhal.

Todavia tem permanecido. É pois tempo de lhe perguntarmos se depois de haver interrogado a junta consultiva e o sr. visconde da Praia Grande, sua excellencia teve já occasião de interrogar tambem uma vez a sua consciencia. Encontra porventura

n'ella o sr. Jayme Moniz o alto applauso incorrupto do dever cumprido?

Entende que está realisando a missão para que estava destinado?

Acha que sobre o caminho que obstinadamente recalca deixará a sua passagem algum vestigio na civilisação, nos principios, nos sentimentos ou nos factos do seu tempo?

Não sente dentro em si o grande vacuo desconsolado e triste, que é a lenta punição devoradora dos inertes e dos nullos?

Não percebe que os negocios que devia dominar e reger lhe fogem, como um elemento incompressivel, por entre os dedos da sua mão delicada e inexperiente?

Não lhe lembra a sua especie de influencia e de preponderancia aquella lenda tão maguada e symbolica da sombra do escudeiro limpando a sombra do cavallo com a sombra da escova?

Compensa-lhe por acaso o movimento do apparato este apodrecimento da energia?

Dá-lhe a politica manejada na secretaria do Estado, entre mediocres, sem ideal, sem grandeza, sem elevação, os nobres contentamentos que lhe prodigalisava a sciencia? a plenitude grave, resignada, satisfeita que inspira o estudo? o applauso intimo que procede dos grandes triumphos da pala-



vra posta ao serviço da verdade ou da justiça, no professorado, ou no fôro ?

Não. A politica aos que a exercem em proporções tão mesquinhas, tão estreitas, tão intrigadas, tão estereis, tão inglorias, não pode dar a um caracter ainda não inteiramente pervertido — senão a desconsolação, o aviltamento e o tédio.

Depois, pouco e pouco, a altivez do character humilha-se, as exigencias da justiça cedem e contemporisam, os moldes do nosso primitivo ideal, afastando-se a pouco e pouco da nossa vista, desapparecem afinal; o meio que primeiro dominavamos principia depois a absorver-nos; a nossa personalidade deprime-se de dia para dia; até que finalmente começamos a achar-nos bem, e ahí estamos para todo sempre na baixeza, na mediocridade e na intriga.

É d'essa crise, inevitavel e fatal nas doenças moraes do constitucionalismo, em que tantos espiritos succumbem, em que tantos caracteres perecem, que nós nos impomos o dever de salvar o sr. Jayme Moniz, ao qual ainda extendemos amigavelmente a mão com que escrevemos estas linhas.

Isto não é um artigo de opposição, é um artigo de amizade. Para com aquelles que desmerecem a nossa estima, antes que o odio venha, chega-nos sempre primeiro o esquecimento.

Attenda pois o sr. Jayme Moniz a esta palavra verdadeira e leal:

A sua inhabilidade como ministro destinge sobre a sua reputação como sabio. Perante a critica attenta cada um dos seus erros no presente corresponde a um desfalque na reputação do seu passado. Tal é a logica d'este processo que muita gente duvida já — que tão máu ministro tivesse jámais sido um professor elevado.

Volte á sua cadeira, e attente n'isto:

Que o mais seguro meio de cada um amar verdadeiramente a sua patria é amar simplesmente a sua profissão.

Julho 1872.

## XXVII

A S. EX.<sup>a</sup> O SR. MARQUEZ DE ANGEJA. — Depois das innumeradas cartas que Nicolau Tolentino de Almeida dirigiu em prosa e em verso ao avô de v. ex.<sup>a</sup> pedindo-lhe as pernas de Perú que sobravam dos seus jantares, é talvez esta, no seculo XIX, a primei-

ra carta impressa que os magnanimos Angejas tornam a receber de litteratos humildes.

Vão ficar porcerto extranhamente surprehendidas as sombras gloriosas dos antepassados de v. ex.<sup>a</sup>, habitantes das galerias brazonadas d'esse antigo solar, quando nós declararmos, como solememente declaramos, que não trazemos os cotovellos rôtos, que não temos a côr terrea e macilenta da fome, que nos não sáem os manuscriptos sebaceos pelas aberturas esgaçadas das algibeiras, que nos não surgem palhas das empeçadas cabelleiras, que finalmente não vimos pedir a v. ex.<sup>a</sup>—nem jantar, nem mote!

De tal modo, sr. marquez, mudaram os tempos para fidalgos e para poetas no decurso dos ultimos oitenta annos!

A que saudosa distancia não estamos da côrte toireira, de rabicho, do mui alto e poderoso rei D. José e da não menos alta e virtuosissima rainha a senhora D. Maria I, os quaes Deus Nosso Senhor tenha na gloria sob a sua santissima guarda!

Pois, sr. marquez, nós lêmos com attenção e muito apreço litterario e archeologico o manifesto ultimamente feito por v. ex.<sup>a</sup> ao paiz. Quanto á parte propriamente politica d'este notavel documento nada se nos offerece dizer senão que a achamos bem. V. ex.<sup>a</sup> ataca frente a frente os seus inimigos

e assigna lealmente o seu vigoroso libello. Isto é logico, é claro e é digno. É sobretudo de bom gôsto. Quaesquer que sejam as razões que obriguem um cidadão, á luz do dia, a pegar na hypocrisia constitucional e burgueza por uma orelha, e a pô-la fora da sua porta, o facto em si agrada-nos sempre como um testemunho publico de asseio de costumes.

O nosso unico reparo, ex.<sup>mo</sup> sr., é puramente na questão genealogica.

Disse-nos v. ex.<sup>a</sup> que descendia do grande Affonso de Albuquerque. Depois do que, entende v. ex.<sup>a</sup> ser mistér que a mais cega malevolencia insista em denegrir o seu caracter para que immediatamente se não veja que v. ex.<sup>a</sup> está pela natureza, pelo sangue, pela estirpe, acima de toda a suspeita de rebellião contra a independencia e contra a autonomia da sua patria.

Ora com o sr. Affonso de Albuquerque, por cuja infausta e prematura morte aproveitamos este ensejo para dar ainda uma vez os nossos sinceros pesames a v. ex.<sup>a</sup>, succede que elle, s. ex.<sup>a</sup> o sr. D. Affonso, houve apenas um unico herdeiro, seu filho o sr. D. Braz. Este edificou em Lisboa a igreja da Graça e expirou sem descendencia, mas não sem uma avultadissima herança. Mais tarde um dos Noronhas succedeu ao vinculo tomando para esse

fim o appellido dos Albuquerque. Temos pois que o descendente de D. Affonso de Albuquerque é seu filho Braz, o qual serve de tronco em seguida aos Albuquerque de Noronha, entre os quaes, sr. marquez, v. ex.<sup>a</sup> figura. Ora do alludido sr. D. Braz de Albuquerque sabe-se que não só não amou a autonomia e a independencia da sua terra até o ponto de legar aos seus descendentes uma egide impene-travel ás settas envenenadas do *Diario Popular* e da *Revolução de Setembro*, mas que pelo contrario entrou na reunião da *Casa dos bicos*, cuja era dono, onde varios cavalheiros e fidalgos decidiram unanimemente offerecer a Philippe de Castella a corôa portugueza.

Dizendo-nos v. ex.<sup>a</sup> que não conspira, e bastando-nos inteiramente sobre este ponto a honrada palavra de v. ex.<sup>a</sup>, folgamos de comprimental o, sr. marquez, porque v. ex.<sup>a</sup> herdou de Albuquerque o appellido e o morgado, succedendo-lhe nas honras, porém não lhe succedendo nas manhas.

De v. ex.<sup>a</sup> admiradores dedicados, posto que divergentes.

Julho 1872

## XXVIII

As conspirações e as revoltas portuguezas parecem-nos que pertenciam ás *Farpas*, assim como os lirios pertencem aos zephyros. A revolução lusitana é a bandeira que pende melancholica e molle de uma janella suspeita, nós somos a viração que passa palpitante e livre. O sr. Fontes Pereira de Mello, mandando recolher o pavilhão bellicoso, parece ter-se esquecido de uma cousa: é que nós ainda o não sopramos.

O melhor, o mais poderoso volume de quantos temos publicado, cheio de razões, de argumentos, de observações psychologicas, de factos sociaes, de inducções historicas e de anedotas humoristicas, privou-nos o governo de o fazermos n'este mez, amordaçando assim a nossa veia, coarctando o nosso programma, restringindo os nossos direitos.

No modo como o governo tem tratado o assumpto, que de direito e de tradição nos pertencia, ha pontos especiaes e flagrantes em que suas excellen-

cias os ministros invadem os poderes do folhetim com uma arrogancia que nos aterra. O cêrco da casa do sr. conde de Magalhães e a tactica planeada para a captura d'aquelle titular, para não citarmos senão este episodio, denotam que o governo tem designios artisticos, secretos e profundos sobre a conspiração abortada. Começaram já a folhetinisa-la com interpolações joviaes e comicas; receiamos que terminem pondo-a em musica, cantando-a ao piano ou calçando as luvas e tirando pares para a tratarem n'uma marca de lanceiros.

E todavia, archivando o assumpto no tribunal da Boa Hora, ou aferrolhando-o nos carceres do Limoeiro ou nas casas-mattas da Torre de S. Julião, o governo monopolisa a discussão, e restringe particularissimamente em si proprio o direito de a agitar, de a deduzir, de a desenvolver, de a desenlçar. O que é que nos resta a nós? Pela nossa parte, não nos sendo licito apreciar as circumstancias de um processo que corre secreto, contentamo'-nos em esperar que elle termine para soltarmos a palavra que temos aqui prêsa por um escrupulo delicado ao bico da nossa pena.

Uma parte da imprensa, menos paciente que nós, igualmente impedida de criticar a nova conspiração, resigna-se occupando-se de conspirações antigas, e assim vêmos este curioso factó: Que ao mesmo

tempo que os partidos conservadores, a que o governo pertence, accusam de attentarem contra as instituições os srs. conde de Magalhães e visconde de Ouguella, são na imprensa d'esses mesmos partidos os srs. Anselmo Braamcamp e Rodrigues Sampaio, seus chefes, os que vemos accusados de inimigos do throno, de republicanos e de revoltosos!

Não sabemos como o paiz acceitará estas e as outras revelações que se lhe preparam: se será com a indignação, se será com o tédio... Socegae, senhores politicos, nós cá estamos para examinarmos ao paiz as pulsações do coração e os espasmos do esophago, e voltaremos a dizer-vos se, depois de vos ouvir, o publico pede uma espingarda — ou uma bacia.

Agosto 1872.

## XXIX

A SUA MAJESTADE CATHOLICA EL-REI D. AMADEU I. — Senhor:

*Nos llamamos Pepes!*



Esta breve phrase, popular em Madrid, parece mandada fazer expressamente na Puerta del Sol para nos servir de apresentação a Vossa Majestade Catholica. Ahi tem Vossa Majestade n'essa pequena linha, sonora como o fremito de um pandeiro, roçado pelo dedo de uma gaditana, a nossa biographia, os nossos diplomas e as nossas credenciaes. *Nos llamamos Pepes.*

O que não impede que nos inclinemos deante de Vossa Majestade com tanta consideração e tanto respeito como se fôsemos muito mais do que simples Pepes, admiradores das virtudes de Vossa Majestade, d'entre as quaes sobresaee a que mais scintilla, quer como diamante n'uma corôa real, quer como tope n'um barrete frigio — a coragem.

Agora, senhor, o que nos traz aos pés de Vossa Majestade :

Á ultima exposição celebrada em Madrid concorreram os pintores nossos compatriotas. Convidados a expôrem as suas obras na patria gloriosa de Murillo, o sublime idealizador da belleza meridional, e de Velasquez, o immortal Homero de Carlos V, os pintores portuguezes julgaram espirituoso e delicado não ensombrarem com toda a altura das suas corpulencias a augusta tradição da arte hispanhola, e, para o conseguirem, como concorreram

elles? Concorreram modestos, e — devemos dizel-o — encolhidissimos de côres e de maneiras.

A critica hispanhola comprehendeu quanto havia de sublime n'esta attitude humilde da arte portugueza, e depois de conferir um premio a cada quadro, a Hispanha comprou todos os quadros portuguezes premiados.

Succede porém, senhor, que, decorridos tantos mezes depois de encerrado o certamen internacional de Madrid, os nossos compatriotas não receberam ainda nem os diplomas da sua qualificação nem o preço das suas obras.

Nem premio nem dinheiro. Até aqui nada extraordinario. Os nossos pintores vinham apenas por esta forma a receber da exposição hispanhola o mesmo que ordinariamente recebem das exposições portuguezas — menos uma cousa, que não receberam ahi, e que sempre recebiam cá: os quadros.

Porque, senhor, no tocante ás nossas pinturas ha um direito sagrado que nós jámais nos lembramos de discutir aos auctores: o direito que elles tem de as levar para casa.

A Hispanha, procedendo de um modo diverso, deu-nos da sua brilhante e larga munificencia uma idéa que tem apenas o defeito de recordar um pouco a exuberancia caudalosa d'aquelles rios que fertilisam o paiz adoptivo de Vossa Majestade, nos

quaes rios, segundo somos prevenidos pelo sr. Théophile Gautier, o viajante prudente deve ter sempre a precaução de passar por baixo das pontes — para não molhar os pés.

Interessando-se pelos concorrentes portuguezes á exposição de Madrid, terá feito Vossa Majestade uma sympathica acção, porque os nossos pintores, se não são uns artistas immortaes, são uns rapazes excellentes, resignados no seu pouco, alegres, disinteressados, não falando nunca em dinheiro.

Já não diremos o mesmo a respeito dos nossos architectos. Estes, senhor, são umas feras. O sr. Sampère y Miquel, subdito de Vossa Majestade, deputado republicano, adversario do governo de Vossa Majestade, e nosso amigo, veiu ultimamente a Lisboa expressamente com a idéa sinistra de se fazer architecto portuguez: elle sabia decerto que, se conseguisse isto, voltaria ao congresso hispanhol convertido n'um chacal. Felizmente para socêgo da dynastia de Vossa Majestade o sr. Sampère nada obteve.

Soube-se por essa occasião na nossa Academia das Bellas Artes que os architectos portuguezes não teem carta nem diploma. Nós acreditamos fielmente que os architectos o são quando elles nos dão a esse respeito a sua palavra. Documento não ha.

De modo que, quando o nosso amigo se apresentou, prestando se a ser examinado, a seguir um curso, a submeter-se a um jury, etc., solicitando um diploma, a Academia respondeu-lhe:

— Ah! o senhor quer um diploma? Pois não! aqui tem. (E offerecia-lhe uma cadeira.)

O sr. Sampère, notando que havia da parte da Academia um leve erro na interpretação do seu requerimento, explicava-se melhor.

— Apora percebo! exclamava a Academia, o que o sr. pretende é então um diploma, o bem conhecido diploma... Vae tel-o immediatamente. (E serviam-lhe um copo de agua.)

O supplicante, aterrado, acudia com explicações novas, additamentos, commentarios, supplicas, traducções em várias linguas, tudo tendente a cravar bem na comprehensão da Academia que era um diploma de architecto o que elle requirava.

A Academia a cada requerimento que chegava respondia com uma nova exclamação de quem tinha acabado porfim de entender.

E a Academia a cada uma d'estas exclamações, com o ar de entregar o diploma, ia dando ao sr. Sampère — Lume! — Dictionarios! — Chá com leite! — Sinapismos! — Sal amoniaco! — Finalmente o supplicante tanto insistiu que a Academia, batendo

na testa e, expedindo um grito repentino de jubilo, chamou-lhe uma sege, entregou-lhe o paletot e o chapéo, e elle foi-se embora, e voltou a Hispanha e ao congresso, desarmado das peçonhas do diploma que queria.

Somos amigos de Sampère, mas tambem somos amigos de Vossa Majestade, e não podemos deixar de dizer que foi bem feito!

O sr. Amador de los Rios, o philosopho illustre da arte, de quem acabamos de nos despedir, approximou-se igualmente dos nossos architectos e foi do mesmo modo ensinado.

Amador de los Rios encontrou entre os especimens archeologicos das collecções portuguezas dois sarcophagos notaveis. Um acha-se no museu do Porto e foi de um consul ou de um imperador, o outro está na associação dos architectos lisbonenses e denota ter sido de um musico romano.

Afim de estudar e registar estes monumentos no *Museu español de antiguidades*, precisava o sr. Amador de los Rios de ter d'elles uma cópia photographica. No Porto obteve immediatamente dos conservadores do museu a cópia solicitada, a qual lhe foi offerecida em um officio redigido nos termos que a mais elementar delicadeza impõe a quem se dirige a uma pessoa de tão elevada qualificação litteraria e scientifica como o sr. D. Amador.

Em Lisboa a Associação dos Architectos congregou-se em assembléa geral para despachar o requerimento que lhe era submettido, e decidiu que ao sr. Amador de los Rios se concedesse a licença pedida para se photographar o sarcophago, *com a condição porém* que o supplicante reconheceria este obsequio mandando á associação o presente de 60 exemplares da collecção do *Museu español de antiguidades*, cujo valor em réis portuguezes, no estado em que a publicação se acha, é já hoje de dois contos e seiscentos mil réis.

Foi preciso intervir o ministro das Obras Publicas para que a associação dos architectos concedesse *de graça* licença para se photographar o sarcophago a que a dicta associação chama *seu*, não obstante termos nós já dicto a Vossa Majestade que elle é simplesmente, como se prova, de um musico intestado. De modo que, se litigassemos juridicamente esta questão de herança, talvez que tivéssemos de retirar o sarcophago aos senhores architectos e de o entregar á philarmonica União e Capricho.

Concluindo enviamos a Vossa Majestade os nossos parabens pelo malôgro da tentativa feita em Madrid contra a vida de Vossa Majestade. O partido reformista, chamado o partido das economias, celebrou na cathedral de Vizeu este successo por

meio de um solemne *Te-Deum*. Não se pode explicar á primeira vista como é que o citado partido encabeça no seu programma economico esta manifestação de jubilo, porque a verdade é que, por mais que queiramos dilatar os beneficos effeitos da salvação dos preciosos dias de Vossa Majestade, não vêmos que d'ella resulte a minima redução de despesa no nosso orçamento do Estado! É certo porém que n'este sentido o partido reformista alguma cousa vê que por emquanto escapa á perspicacia vulgar. Pela nossa parte achamo'-nos inteiramente preparados para lêmos no *Diario do Governo*, logo que s. ex.<sup>a</sup> o sr. Bispo de Vizeu reassuma o poder, as seguintes linhas:

«Attendendo a que a Divina Providencia houve por bem salvar a vida de Sua Majestade Catholica o Rei Amadeu, irmão de Sua Majestade a Rainha, minha muito amada esposa, quero e me apraz, que de ora ávante, todos os funcionarios portuguezes, para os quaes este fausto acontecimento não pode de nenhum modo deixar de ser considerado como uma justa, posto que porventura excessiva remuneração dos seus serviços ao Estado, passem de ora ávante a receber em dinheiro metade apenas dos ordenados que lhes estavam anteriormente fixados. Os srs. bispo de Vizeu, Luiz de Campos, Osorio de Vasconcellos, Mariano de Carvalho, Coelho do

Amaral e Pinto Bessa, assim o tenham entendido e façam executar.»

Que Deus guarde os preciosos dias de Vossa Majestade e preserve Vossa Majestade de novas tentativas regicidas, como todos nós desejamos e temos mistér.

### XXX

Abre a feira das Amoreiras, vae-se ao campo colher a espiga na quinta feira da Ascensão, começam as touradas.

É o verão que se annuncia com o desabrochar das rosas, com a apparição das *toilettes* claras, com a vinda das andorinhas, com o chiar das noras, com o zumbir das môscas, com as primeiras baforadas do vento môrno, que faz ondular os centeios nos campos, salpicados de papoulas vermelhas, e levantar a poeirinha dourada de sol, na estrada branca péguinhada pelos burricos madrugadores das hortelôas e das lavadeiras.

Nas hortas, ao fim da tarde, sente-se, com o ru-



mor da agua correndo nos tanques, o cheiro appetitoso e picante dos mólhos das alfaces, do aipo, do cebolete e da pimpinella cortada de fresco.

No campo de Sant'Anna, ao domingo, com a trincheira do sol pejada de povo, os foguetes furam o espaço e espirram com estampido no azul; os moços de jalecas brancas regam a arena, tangem os metaes da charanga no seu corêto; o povo berra, os bois marram nas corrediças fechadas do touiril; desdobram-se no peitoril dos camarotes os chales de toukin; arfam os leques e as mantilhas brancas adornadas de ramalhetes de cravos; circula a agua fresca nos moringues de Extremoz, e o *Intelligente* apparece em pompa, de cabeça descoberta e charuto nos beiços, no meio do trophéo das bandarilhas, para saudar o povo e dar principio á funcção.

Nas Amoreiras as eirós rabeiam silenciosas na areia encarnada ou rechinam ás postas na grelha; as ameijoas e os mexilhões abeberam em azeite e tomate nas taxadas da caldeirada, emquanto as lagostas e os camarões cozidos esperam tranquillos, empyramidados em salsa, ao lado das alfaces, das conservas de cenoura, do linguado para frigir, e da costelleta para panar.

O Torreano é de arromba, e o Cartaxo tambem. A elle, patriotas!

As antigas e bem frequentadas orchatarias características das feiras de Lisboa cahiram de prestígio com a morte da Lima. Uma ou duas barraquinhas apenas, forradas de panninho azul e branco, ornadas de *crochets* e de lithographias, com a garrafaria de licores ao fundo, as queijadas da Sapa e os especiones no balcão, e quatro mesas de jardim cercadas de cadeiras, para o serviço do café e dos refrescos junto da *devanture*.

As meninas, outr'ora tão ávidas das limonadas de groselhas e de framboezas, beberricadas n'estes recintos por tanto tempo sagrados ao namôro das classes médias e á arrogancia dos alferes de cavallaria, cederam agora ás creadas de servir e ás costureiras os xaropes e o syphão feirense no tratamento refrigerante das imaginações escandecidas.

A antiga Lima, e a sua barraca espaçosa, de quatro portas em arco e duas arvores dentro, desapareceu com o marido, grave burguez de barbas grandes e chapéo alto, por quem ella chamava, para fazer o troco aos pagamentos, por meio da phrase concisa, mas pomposa: — *Augusto, á caixa!*

Nos ultimos annos Augusto ainda ia á caixa, mas infelizmente com um chapéo mais velho e muito menos vezes por dia do que n'outro tempo.

Desappareceram egualmente os theatrinhos de marionettes, e nos outros já se não representam os

velhos autos tradicionaes, como o da *Senhora da Nazareth* e o de *Santo Antonio*, nem as tragedias nacionaes, como a de *D. Ignez de Castro*, nem as farças de cordel, como o *Manuel Mendes*, *O villão em casa de seu sogro*, *O gallego lórpa*, etc.

A ethnologia portugueza continúa, porém, a ter na feira das Amoreiras alguns documentos interessantes, como as louças populares, as bilhas da Maia e de Extremoz, os picheis e os gumis de Mafra, os pratos persas de Coimbra, e alguns brinquedos tradicionaes das crenças do povo.

As preferencias do publico na escolha dos seus passeios ás tardes do domingo, fôram n'este anno disputadas á Feira das Amoreiras pelo Jardim Zoologico.

Estabelecido fora das portas de S. Sebastião da Pedreira, no parque da propriedade de José Maria Eugenio, na estrada de Bemfica, o Jardim Zoologico é o mais importante estabelecimento de educação publica que durante o periodo do constitucionalismo em Portugal, desde 1836 até hoje, se tem consagrado ao povo.

Depois de Agostinho José Freire, que em 1835 e 1836, com a cooperação de Garrett e Manuel da Silva Passos, fundou o Conservatorio de Musica, reformou a Bibliotheca Nacional, creou a Academia

de Bellas-Artes e empreheudeu os primeiros esforços para a restauração do theatro portuguez, ninguem mais na esphera do governo tornou a preoccupar-se com a vantagem que haveria para a sociedade em que o povo se divertisse em alguma cousa mais util do que jogar o chinquillo e dar facadas.

Um hollandez meu amigo, tendo passado uma semana em Portugal, dizia-me : na Haya : — *A gente de Lisboa tem boa indole, porque os seus numerosos gatos são todos mansos.* A empresa do Jardim Zoologico, contribuindo para desenvolver esse nativo elemento de bondade exercida na estima dos animaes, e chamando a attenção do publico para os attractivos da natureza, da qual por tanto tempo a educação jesuitica separou a nossa raça, deu á hygiene intellectual e moral de Lisboa o mais bello, o mais util, o mais importante de todos os seus modernos institutos.

A fundação d'este jardim, para o qual o governo e a municipalidade lisbonense teem até hoje olhado com uma indifferença vizinha do desdem, deve-se á iniciativa, á teima, á caturrice de um estrangeiro, o dr. Van-der-Laan, ao qual o reconhecimento publico deve uma estatua.

A situação do Jardim Zoologico n'um arrabalde de accesso extremamente difficil aos grandes vehiculos baratos, no alto da triste, da monotona, da

poeirenta, da ingreme calçada de S. José e da subida de S. Sebastião da Pedreira, difficulta a concorrência e não poderá manter-se por muito tempo. Será preciso que o jardim se approxime de alguma das grandes avenidas da cidade, ou que se construa para elle uma estrada plana e larga, commodamente carroajavel.

Faz pena vêr a vereação do municipio esquecer-se d'este assumpto, e deixar perigar o futuro de uma empresa altamente civilisadora, malbaratando a receita votada ao custeio dos parques e dos jardins publicos, nas cascatinhas de presepio da Avenida da Liberdade, e nos seus lagosinhos do mais pretencioso, do mais mesquinho, do mais ridiculo e réles genero de falso rustico.

A collecção zoologica do novo jardim não é muito numerosa, mas é assaz variada, e acha-se instalada com gôsto pittoresco, com graça artistica. Não pode por emquanto aspirar á importancia de uma eschola prática de acclimação, mas por meio do seu lindo aviario, da sua collecção de quadrumanos, dos seus bucolicos estabulos, dos seus viveiros, dos seus lagos, dos seus jogos infantís, das refeições de leite, dos passeiosinhos em carruagem, em poney ou em dromedario, que proporciona ás creanças, — o Jardim Zoologico dispõe já dos sufficientes encantos para que as mães o visitem em

cumprimento de um d'ôce dever, com os seus filhos pela mão, para que os pintores se comprazam em plantar o cavallete em algum de seus tranquillos e risonhos recantos, para que, emfim, a gente se reuna alli, ao sol no inverno ou á sombra no verão, na estação das violetas ou na estação das rosas, para alguma cousa mais honesta, mais moral e mais util do que mostrarmos uns aos outros, e mais ás outras, a côr das nossas gravatas, o talho dos nossos *vestons*, os pontos das nossas rendas e os botões das nossas luvas, n'essa misera feira de trapo e de namôro, em que até aqui se resumia a vida de parque e a vida de jardim para o publico de Lisboa.

Maio 1885.

### XXXI

No ultimo domingo d'este mez, celebração, no hippodromo de Belem, do primeiro concurso publico de gymnastica, promovido pela direcção do Real Gymnasio Club Portuguez.

Quando entrei no hippodromo pelo recinto da pesagem, cêrca de quatrocentos rapazes entre os dez

e os quinze annos, alumnos das escholas municipaes, da Casa Pia e de alguns dos principaes collegios particulares de Lisboa, manobravam juntos á voz de um instructor, em frente da tribuna real e das tribunas publicas, cheias de espectadores.

Na primeira linha achavam-se enfileirados os orphãos da Real Casa Pia, vestindo o uniforme do asylo, kepi e jaleca azul de botões de metal. Todos os demais pelotões de creanças tinham o vestuario de campo, a blusa ou a jaqueta de cotim e o cinto de gymnastica.

A um signal de commando, os da Casa Pia despiram as jaquetas com a rapidez de um relampago, e collocando-as aos pés com os kepis em cima, cahiram, como todas as demais escholas, em guarda de pugilato: as pernas abertas como para romper a fundo na esgrima, o peito alto, o tronco aprumado solidamente nos rins, o punho extendido e cerrado como a manopla de um athleta.

Em todos os consecutivos exercicios da gymnastica de movimento e de fôrça, nas flexões de todos os musculos, á voz de commando, na marcha, na corrida, no salto, nas parallelas, nas barras, no trapezio, no trampolim, todos estes rapazes, representantes da joven geração portugueza, fôram de uma correcção, de um arranque, de uma altivez de porte, de uma marcialidade de garbo como nunca até

este dia se vira nas mais luzidas paradas, nas mais pomposas revistas militares.

Ao pé d'aquellas creanças, primeiro documento publico da influencia da educação physica no desenvolvimento da musculatura lisbonense, os nossos pobres regimentos de infantaria e de caçadores fazem uma figura bem tristemente acanhada e trôpega.

No olhar recto e firme d'esses collegiaes, na inesperada expressão viril que os seus gestos vigorosos communicavam ás suas physionomias, reconhecia-se experimentalmente que a eschola da agilidade e do vigor muscular é conjuntamente a eschola da energia moral, da decisão do character, da impulsão da coragem; e esta nova geração adolescente, pela primeira vez n'este dia exhibida em publico n'um certamen de destreza e de perfeição anatomica, como na Grecia antiga, formada na relva, ao sol, envôlta no limpido azul aquatico da bahia do Tejo, na linda collina verdejante, tendo ao fundo a cupola dos Jeronymos e as ameias arrendadas da torre de Belem, fez-me o effeito de ser aquella que daria á patria, com os mais fortes braços para a defender, os mais altivos corações para a amar.

Não sei o que o rei faz, contentando-se em applaudir, do alto da tribuna real, com as pontas dos dedos, como se se tratasse de um simples premio



de consolação á precocidade de um pianista ou de um grammatico. . .

Está-se tratando de alguma cousa mais importante, na educação publica, do que decorar verbos, nas aulas, ou dedilhar exercicios a quatro ou a mais mãos no madeiro sonoro dos salões burguezes.

Está-se tratando de regenerar e de reconstituir, por meio da mais sabia e da mais fecunda reforma pedagogica, a abastardada e empobrecida raça portugueza, arrastando pela base os antigos systemas de educação, e começando por fazer homens em vez de começar por fazer bachareis.

Todos os phenomenos da vida social se dividem em duas categorias principaes: phenomenos morbidos e phenomenos sãos. Todo o acto humano, qualquer que elle seja — a creação de uma religião, de uma philosophia ou de uma charada, a factura de um poema ou a de um par de botas, a escolha de um estado, de uma profissão ou de uma simples gravata — procede sempre e invariavelmente de uma d'estas duas origens: a saude ou a doença. Dizer asneiras, manter um vicio, matar um homem, ser invejoso, ter nódoas, ter caspa, ter furunculos, são phenomenos perfeitamente congeneres, podem ter todos a sua causa commum na constipação de ventre, e são susceptiveis de se prever e de se evitar por meio de simples laxantes propinados a tempo

oportuno. A educação do corpo cultivada pela gymnastica é a primeira condição do vigor da saude nos individuos, e é do vigor dos individuos que procede a energia das sociedades.

Os socios do Real Club Gymnastico, iniciando no publico portuguez o culto da saude e a educação da fôrça, tresdobrando consequentemente nos cidadãos a resistencia muscular, indispensavel ao equilibrio physiologico do character, prestaram, pois, ao reino um serviço, e fizeram-lhe presente de um augmento de valor, que o rei não agradeceria demasiadamente dando uma grã-cruz a cada um. Algumas palmas apenas, acho pouco.

A camara dos deputados e a camara dos pares, ha vinte annos a reformarem a lei da instrucção secundaria, ainda não reformaram cousa nenhuma. O Real Club Gymnastico, fundado em 1878, conseguiu introduzir já na educação da infancia a hygiene da fôrça. E francamente devo dizer que levantar trinta kilos em cada pulso, trepar por uma corda á altura de um quarto andar, saltar a pés juntos um fôssô de dois metros de largura, me parece, com relação ao dominio do homem sobre o mundo exterior, uma cousa tão importante, pelo menos, como fazer a analyse grammatical e a analyse logica de uma oração de Cicero.

## XXXII

Ha bastante tempo que desfructo n'este mundo o prazer repetido e monotono de vêr um anno succeder a outro anno. Mas desde que assisto a esse spectaculo na minha obscura qualidade de antigo assignante do gallinheiro, neutral, obscuro e mal sentado, jámais vi nem tive de adjectivar anno que de peor agouro, com mais enguiço, começasse do que este! Não ha cortejo nem mais doloroso nem mais lugubre, nem mais inquietante. O anno de 1890 traz-nos consigo uma accumulção de luctos, uma epidemia, a contingencia de um novo reinado, a surpresa de uma nova republica, um conflicto gravissimo de politica internacional, uma consideravel deslocação de velhos e inveterados interesses de diplomacia, de industria e de commercio, juntamente com a tenebrosa prophacia de todos os flagellos — a fome, a peste e a guerra!

Entre os mortos cujas sombras se alongam me-

lancholicamente sobre as primeiras paginas brancas d'esta nova era temos o infante D. Augusto, o rei D. Luiz, a imperatriz do Brazil, a imperatriz da Alemanha, viuva de Guilherme I, o duque de Aosta, o dôce e risonho folhetinista Julio Cesar Machado e o alegre Francisco Palha.

O Chiado não verá mais passar, entre as tres e as cinco horas da tarde, o vulto, popular á fôrça de ser conhecido, do duque de Coimbra, á direita do seu official ás ordens, seguido de dois creados de libré azul com galões de prata nos chapéos, montando um gordo e lento cavallo de Altér. As longas e pesadas pernas do principe pendiam sobre os estribos a um e outro lado da sella com a abandonada inercia de dois travesseiros de casemira estofados de chumbo, e a sua loura physionomia, desmaiada e mansa, de olhos redondos e claros, com uma certa fixidez ornithologica, sorria complacente e pacifica aos cumprimentos que lhe dirigiam. Á noticia da sua morte o povo reconheceu que principiara a amar, sem mesmo dar por isso, a figura, familiar nas ruas de Lisboa, d'esse modesto homem, que nunca intrigara, que nunca maldissera, que nunca prejudicara pessoa alguma, e tomando mais a serio do que geralmente se suppunha o seu emprego de inspector da arma de cavallaria, ia todos

os dias á caserna, onde cada official se habituara a vêr n'elle não o general honorifico e o guerreiro heraldico, mas o companheiro mais discreto, o amigo mais dedicado, o camarada mais generoso.

A figura do rei D. Luiz fez menos falta nos aspectos habituaes da população de Lisboa, porque o successor do fallecido soberano, o sr. D. Carlos, parece-se com seu pae como com uma gôtta d'agua se parece uma outra gôtta.

A lamentavel ex-imperatriz do Brazil falleceu n'um alojamento do Hotel do Porto, na occasião em que seu marido visitava as escholas e os museus da cidade, absorvido, como em suggestão hypnotica, por essa especie de somnambulismo circulante, que durante os ultimos annos tão profundamente tem caracterisado os actos d'este principe.

Não haverá o que quer que seja de fatal para o destino d'esta veneravel senhora n'esta maneira de acabar no exilio, por um modo tão desoladamente triste, tão commovedoramente doloroso!

Na terra estrangeira, desacompanhada dos entes que mais amou, de seus filhos e de seus netos, abençoada por um padre que casualmente passava na rua, ella expira com esta palavra sublime de sub-

missão e de humildade: — *Sim, desejo bem receber a extrema uncção, mas é preciso que o imperador ordene.* O que foi a existencia toda d'essa desditosa princeza senão a funcção da lei synthetisada na sua derradeira phrase? Que fez ella no mundo senão obedecer sempre, docil, obscura, resignada? Vendo decorrer quarenta e seis annos de reinado, esperando *que o imperador ordenasse*, n'uma côrte sem sociabilidade a que uma senhora presidisse, sem pompas, sem festas, sem arte, sem mundanismo, que papel foi o seu senão o de viver no imperio como morreu no destêrro, apartada de todo o movimento social, alheia a todo o impulso de civilisação, como no desconfôrto, na nudez e na melancolia de um eterno quarto de estalagem?

Pobre e mesquinha princeza! pobre adoravel senhora!

A imperatriz Augusta, da Allemanha, não parece ter tido um destino consideravelmente mais risonho que o da imperatriz do Brazil, no seio d'essa dynastia de pulso, que seu marido illustrou espadeirando com o seu proprio sabre o povo de Berlim, segundo este facto é representado na grande tela historica que ainda hoje orna — creio eu — a sala dos embaixadores no palacio imperial.

O victorioso e triumphante soberano da Allema-

na unificada não offereceu, ao que se diz, na escola dos maridos um exemplo tão absoluto de perfeição como o que deixou na escola dos sargentos. O numero dos seus golpes de sabre sobre a região lombar dos seus futuros subditos, em 1848, é extremamente inferior ao dos seus golpes de canivete no contracto conjugal, durante o seu tempo de effectivo serviço nas campanhas de Cythera. Tem a honra de proceder de uma das muitas annexões de provincias estrangeiras aos dominios sentimentaes do imperio teutonico, um dos actuaes chefes do partido socialista no parlamento de Berlim. Estas circumstancias, reunidas a uma certa incompatibilidade entre a indole amoravel e compadecida da imperatriz e o temperamento duro e bellicoso do imperador, determinaram entre os dois conjugues uma separação mal disfarçada, quasi absoluta, pouco azada para a integridade da alegria social e da felicidade domestica da illustre dama recentemente fallecida.

O ex-soberano brasileiro com o seu chapéo tubo; o seu paletot sacco, o seu guarda-sol debaixo do braço, percorrendo pelo destêrro os museus e as escolas, n'uma inoffensiva avidez vesanica de pedagogogo e de antiquario, faz-me o effeito de um ser incomparavelmente mais humano, mais benigno, mais amavel e mais venerando do que esse outro

imperador victorioso e ovante, matando gente por officio na velha Europa culta, como os magarefes da America matam porcos em Chicago, e sustentado n'um throno que, pelo numero de vidas que custou, representa tres ou quatro cemiterios sobrepostos uns nos outros e estrategicamente defendidos por um fôso de lagrimas.

Se aos luctos reaes a que me refiro, accrescentarmos o da côrte de Austria, o da côrte da Italia, o da côrte de Hispanha, se meditarmos na sorte da viuva do archiduque Rodolpho, na da rainha Nathalia, na da rainha de Italia, separada do seu filho primogenito, que vae agora procurar no clima do Oriente a reconstituição de um temperamento rachitico e enfezado, na da rainha de Hispanha velando á cabeceira do pequeno rei a quem o legado pathologico de um pae que se divertiu de mais não permittirá talvez divertir-se sufficientemente n'este mundo, concluiremos que é pouco invejavel n'este momento a sorte d'aquellas a quem coube o privilegio de terem a antiga joia de um sceptro no seu enxoval de noivas.

A imperatriz Augusta levou á corôa da Allemanha as suas perolas, que se diz serem as mais bellas do mundo, depois das do duque de Cumberland, disputadas pela rainha de Inglaterra n'um



litigio que durou mais de vinte annos. Esta compensação é talvez insufficiente.

A princeza Lætitia, recém-viuva do duque de Aosta, consta que inaugurara na primeira semana de lucto um novo penteado, que se denomina *á desolada*. Este genero consta de duas longas tranças, que descem da raiz á extremidade dos cabellos, e nas quaes a gentil princeza se envolve, encruzando-as no peito e atando-as á cintura. As jovens damas da cõrte de Italia, com cabellos bastante longos para essa especie de saudade, seguiram a moda iniciada pela engenhosa viuva. E assim — espantosa missão derradeira! — ao desprender-se da terra, na sua parabola para o infinito, veiu a alma d'esse cavalheiroso principe a allumiar novos horisontes na arte de pentear senhoras.

Uma lacuna que jámais se preencherá é a que deixa no coração de muitos contemporaneos e na historia da nossa litteratura a tragica morte de Julio Cesar Machado.

Este risonho e affavel escriptor não pertencia propriamente á pleidade d'essas celebridades officialmente consagradas, que atravessam a existencia immarcessivelmente coroadas de louro até o ponto de deverem acabar por ter a caspa verde. Nem as academias nem os governos deram nunca uma im-

portancia assignalada á influencia do seu talento. Elle tinha porém a estima absoluta de todos os que o conheciam, sem distincção de escola, sem distincção de seita e sem distincção de partido, pela delicada reserva que punha em jámais intervir na controversia philosophica, politica ou litteraria do seu tempo, pela sua inaccessivel impassibilidade esthetica, pela innocuidade de toda a sua producção intellectual, pela jovial frescura do seu espirito, pela graça tão característica do seu engenho, pela peculiar bonhomia, pela pachorrenta mansidão do seu temperamento artistico, da sua indole de litterato e de escriptor, rebelde a toda a especie de lucta, refractario a toda a impulsão de polemica.

O seu mimoso pincel, feminilmente delicado e meigo, nunca foi solicitado pela composição das grandes telas de motim, de conflagração e de batalha. Era propriamente, na litteratura do seu tempo, um pintor de flores, uma miniaturista de leques, um pastelista de *boudoir*. Os seus assumptos de predilecção, como nos quadrosinhos de Van Ostade, de Teniers, de Metsu ou de Steen, eram as alegres merendas, as dansas rusticas, os theatrinhos de feira, os contos á lareira, as anedotas de estalagem, as jornadas em dilligencia, as excursões fluviaes em barco á vela; — ou, como na obra de La Tour, de Greuse e de Fragonard, o retratinho em esboceto,

esfumado em louro e côr de rosa, n'uma cercadura de flôres sôltas ou de meninos alados.

No derradeiro artigo firmado com o seu nome e publicado na *Moda Illustrada*, conta Julio Machado como perdeu em certo dia um ramo de giestas trazidas da Durruivos, que elle prendera em Lisboa ao tinteiro de trabalho, nos primeiros annos da mocidade, e que considerava o seu talisman de escriptor. Ha, com effeito, em toda a producção litteraria de Julio Machado o que quer que seja da dôce nostalgia dos campos symbolisada por essa flôr silvestre emmurchecida no escriptorio de um lisboeta. Em muitas das suas paginas, tão trabalhadamente portuguezas, se sente um penetrante perfume de prados atravessados, uma fragrancia de trêvo e de madresilva, um cantar d'agua de rega por entre os sequiosos talhões das alfaces, do cebote e da pimpinela, um palpitante alvejar de borboletas ao longo dos estreitos arruamentos de rosmaninho e de alfazema em flôr.

Dôce alma bucolica e namorada, de poeta e de artista, quem a diria predestinada para uma catastrophe tão horrorosa como aquella em que afinal sossobrou!

A viuva do desventurado escriptor, sobrevivente á tentativa do duplo suicidio, em que elle findou, disse a um dos seus amigos que, pouco antes de

expirar, sentindo fugir-lhe o sangue em borbotões pelas arterias que cortara com uma navalha de barba, elle proferira esta derradeira phrase: — *Que bom é morrer!* E todavia — cousa horrivel de pensar — para nenhum litterato portuguez foi a vida mais suave, mais cariciosa e mais sorridente! Será então certo, como dizia o dr. Chalmers, que o céu não é um logar, mas sim uma indole?... Ou deveremos antes repetir com Pascal, que o coração tem razões que a razão não conhece?

Outro sorriso extincto para a arte é o que a morte apagou nos labios ironicos e sensuaes de Francisco Palha.

A faculdade de rir tende a desaparecer da nossa raça. Somos decididamente, como dizia o defuncto romantico Feuillet, a geração dos *porcos tristes*. Á força de foçarmos na lama da vida, á procura das tubaras do bem e do mal, não demos com as tubaras, e estragámos a pocilga herdada de nossos maiores. O nosso pessimismo não tem a vivida ironia de Rivarol e de Chamfort nem a espi-rituosa causticidade que por nosso mal nos faz lêr e assimilar o insidioso Schopenhauer. Limitamos pela *relatividade do conhecimento* toda a tendencia ideal que tinhamos para nos refugiar no infinito. Cortamos as nossas relações com o Eterno e com

o desconhecido. No vasto latifundio da materia, a que circumscrevemos a nossa curiosidade, esquadrihamos todas as fatalidades da nossa rude e sincera existencia, os atavismos da bestialidade na evolução da especie, as hereditariedades pathologicas do temperamento e do systema nervoso na raça e na familia; puzemos ao leu todas as vergonhas e todos os descaros, todas as villezas e todas as sujjidades de que era capaz ou incapaz o nosso ser, e não achamos graça nenhuma ao espectáculo que evocamos. Estamos-nos mostrando ainda mais tristes do que porcos. Depois de termos arrasado tudo, na philosophia, na religião, na politica, na moral, sentimos que ha um desabrigo geral.

Chove-nos no coração.

Francisco Palha, como os da sua indole, era já para nós um antepassado do seculo de Nicolau Tolentino, de Diniz ou de Francisco Manuel do Nascimento. Qual dos modernos teria hoje pachorra para rir durante duas ou tres horas consecutivas a escrever a *Fabia* ou a *Morte de Catimbau*? O desgosto do tempo presente, a incerteza do dia de amanhã, a descrença de tudo ou de quasi tudo quanto, ha apenas trinta annos, nos parecia mais duradouro e mais definitivo perante a razão e perante o sentimento, deram-nos com a nevrose do seculo a misanthropia geral.

E todavia é ainda com um vago e dolorido sentimento de orphandade espiritual que a gente vê desaparecer das lettras os ultimos restos da velha alegria portugueza. Ella era a mãe da bondade nacional.

Janeiro 1890.

### XXXIII

Na cidadella de Cascaes acaba de fallecer, ao cabo da mais cruciante enfermidade, o rei D. Luiz.

A sua agonia foi lenta e pavorosa. Paralyzado das pernas e dos vasos inferiores, invadiu-o a pouco e pouco a putrida devastação da gangrena. De uma só vez, os cirurgiões lhe cortaram das pernas dois kilogrammas de carne. Foi-lhe amputado um calcanhar. Alastrava-se-lhe no dorso uma grande ulcera. Tinha descarnado e a descoberto o osso sacro. Despegavam-se-lhe e cahiam-lhe as unhas. Finalmente, a gangrena tomou-lhe a face, decompoz-lhe o rosto. E o enfermo continuou a viver ainda longas e tragicas horas — horrorosa victoria da sciencia medica no aperfeiçoamento da dôr, na prolongação da

miseria humana, na subtilisação e no refinamento das agonias privilegiadas!

A cidadella está edificada á beira da agua. Do quarto em que padeceu e em que expirou o soberano, a janella dá em cheio no mar. Emquanto os seus olhos tiveram vista, o enfermo, espesinhado pela dôr, na humilhação suprema da lenta decomposição em vida, veria as aguas da bahia, azues, luminosas e calmas, onde fluctuava alegre, embandeirada, a corveta *Bartholomeu Dias*, entre velas douradas de faluas, espichas e latinos, demandando a barra na salgada arfagem da briza matinal. Fôra esse o vaso de guerra do seu commando. Fôra a bordo d'essa airoza embarcação que elle navegára em môço os mares da Europa. Fôra n'ella que pela ultima vez o joven official da armada entrou no Tejo para receber do duque de Loulé, juntamente com o tratamento de majestade, a noticia de haver morrido aquelle de quem elle herdava um throno.

Adeus, lindo navio, que pela tua intervenção no seu destino, tinhas para elle uma lenda, como a náu *Cathrineta: Ora da náu Cathrineta— Que tem muito que contar!...* Adeus, lindo navio!

Adeus, alegre movimento do tombadilho á hora de levantar ferro!

Adeus, beneficadas, vivificantes, saudosas horas de vigia, passeadas ao longo da ponte, sob a escuri-

dão estrellada da noite, ouvindo latejar o helice, gemer a enxarcia, e escachoar a vaga que marulha pulverisada pela prôa em phosphorescentes torvelinhos!

Adeus, emoções profundas, rejuvenescentes e inolvidáveis... da chegada feliz aos portos ridentes, onde os navios se balouçam ao sol, ouvindo em terra cantar os gallos, tocar ao longe uma corneta, ou repicar um sino... e da partida enternecida aos hurrahs da marinhagem nas vergas, na saudação das bandeiras, no fumo das salvas, deixando ás vezes alvejar mysteriosamente, entre a multidão dos caes ou por detraz de uma gelosia entreaberta, a querida palpitação de um lenço que nos fala!

Adeus, velhos matalotes e pequenos grumetes! qualquer que seja o destino que nos reserve a inclemencia das ondas, quer acabeis nas aguas do mar, quer, arrojados á costa, tenhaes de morrer á fome e á sêde sobre os areaes desertos, como na tragica peregrinação de Sepulveda depois do naufragio do galeão grande S. João, nunca o vosso fim será tão impiedoso e tão cruel como o do companheiro moribundo que, tendo-vos deixado para subir a um throno, triumphante como Salomão, dirige para vós o seu derradeiro olhar saudoso, vencido como Job, e podendo como elle dizer-vos:—A



*minha calamidade é mais pesada que toda a areia do mar.*

Na pessoa inviolavel de um rei, uma agonia tão dilacerante e tão longa dá á morte implacavel o aspecto mais temeroso e mais tragico.

Durante os ultimos dias do rei D. Luiz um geral estremecimento de horror vibrou de um extremo ao outro do paiz, e uma dôce onda de commiseração e de *sympathia* humedeceu todas as almas.

Acreditavam os antigos, por o terem lido na Biblia, que vinham das tribulações supremas da vida aquelles que na eternidade compareciam vestidos de roupagens brancas.

Presentemente em nada se acredita com relação á eternidade, porque a fé acabou. Todavia, por um singular phenomeno regressivo, muitas cousas extintas na convicção reapparecem levemente modificadas no sentimento. Ninguem *affirma* que a *tribulatio magna*, de que fala o Apocalypse, e que assignalou no rei finado o ultimo periodo da sua vida, lhe dêsse a estola alva dos eleitos da bemaventurança, mas toda a gente *sente* que essa tribulação a pouco e pouco o desvestiu da purpura real que o distinguia dos demais homens, para o respeito de uns e para a hostilidade de outros, e que foi todo de branco vestido, como os antigos predestinados do Eterno, tendo na mão um lirio de ternura, em vez de um

sceptro de governo ou de uma espada de combate, que esse principe expirou aos olhos das imaginações, no sentimento do povo.

Estas licções culminantes e tremendas sobre o nada das grandezas e das vaidades humanas produziam outr'ora as profundas crises psychologicas de que sahiam os martyres, os cenobitas e os santos, orientando o ideal humano na direcção nostalgica do Deserto de João, da Thebaida de Paulo, do Carmelo de Elias.

Perante o esquife aberto e o cadaver em decomposição da rainha de Hispanha, o duque da Gandia proferiu a phrase monumental, em que parece crystalizado todo o velho mysticismo castelhano:— *Nunca mais servirei senão rainha que me não possa morrer!* E rojando-se de confissão aos pés de Ignacio de Loyola, o altivo cavalleiro, galã, romanesco, enamorado, converte-se n'aquelle que ao depois herdou de Santo Ignacio a direcção suprema da Companhia de Jesus, e se chamou S. Francisco de Borga.

No momento presente, quando o seculo XIX, chegado ao periodo senil do seu termo, padece a apathica e sombria enfermidade de todas as incertezas moraes, as mais inesperadas, as mais suggestivas, as mais profundas catastrophes não produzem nas consciencias entorpecidas pela vaga percepção de

um irremediavel nihilismo outro resultado que não seja o de augmentar essa já bem pesada e bem lugubre fadiga de viver, que a alma moderna tão penosamente vae arrastando por esse mundo antigo.

Por isso tambem, na eloquencia humana, a mais prematura, a mais commovedora morte dos reis que mais prestigio exerceram, cessou de ter a elegiaca e penetrante resonancia cujo derradeiro écho ficou reduzido a escripta, como preciosidade de relicario, nas paginas eternas de Bossuet e de Massillon.

O fundador da dynastia brigantina, o tronco da familia do rei que hontem se finou, teve ainda, como um clarão do Sinai projectado no portico da posteridade, a voz de um Vieira para o comparar a David. Deus o escolhera para seu servo d'entre os filhos de Isay e de sua mão o ungiu com os santos oleos no braço, na fronte e no labio, encomendando-lhe a restauração de Portugal, assim como á geração dos Machabeus incumbira a missão divina de libertar do jugo de Antiocho o reino de Judá. E pela confrontação, verbo a verbo, do texto dos Psalmos e dos actos do morto, o engenhoso e subtil artista põe de pé o cadaver humano, resuscita-o para a gloria celestial ao bafo amoroso da arte, e, collocando-o ao lado dos que venceram os philisteus e os moabitas, dos que dominaram o Euphrates, dos que avassallaram a Iduméa e a Syria, fal-

entrar na posteridade pela porta da Biblia, conduzido por Abrahão, aureolado de um resplendor de luz eterna, calçado em borzeguins estrellados de ouro, coberto pelo manto dos patriarchas e empunhando alto o gladio victorioso e sagrado de guerra e de justiça.

Aos antigos panegyristas succederam os reporters contemporaneos. Para os Cesares que morrem, a sacração da eloquencia foi substituida pela profanação da analyse *Gaudere oportet quia frater mortuus est et non revivit.*

Ante-hontem, na egreja de S. Vicente, ao terminar o officio divino, o sr. Patriarcha, voltando-se para os fieis que rodeavam o esquife do rei, usou da palavra e disse, que nada lhe parecia mais util do que pedir um Padre Nosso para que rei tão amado pensasse o menos tempo possivel no fogo do purgatorio. Eis ao que está reduzida a oratoria ecclesiastica!

Os jornalistas fizeram mais desenvolvidamente o seu officio, com o que não sei se em rigor a alma do soberano ganharia muito mais do que com o Padre Nosso requisitado pelo sr. Patriarcha.

Pela eminencia da sua jerarchia, um rei está, mais do que qualquer outro homem, na evidencia do publico. Dir-se-hia que a elevação, adelgacando correlativamente a personalidade, a torna transpa-

rente. O rei D. Luiz era conhecido de todos os seus subditos nas linhas mais secretas do seu caracter e do seu espirito, assim como nos actos mais intimos da sua vida pública e particular. E, não obstante, quanta diversidade de juizos, quantas contradicções historicas e criticas na massa enorme de artigos, que a imprensa, durante os ultimos dias, não tem cessado de publicar sobre a memoria do fallecido rei!

Um dos primeiros jornaes do partido republicano, referindo se com gravidade e respeito aos traços essenciaes da physionomia do morto, diz que D. Luiz era, como todos os Braganças, um homem ávido de prazer, um sensual, um dissipador.

Folhas monarchicas amplificam e encarecem os dotes e as virtudes do morto com um descommedimento que se me afigura contraproducente e perigoso, porque sempre que a uma estatura se applica uma bitola superior á que ella preencheria, o vulto medido parece diminuir pelo contraste, e faz á vista o effeito de ser mais pequeno do que realmente é.

Affirma-se que o defuncto rei era um *escriptor primoroso, um estadista profundo, grande conhecedor dos homens, habil politico, saza reformador*. E todas as vozes que o elogiam, são concordes em

explicar os erros do seu reinado pelo melindre da timidez, unico defeito do seu grande espirito.

Por qualquer lado que considere este assumpto, quer no ponto de vista do sentimento, quer no ponto de vista da razão, eu não encontro vantagem alguma em esconder ou em disfarçar a verdade biographica perante a morte de um homem, que pela sua categoria social e pela sua influencia nos destinos de uma civilisação pertence á historia geral de um povo, e é um dos elementos constitutivos da sua maneira de ser.

Toda a personalidade humana é um resultado de leis biologicas e de influencias sociaes, que, incidindo sobre um individuo, determinam a sua configuração physica e moral com o mesmo rigor com que um sinete de aço produz n'uma pouca de cera molle uma projecção correspondente á concavidade que a moldou.

A maior prova de respeito que podemos prestar á memoria dos nossos semelhantes, consiste em procurar benignamente e humildemente deslindar os agentes diversos que concorreram na formação do seu character, para que, conhecendo-o inteiramente em cada uma das diversas phases do seu desenvolvimento, apprendamos assim a amar o individuo, como devemos amar a especie de que so-

mos solidarios, no que ella tem de sublime e no que tem de miseravel, pagando-lhe como irmãos o tributo da nossa absoluta e incondicional sympathia, em gratidão quando tivermos de agradecer, em clemencia quando tivermos de perdoar.

Com relação ao rei D. Luiz, não é uma biographia, nem mesmo resumida aos traços mais essenciaes, que eu hoje me proponho escrever. O meu fim, é apenas indicar em breves termos alguns dos pontos em que a minha impressão pessoal diverge da de alguns jornalistas, ácerca do espirito e do character de um homem do meu tempo, o qual fugitivos accidentes de sociabilidade litteraria algumas vezes me permittiram entrever e tratar.

O finado rei não era, a meu vêr, nem um sensual, nem um dissipador, nem um fino conhecedor dos homens, nem um escriptor distincto, nem um homem timido.

A verdadeira timidez não se manifesta nos conflictos excepçionaes que determinam os actos culminantes da existencia. N'essas crises decisórias, que põem em jogo o dever e provocam as altas affirmações do character, os homens mais timidos são muitas vezes os mais resolutos, os mais corajosos e os mais bravos. O cirurgião Depuytren contava o caso de um d'esses timidos — humilde padre, debil, encolhido, trémulo, — que supportou, deschloroformi-

sado, a ablação da maxilla, despedaçada ao escopro, sem um grito, sem um gemido, sem um unico gesto de dôr.

É na rotina ordinaria da vida, na convivencia quotidiana, na evolução regular da banalidade social, que a timidez se revela como disposição habitual do espirito. Na introducção ao livro em que foram colligidos os principaes discursos do principe Alberto, marido da rainha de Inglaterra, o seu biographo, referindo-se á timidez peculiar d'esse principe, diz que ella provinha de uma indole particularmente delicada, constantemente duvidosa de agradecer, e de todo destituida d'essa vaidosa confiança que tanto contribue para formar os caracteres de apparencia mais sympathica. É assim na maioria dos casos. A timidez é de sua natureza recolhida e concentrada perante os contactos ordinarios da existencia.

Ora, o rei D. Luiz era pelo contrario um demonstrativo, era — se assim posso exprimir-me — um *exteriorista*. Gostava de falar e não lhe desprazia estar em evidencia. Nas cerimoniaes publicas em que tinha de ler discursos, fazia-o sem o minino vislumbre de acanhamento, *tenorisando*, para assim dizer, a leitura, fazendo vibrar ampla e sonoramente cada phrase. Nas sessões da Academia, a que se comprazia de presidir, falava sobre todas as ques-



tões, ao acaso da improvisação, entre os homens mais eminentes do seu paiz, com o desassombro mais completo, com a agilidade mais prompta, com a decisão mais arrojada.

Na sua idiosyncrasia, tão accentuadamente germanica, a unica feição de latino e de meridional era precisamente essa ausencia de timidez na propensão a manifestar-se, no gôsto oratorio de produzir-se em palavras sonoras, revelando-o *os rotundum* de que falavam os rhetoricos antigos.

Balzac, que tanta diligencia e tanto engenho poz em determinar nas maneiras de ser a *nuance* mais precisa, e nos modos de dizer a expressão mais exacta, distinguia duas especies de timidez, uma physica e outra moral, — a timidez do espirito. Se tivessemos de acceitar por fôrça que o rei D. Luiz fôsse um timido, a sua especie de timidez seria do espirito, á qual em rigor convém antes chamar, ou frouxidão, ou molleza.

Era verdadeiramente, segundo penso, um apathico, isto é, o mais propicio dos temperamentos de rei para inconscientemente, irresponsavelmente, *constitucionalmente*, como se diria na Carta, deixar lavrar nos costumes politicos e sociaes o principio do *laissez faire, laissez aller*. Este systema, communicando-se, de categoria em categoria e de classe em classe, a toda a ordem social, produziu, sob as

mansas e ridentes apparencias de um pacifico reinado de vinte e oito annos, um consideravel fundo de desmancho, de dissolução, de esphacelamento moral.

Os chamados melhoramentos materiaes tiveram um largo desenvolvimento no decurso d'este reinado. A rêde dos caminhos de ferro foi accrescentada com dez novas linhas ou ramaes. Empreheenderam-se as duas grandes obras, a do porto de Leixões e a do porto de Lisboa, Construiram-se as bellas pontes monumentaes denominadas de Maria Pia e de Luiz I. Fez-se o edificio da Penitenciaria central.

Além d'isso instituiu-se a Casa de Correccão, a Caixa Geral dos Depositos, a Guarda Fiscal, os corpos de policia civil, os museus industriaes de Lisboa e Porto, o museu Colonial, o museu de Bellas-Artes e o registo civil. Refez-se o Codigo Commercial, o Codigo Civil, o Codigo de Processo, o Codigo Administrativo e o Codigo Penal. Aboliu-se a pena de morte, realisaram-se várias reformas de quasi todos os serviços publicos, nas secretarias do Estado, no exercito, na marinha, no Tribunal de Contas, nos tribunaes militares, nas alfandegas, nos correios, nos telegraphos e na instrucção publica.

Este inventario offerece um agradavel aspecto de actividade empregada, de civilisação em movimento, de progresso conquistado. Entrando, porém, na psychologia d'estes acontecimentos e na historia da

sua embryogenia, será forçoso reconhecer que nem sempre a evolução dos sentimentos e das convicções jogam harmonicamente com a evolução dos factos. Muitas cousas se fizeram com intuitos diversos dos fins que ostensivamente ellas se propunham attingir, através de longas e sinuosas series de accôrdos, de mancommunações, de concessões reciprocas, em vista de interesses individuaes, dando em resultado essa colligação de egoismos, e — em virtude d'aquillo que cada um diminue successivamente em si para se conformar com os outros — um rebaixamento progressivo e geral das personalidades e dos caracteres.

A capital alargou-se e aformoseou-se consideravelmente por meio das novas e grandes vias de circulação do Aterro e da Avenida da Liberdade. Augmentou a população de Lisboa, augmentou o numero dos theatros, o numero dos predios, o numero das carruagens; mas diminuiu o numero dos homens capitaes, dos homens representativos, como se diz em Inglaterra.

Ha mais quem tenha creados, carruagens, cavallos, camarote na Opera; mas ha muito menos do que havia outr'ora quem tenha auctoridade intellectual e moral, quem tenha respèitabilidade consagrada, quem tenha o prestigio que exerce no publico a coherencia integral de um character, a nunca

desmentida altivez de um espirito, o puro resplendor de uma consciencia immaculada.

O periodo historico que acabamos de atravessar, foi, na economia e na finança, particularmente caracterisado pela appareção dos *syndicatos*. A esta palavra está originariamente vinculado um sentido pejorativo, que injustamente talvez lhe deturpa a significação. O *syndicato* não é no fundo senão uma nova forma de agrupamento para os capitaes, correspondendo a uma nova e legitima evolução da actividade mercantil. Mas torrando-se febrilmente invasivo na caça geral ao milhão, o *syndicato*, ao mesmo tempo que prestava aos ethnologistas mais um poderoso argumento em favor do predominio do sangue semita na constituição biologica da nossa raça, dava repentinamente ao dinheiro uma importancia que elle até ahí não tinha, quer sob o criterio politico, quer sob o criterio domestico, tanto na esphera governativa como na esphera social.

Por effeito d'esta subita revolução nos methodos de ganhar muito e depressa ao abrigo do codigo penal uma multidão de individuos, sahidos de uma obscuridade sem historia, appareceram na evidencia espectacular da abundancia, formaram uma nova e poderosa jerarchia social, e invadiram a orbita da governação.

Até que ponto conhecia o chefe do Estado os

representantes d'esse inesperado poder complementar, accrescentado por contiguidade aos antigos poderes constituídos?

Esses homens, assim como todos aquelles que o rodeavam, o rei D. Luiz não os conhecia senão do modo mais superficial.

Em uma sociedade decadente como a nossa, onde tão baixo é o valor pessoal, é preciso distinguir e classificar os homens, para não ser injusto com elles, por uma serie de caracteres subalternos, alguns extremamente subtis, dos quaes temos de induzir o que podemos chamar as *circumstancias attenuantes da falta de merito*.

Nos homens, assim como nos thermometros, ha abaixo de zero uma escala. Para determinar esta graduação moral e dar a cada um o que relativamente se lhe deve n'uma dosagem equitativa de estima ou de desprêzo, requer-se um conhecimento geral do mundo, uma profundidade de observação e uma perspicacia de analyse, que estava longe de possuir o sr. D. Luiz. Como os myopes que olham ao longe, elle só via nos homens a massa geral, indecisa e confusa de cada grupo. Entre as *silhouettes* que mais vezes perpassaram no raio da sua visão, eram-lhe particularmente sympathicas as dos homens de lettras; distinguia amavelmente este grupo de trabalhadores dos grupos circumstantes

na actividade social, mas não discriminava nitidamente uns dos outros os individuos de que a classe se compunha, nem pela altura, nem pelo relêvo, nem pela expressão de cada figura. Outro tanto lhe succedia com os politicos e com os homens de Estado. Nunca se soube quaes eram as suas preferencias no governo, na litteratura ou na arte. A razão é que não as tinha.

O seu discernimento dos homens, todo periphérico, não chegava ao gráu de profundidade em que é forçoso amar uns e abhorrecer outros. Disse-se, e com exactidão, que o rei não teve um só inimigo; é preciso porém accrescentar, para perfazer esse traço da sua physionomia, que tão pouco teve um unico amigo.

Os jornaes politicos, tão descommedidos nas suas diatribes quando se acham por muito tempo na opposição, chamaram-lhe *capa de ladrões*, e esta denominação tornou-se celebre. É absolutamente calumniosa. D. Luiz, se nunca escudou homens superiores, nunca tambem acobertou tratantes. A sua natureza era, de resto fundamentalmente honesta.

As heliogabalicas dissipações de temperamento e de fortuna, de que por tantas vezes o arguiram, com persuasão talvez, os jornaes republicanos, nunca existiram fora da imaginação ingenua de alguns demagogos de provincia.

O rei não era caracteristicamente libertino, nem sensual, nem esbanjador.

As suas carruagens, os seus cavallos, as suas collecções d'arte, estavam abaixo das de qualquer grande burguez rico em Inglaterra ou em França.

A cozinha da sua casa deixava immenso a desejar — principalmente a quem lá comia — no ponto de vista da variedade e da delicadeza culinaria. Qualquer de nós, em Paris, por 8 francos, janta muito mais lautamente no Magny, do que de ordinario jantava com a sua familia esse monarcha.

A vida de côrte, durante o periodo do seu reinado, longe de offuscar pela magnificencia, chegava a confranger pela fria petrificação da monotonia palaciana, pelo austero e triste biôco de um cerimonial caduco, sem mundanismo, sem bailes, sem banquetes, sem festas de especie alguma, além das previstas no calendario para os dias officiaes de grande gala.

Por effeito d'essa lacuna, a côrte deixou de ser no tempo do sr. D. Luiz o centro de sociedade, que as côrtes têm talvez obrigação de ser, contribuindo assim para ennobrecer a vida civilisada e para elevar os costumes, estabelecendo pelo trato palaciano o mais elevado typo da cortezia, da polidez, da elegancia e do pundonor.

Na formação e no desenvolvimento dos caracte-

res, cujo conjunto constitue a physionomia moral de uma sociedade, ha leves modificações extremamente subtís, que affectam a personalidade, deprimindo-a ou elevando-a no sentido do dever, em proporções que escapam á ponderação de todos os tribunaes, não podendo ser regidas fora do dominio da consciencia senão pelo gráu de apreço a que essas modificações nos fazem subir ou descer na estima dos nossos semelhantes. Nas sociedades republicanas, o que ha mais difficil de estabelecer é essa categorisação dos individuos por ordem dos merecimentos utilitariamente improductivos, essenciaes todavia para a nobilitação da especie, e provenientes do aperfeiçoamento physico e moral, que, nas civilisações mais desenvolvidas e mais completas, dá esse tão complexo e tão delicado producto a que se chama — *o homem bem educado*.

De Tilly conta que uma dama da cõrte de Versailles tinha a arte de complimentar todo um circulo de dez homens dentro do breve espaço de uma unica medida, dando a cada um pela inclinação da cabeça, pela intenção do olhar, pela expressão do sorriso, precisamente aquillo que lhe era devido em sympathia, em consideração, em respeito ou em ironia. As democracias padecem, em geral, a inaptidão opposta ao talento d'esta senhora: nem sabem fazer a medida collectiva, nem discriminar as *nuan-*



ces individuaes. E d'essa rudeza de trato nasce a mais grosseira confusão de sentimentos. Fica-se reduzido á simples equação dos factos. E assim materializado, o problema social reduz-se a uma simples regra de perdas e ganhos.

A funcção da vida de cõrte consiste em levantar, contra a invasão dos *parvenus*, na direcção plutocratica dos sentimentos e das idéas, essa barreira que tão trabalhosamente e tão baldadamente muitas vezes, procuram construir os regimens democraticos. Em toda a Europa — como diz Taine — fõram as monarchias que produziram as cõrtes, e fõram as cõrtes que produziram a polidez social. As monarchias que se esquecem de continuar essa tradição despojam-se a si mesmas da primeira das utilidades que poderiam ter na civilisação contemporanea.

O rei D. Luiz, se por um lado incorreu n'esse erro — precisamente opposto ao da exaggerada ostentação que lhe attribuem — por outro lado tambem não contribuiu nunca pela sua influencia pessoal para que os criticos do seu tempo entendessem, como Paulo Luiz Courier a respeito da moralidade do *ancien regime*, ser inteiramente casuistica a distincção feita pelos cortezãos entre a palavra *galantaria* e a palavra *prostituição*. A pura verdade é que se os reis galanteadores e os homens à *bonnes fortunes*, D. Juan, Bassompierre, o duque de

Richelieu, ou Lauzun de Biron, não tivessem outros continuadores além d'este soberano, a arte de inflamar a imaginação das mulheres honestas teria a estas horas desaparecido da superficie da terra perante a indiferença dos seus habitantes por essa funesta prenda de salão.

Grassa em Portugal o extranho preconceito de que a faculdade de escrever em prosa ou em verso é a manifestação suprema, senão unica, da elevação intellectual. Esta abusão tem tido effeitos funestos. Para o fim de dar as suas provas na imprensa distraem-se das altas especulações intellectuaes e das experimentações scientificas numerosos espiritos, que a productividade litteraria rapidamente consome, e esterilisa para fim mais util que o de ennegrecer papel com phrases de segunda mão, repisando o bagaço commum de velhas idéas completamente expremidas e exhaustas de todo o succo.

O sr. D. Luiz quiz, como quasi todos os cidadãos portuguezes, pagar o seu tributo a essa superstição nacional, e encetou a publicação das suas versões de Shakspeare. A critica foi unanime em consideral-o por esse factio como *um dos nossos mais distinctos escriptores*. Ora, á semelhança do que succede em muitos casos analogos, o rei D. Luiz não sómente não era um escriptor, mas era um espirito refractario á arte de escrever.

Muito mais instruido, não só do que a maior parte dos seus ministros, mas do que a maior parte d'aquelles de quem se quiz fazer confrade, falando correntemente cinco ou seis linguas, dotado de uma memoria rara, possuindo uma bibliotheca excellente e folheando-a com regularidade e com interesse, conhecendo todas as obras primas da litteratura nacional e das litteraturas estrangeiras, tendo noticia de todas as modernas theorias scientificas e luzes dos principios fundamentaes em que ellas se baseiam, desenhando e fazendo musica com elegante curiosidade, atirando admiravelmente á pistola e á clavina, sabendo dirigir um navio e governar um cavallo, bom conversador, bom parceiro de whist ou de xadrez e bom valsista, este principe, tão largamente e tão distinctamente bem educado, uma só cousa talvez desconhecia completamente. E vinha a ser: o systema esthetico de escolher um nome, de o jungir a um adjectivo e de o concordar a um verbo regendo um attributo com a intervenção circumstantial de um complemento de modo, de tempo ou de logar. Entre os numerosos e complexos dons nativos do seu espirito figurava a mais resistente e a mais garantida impercepção da harmonia ou da inconsonancia na expressão artistica sob a forma litteraria.

Ha muitos espiritos superiores a quem succede

outro tanto. Na sua grande maioria, não sabem escrever os mathematicos, os naturalistas, os medicos, os homens de Estado. O grande renovador da philosophia nos tempos modernos, o immortal Augusto Comte, escrevia mal. Napoleão nunca teve pretenções a escriptor. O marquez de Pombal, Colbert, Bismarck, Lincoln, nunca escreveram. O sr. Edison e o sr. Pasteur tambem não escrevem. Em Portugal haveria para a arte a mais alta conveniencia em animar as abstenções d'esta ordem. A sociedade portugueza tem falta de pessoas illitteratas. Para que uma litteratura seja devidamente estimada, é preciso que no publico haja uma grande porção de individuos instruidos e bem educados, que se não occupem de escrever, e que julguem os que têm esse officio. Em Lisboa, se continúa por mais algum tempo a augmentar com a progressão dos ultimos annos o numero das pessoas competentes para escrever, acabaremos por não ter ninguem com o desinteresse e com o diletantismo preciso para ler com competencia o que escrevem os outros.

A illusão de pensar que é unicamente pela escripta que um homem affirma a proeminencia das suas faculdades, é perigosa e convém demolil-a. O talento de escrever é o resultado de uma aptidão puramente artistica, de uma particular vibratilidade no modo de sentir interiormente a vida, de vêr o

mundo exterior e de dar á palavra como a um instrumento sonoro, a uma pedra esculpida ou a uma tela pintada, a expressão mais viva, mais palpitante, mais aguda e mais commovente da emoção recebida. O escriptor, unicamente pelo facto de escrever, não é um homem nem superior nem inferior aos demais. Não é pela phrase bem feita, mas sim — como qualquer outro cidadão — pela elevação das idéas, pela rectidão do juizo, pela integridade do character, que elle tem de ser classificado na jerarchia intellectual e moral do seu tempo. Pelo facto accessorio de saber escrever, elle tem apenas direito a ser contado entre os demais artistas, como os pintores, os esculptores e os musicos.

No seu trato pessoal, o rei D. Luiz era o homem de melhor companhia, mais affavel, o mais polido, o mais modesto, o mais bem creado.

Como presidente effectivo da Academia Real das Sciencias, tratando confraternalmente com os homens dos mais diversos principios philosophicos e das mais oppostas opiniões politicas, elle dispensava a todos a mais larga familiaridade de conversação, sem jámais ter, nem levemente, melindrado susceptibilidade alguma. Dada a indole tão frágilmente sensitiva e tão especialmente melindrosa da maioria dos homens de letras, é este — me parece — o maior elogio que se pode fazer ao fino tacto

de sociabilidade no *gentleman* a que me estou referindo.

Commigo (se se me pode perdoar o falar de mim) o sr. D. Luiz — não sei porque, talvez por não considerar sufficientemente garantida a orthodoxia dos meus principios estheticos — esquivava-se evidentemente a falar em cousas de litteratura. Na ultima vez em que tive o prazer de ser recebido por elle nos seus aposentos particulares, conversámos menos um com o outro do que com um pica peixe, que sua majestade tinha em uma gaiola em frente da janella do seu quarto. Mas que dôce bonhomia, que especiosa e requintada cordialidade n'esse dialogo entre o monarcha, o seu passaro predilecto e o mais obscuro dos seus subditos!

— Você vae vêr como elle fala!

E, de espada á cinta, vestido de grande uniforme de generalissimo, porque tinha de ir d'alli para não sei que cerimonia official, o rei, levando-me pelo braço, procurava fazer falar a ave amuada, enviando-lhe carinhosamente beijos e mettendo, com um gesto acariciador, por entre os arames da gaiola, o seu grosso dedo, carnudo, de bom homem.

O passaro começou reagindo a toda a especie de communicabilidade, eriçando-se nas pennas, piscando os olhos e ladeando aos pulinhos para o ex-

tremo opposto do poleiro, com os mais reiterados gestos de desdem e de enfado.

O rei havia-me já dicto, com desalento e quasi ao ouvido, como se não se quizesse malquistar com a avel

— Quer-me parecer que logo hoje, por zanga, não ha de elle estar para o cavaco!

Mas, tentando mais um esforço, disse para o pica-peixe com persuasiva, com supplicante instancia:

— Então, Martinho!... então, Martininho!?!...

A estas palavras, o passaro, erguendo a cabeça, olhando-o de soslaio, disse-lhe de papo, em um tom sacudido e sêcco:

— Não é Martinho, é Rouxinol.

O que nós rimos!

O pica-peixe, aggressivo, de olhos arregalados, pennas em pé, arremettendo com o bico minaz para fora da gaiola, repetia n'uma convulsão de magistrado em colera:

— Não é Martinho, é Rouxinol!

Dos olhos azues do rei trasbordava a triumphantte alegria, commovedoramente sympathica, de ter feito falar para mim o seu pica-peixe. E essa involvidavel intervista acabou na mais communicativa e mais desopilante gargalhada, a qual, pela minha parte, eu vim cacarejando pelas casas fora, como uma gallinha com flato, até a porta da rua.

Refiro este facto, apesar do caracter intimo que elle tem, por me parecer que n'elle se revela o bom homem e o homem do mundo, mais perfeitamente do que em todas as affirmações abstractas que eu pudesse fazer a respeito do rei D. Luiz.

A bonhomia era, porcerto, a sua qualidade fundamental. Por isso, a mais invejavel gloria d'este principe, hoje immobilizado para sempre na solemnidade da morte, será a de merecer aos seus mais encarniçados detractores a mesma adversativa que na Biblia se acha enunciada pelos da Syria a respeito dos seus inimigos d'Israel: *Ouvimos, porém, que os reis d'essa casa têm por si a clemencia.*

Dezembro 1889.

#### XXXIV

A crise politica e social que o paiz n'este momento atravessa expõe-se em breves palavras. Uma potencia estrangeira assignalada pelos instinctos de mercantilismo e de capacidade que caracterizam a sua missão historica, disputa-nos palmo a palmo e dia a dia a posse do nosso dominio colonial. Esse



dominio, de que não queremos desfazer-nos, porque é por elle que se affirmam os nossos direitos tradicionaes de velha nação maritima e gloriosa, custa-nos innumeros sacrificios. O imperio colonial é o brazão da nossa raça, a qual todavia carece de meios necessarios para manter esse luxo heraldico. Ou bem o escudo de nossos paes á porta, ou bem o pão de nossos filhos na mesa.

Á sombra d'esta anomalia organica, permanente, fundamental no equilibrio da nossa economia, crescem e desenvolvem-se, por parasitismo ou por contagio de dissipação, mil d'essas pequenas desordens em que cada vez mais se afundam assim as nações como os individuos que principiam a gastar mais do que teem.

Esta situação de um provisorio indefinido, extremamente propicio ás variadas explorações da usura, a toda a especie de negociatas, de emprestimos, de supprimentos e de estorvos, rodeia-nos permanentemente, quer na politica interna, quer na politica exterior de uma chusma comichosa, zumbidora, impertinentissima, de onzeneiros, de atravessadores, de troquilhas, de alviçareiros, de testas de ferro, de cabeças de páu, de alcayotes, de chatins, de ciganos, de especuladores enfim e de parasitas de toda a especie.

Apparece-nos invariavelmente em cada anno um

judeu novo, que vem ao lambisco, propondo-nos mais um cambalacho para a collecção.

Já não era pequena a carga de vexames por que nos tinha feito passar a nossa solidariedade moral com tão más companhias, quando recentemente Sua graça o Duque de Fife, illustre e venerando chefe da tremenda corporação dos *principes mercatores* da Grã-Bretanha, se dignou de lançar sobre a Africa portugueza a cupidez do seu olhar, especie de bomba aspirante geralmente empregada em sugar a substancia pecuniaria de todos os grandes monopolios do Reino Unido. D'ahi, os nossos recentes desgostos: o *Ultimatum*, que é uma declaração de guerra, e o *Convenio*, que é uma imposição do vencedor ao vencido como consequencia de uma derrota.

Nós tínhamos antigamente para quebrar lanças nas estacadas e para vencer batalhas a nossa *ala dos namorados*. A Inglaterra tem hoje os seus *Cavallos de S. Jorge* postos em pé de paz ou em pé de guerra em infundaveis esquadrões de libras esterlinas manobrando para avançar ou para fugir á voz dos seus banqueiros. Velhos paladinos descacados e trôpegos, creados, com instinctos ideaes, na tradição poetica de outras armas e de outros recontros, é evidente que não nos resta que fazer hoje ao balcão d'estes senhores senão receber os tratos

a que elles deliberarem submetter-nos sob a rija lombada dos borradores e dos livros de caixa que n'essa gloriosa nação substituem ao mesmo tempo os pergaminhos de casta e os arremessos de guerra.

E todavia, perante o revés por que passamos, um irado clamor de descontentamento unanime e profundo echoou no paiz inteiro. O conflicto internacional é apenas um pretexto para semelhantes manifestações. O mal-estar de todos tem causas organicas mais complexas e mais intimas. O empobrecimento do thesouro e o da moralidade politica chegou ao mais agudo estado de penuria a que pode levar o impudor dos caracteres e o desperdicio da fazenda publica. Começa-se a vêr de perto o limite que teem os expedientes financeiros como fontes de receita publica, e o carneiro guisado com batatas como expressão da vontade nacional.

A parlamentarice dos ultimos vinte annos tem absorvido completamente no espirito dos nossos estadistas o tempo que deveria ser consagrado á direcção dos serviços publicos. A educação nacional na parte em que o Estado n'ella intervem, nunca desceu mais baixo. As mais graves questões relativas á lavoura, á industria, ao commercio, não estão resolvidas nem estudadas. O imposto augmenta de anno para anno n'uma progressão insus-

tentavel. Finalmente a desmoralisação dos costumes políticos chegou a uma impudencia que escandalisa os mais latitudinarios, inficionando mais ou menos profundamente pela infiltração do seu virus todas as camadas sociaes desde as mais altas até as mais humildes. Está-se perdendo de todo na sociedade portugueza o amor do trabalho, o espirito de applicação, o zêlo profissional, a paciencia, a perseverança, a lenta economia. Tudo se faz á pressa, atabalhoadamente. São mal feitas as leis, são mal feitos os predios, são mal feitos os móveis. Já não ha para o que quer que seja nem bons discipulos nem bons mestres. Sente-se que se está n'um periodo de transição, que tudo se vae transformar amanhã, ou depois, por que evidentemente, *isto não pode continuar assim*. E todos estamos mais ou menos á *espera*, inquietos, nervosos, vagamente nostalgicos, desapegados de tudo, immobilisados para todo o trabalho serio por essa paralisação terrivel da vontade, que cada um traduz pela phrase: «Não vale a pena.»

O que esperam todos aquelles que ainda amam a patria é — para que o digamos n'uma só palavra — a Revolução, a qual mais tarde ou mais cedo será feita pelo povo ou pelo exercito por via da sublevação, se antes d'isso estadistas sabios, honestos e valorosos a não fizerem por via de uma dictadura.

É esta a occasião mais propicia de proceder a uma remodelação completa da nossa politica, creando um novo partido nacional, independente de todos os compromissos e de todas as solidariedades vigentes, inaugurando o novo reinado com um novo governo de desforra e de reabilitação, reconstituindo os costumes publicos pela reconcentração de cada um na responsabilidade e no dever, pela reorganisação do trabalho convicto e constante, pelo respeito da competencia, pelo estabelecimento da educação nacional, pela ordem administrativa e financeira, pela economia, pela probidade, pela perseverança, pelo sacrificio, pela prática emfim de todas essas humildes virtudes profissionaes e domesticas, cujo conjunto representa o valor dos Estados pelo valor integrado dos individuos que os constituem.

Se o recente conflicto africano puder dar occasião a esse movimento, nós não teremos, qualquer que seja o resultado das negociações com a Inglaterra, senão que agradecer-lhe o haver-nol-o suggerido por mais um d'esses actos com que ella successivamente alarga a vastidão dos seus dominios sobre a superficie da terra, deshonrando triumphantemente a Civilisação, e esbofeteando a Providencia.

Outubro 1890



## INDEX DO TOMO XI

|   |     |
|---|-----|
| I A instrucção secundaria na camara dos deputados.....  | 5   |
| II As opiniões perante a imprensa — Os habitos intellectuaes. — O nosso criterio.....   | 82  |
| III A epistolographia internacional. — O Santo Padre. — O imperador de Allemanha. — O conde de Chambord. — O sr. D. Miguel de Bragança. | 87  |
| IV Reabertura da oratoria.....  | 97  |
| V Epistola ao governador civil de Lisboa sobre os aspectos da cidade.....   | 100 |
| VI Pomposa inauguração da <i>Era das perseguições politicas</i> .....   | 105 |
| VII Uma pagina das Memorias do Rei Kalakana....   | 112 |
| VIII A commemoração funebre da morte de D. Pedro IV.....  | 123 |
| IX O aspide da monarchia na cidade do Porto....   | 127 |
| X Uma victima. — Assalto á poesia lyrica.....   | 134 |
| XI O Mecenas portuguez.....   | 142 |
| XII O rei de Hispanha em Lisboa.....  | 145 |

|        |  |     |
|--------|--|-----|
| XIII   | A recepção do rei de Castella.....   | 153 |
| XIV    | A grande festa nacional.....   | 161 |
| XV     | O banquete dos archeologos.....  | 163 |
| XVI    | Sobre a exposição de arte ornamental.....  | 167 |
| XVII   | Sua excellencia o presidente da vereação municipal.....  | 171 |
| XVIII  | O que nos dizem de Pernambuco.....   | 182 |
| XIX    | A opinião da Egreja lusitana sobre o progresso das Sciencias.....  | 187 |
| XX     | Os hospitaes de Lisboa e do Porto.....   | 190 |
| XXI    | Sobre o uso das botas na provincia do Minho..  | 199 |
| XXII   | A bestinha da governação.....  | 204 |
| XXIII  | Mais uma vista d'olhos á camara dos senhores deputados.....  | 209 |
| XXIV   | O celibato ecclesiastico perante a imprensa....  | 225 |
| XXV    | A villegiatura balnear.....  | 229 |
| XXVI   | Um professor homem politico.....   | 241 |
| XXVII  | Ao illustre Angeja.....  | 248 |
| XXVIII | A Revolução em Lisboa.....   | 252 |
| XXIX   | Ao rei Amadeu.....   | 254 |
| XXX    | Aspectos de verão. A feira das Amoreiras. — O Jardim Zoologico.....  | 262 |
| XXXI   | A gymnastica.....  | 268 |
| XXXII  | Triste comêço d'anno. — O infante D. Augusto. A imperatriz do Brazil, a imperatriz da Allemanha, o duque de Aosta Julio Machado Francisco Palha..... | 273 |
| XXXIII | O defuncto rei D. Luiz.....  | 284 |
| XXXIV  | A ultima crise.....  | 310 |

MJ-17



